

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

**Prevenindo fracasso escolar: comparando o
autoconceito e desempenho acadêmico de filhos de
mães que trabalham fora e donas de casa**

Sabrina Mazo D'Affonseca

SÃO CARLOS - SP

Fevereiro, 2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

**Prevenindo fracasso escolar: comparando o
autoconceito e desempenho acadêmico de filhos de
mães que trabalham fora e donas de casa**

Sabrina Mazo D'Affonseca

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte integrante dos requisitos necessários para Exame de Defesa de Dissertação.

Área de concentração: Atenção primária e secundária em Educação Especial: prevenção de deficiências

SÃO CARLOS - SP

Fevereiro, 2005

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

D124pf

D'Afonseca, Sabrina Mazo.

Prevenindo fracasso escolar: comparando o autoconceito e desempenho acadêmico de filhos de mães que trabalham fora e donas de casa / Sabrina Mazo D'Afonseca. -- São Carlos : UFSCar, 2005.

168 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2005.

1. Educação Especial. 2. Autoconceito. 3. Mães e filhos - relações. 4. Rendimento escolar. I. Título.

CDD: 371.9 (20^a)

Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth Joan Barham

Apoio Financeiro: CNPq

Para todas as mães que enfrentam diariamente os desafios de educar um filho. Em especial a minha querida mãe, Maria Amélia, pelo carinho e dedicação que me tem prestado por todos esses anos.

Agradecimentos

A conclusão de um trabalho só é conseguida devido à colaboração de diversas pessoas, sem as quais nada poderia ser feito. Nada mais justo que agradecer a todas as pessoas que me auxiliaram nessa jornada pelas valiosas colaborações práticas ou emocionais. Meus sinceros agradecimentos a todas as mães e crianças que participaram desta pesquisa por sua inestimável colaboração. Sem vocês nada poderia ter sido realizado!

À Profa. Dra. Elizabeth Joan Barham que acreditou nesse projeto e com paciência e compreensão apoiou-me e orientou-me.

À Profa. Dra. Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams e ao Prof. Dr. Almir Del Prette pelas preciosas contribuições dadas no exame de qualificação.

À Profa. Dra. Maria Stella de Alcântara Gil e Profa. Dra. Cláudia M. Simões Martinez pelas valiosas contribuições oferecidas ao meu projeto na disciplina Seminário em Educação Especial.

Aos amigos e amigas do mestrado que compartilharam comigo as angústias e alegrias de cursar a pós-graduação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial – professores e funcionários – pela ótima experiência que tive enquanto discente.

Ao CNPq pelo apoio financeiro.

À Fátima Migliati pela prestimosa ajuda em favorecer o contato com a instituição de ensino.

À Marise Bragatto Nave que acreditou nesse projeto e permitiu que o mesmo fosse realizado.

Aos professores Aline, Dulcilia, Elisabeth, Joaquim, José Manoel, Maria de Fátima, Maria Isabel e Renata que gentilmente cederam espaço de suas aulas para podermos coletar os dados necessários.

A todos os funcionários do Centro Educacional SESI-407 que nos acolheram e nos auxiliaram na condução dessa pesquisa.

À querida amiga Fabiana Cia pelo companheirismo, atenção e por toda ajuda e contribuições prestadas para a condução desse projeto.

Ao meu grande companheiro Glaucio pelo incentivo, pela força, pelo carinho e amor dedicados a mim durante esses anos.

Aos meus irmãos Fernando e Maurício e “irmãs” Carla, Alessandra e Vanessa que, mesmo à distância, sempre acreditaram que eu poderia chegar mais longe.

À Neusa Yvette Bonadio Lopes que despertou em mim a paixão pela educação.

A minha querida mãe e ao Dimas por todo apoio, carinho, paciência e confiança.

A meu pai que me ensinou que com fé e honestidade conseguimos realizar nossos sonhos.

A Deus, Pai criador, que me ilumina e me ampara.

A todos que nesta jornada acreditaram no meu potencial e me auxiliaram de inúmeras formas.

SUMÁRIO

RESUMO.....	i
ABSTRACT	iii
LISTA DE TABELAS	v
LISTA DE FIGURAS	x
LISTA DE ANEXOS.....	xi
INTRODUÇÃO.....	1
Fatores extra-escolares associados com problemas de aprendizagem	1
A importância da família para o desenvolvimento da criança	3
O papel da mãe	8
O desempenho escolar: Importância do envolvimento das mães	9
Autoconceito e auto-estima	12
Ingresso da mulher no mercado de trabalho.....	17
Mudanças na dinâmica familiar.....	18
Condições físicas e psicológicas das mulheres que trabalham fora	21
Relações entre o trabalho da mulher e a dinâmica familiar.....	26
OBJETIVOS.....	29
MÉTODO	30
Coleta de dados com as mães	30
<i>Participantes</i>	30
<i>Critério para participar na pesquisa</i>	33
<i>Aspectos Éticos</i>	34
<i>Local</i>	34
<i>Instrumentos</i>	37
<i>Procedimento</i>	40
<i>Procedimento de análise dos dados</i>	41
Coleta de dados com os filhos	42
<i>Participantes</i>	42
<i>Medidas avaliativas</i>	43
<i>Teste de Desempenho Escolar</i>	43
<i>Questionário para Avaliação do Autoconceito</i>	43
<i>Questionário sobre a Relação da Mãe e Filho, na Visão do Filho</i>	44
<i>Local</i>	44

<i>Procedimento</i>	44
<i>Procedimento de análise dos dados</i>	47
<i>Teste de Desempenho Escolar</i>	47
<i>Questionário para avaliação do autoconceito</i>	47
<i>Questionário de Interação familiar</i>	47
<i>Comparação dos grupos de participantes</i>	48
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	49
Análise exploratória da consistência interna dos itens da escala	49
Mulheres que trabalhavam fora	56
Estresse.....	64
Vida familiar.....	67
Questões envolvidas na opção de trabalhar fora	69
Interação familiar com os filhos, segundo as mães	78
Participação das mães nas atividades acadêmicas e de lazer dos filhos.....	87
Relação entre as condições de trabalho das mães que trabalhavam fora e seu envolvimento com seus filhos	89
Relação entre estresse e custos pessoais das mães e envolvimento com os filhos.....	90
Relação entre os diferentes aspectos da participação materna	93
Participação das mães na vida escolar dos filhos	95
Desempenho acadêmico	102
Relações entre diferentes aspectos da interação materna e o desempenho escolar dos filhos.....	103
Comunicação mãe-filhos, segundo os filhos	104
Autoconceito.....	105
Relações entre o autoconceito e desempenho acadêmico	107
Relações entre diferentes aspectos da interação materna e o desempenho escolar dos filhos.....	108
CONCLUSÕES.....	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	118

RESUMO

Pesquisadores na área de educação especial têm mostrado que vários fatores fora do sistema escolar podem levar ao desenvolvimento de problemas de aprendizagem. Relacionamentos familiares de baixa qualidade, por exemplo, dificultam a construção saudável das diferentes facetas do autoconceito das crianças, o que pode, por sua vez, desfavorecer seu desempenho escolar. Dessa forma, existem muitas críticas em relação à maneira como os pais –sobretudo as mães – dividem sua atenção entre seus filhos e outros compromissos. Hoje, a maior parte das mulheres casadas faz parte de uma de duas categorias: as que dedicam a maior parte do seu tempo à família e ao lar e as que dividem seu tempo entre a família, o lar e o trabalho remunerado. Ambas as opções trazem vantagens e desvantagens à tarefa de ser mãe. Para mulheres que trabalham fora, a alta demanda de tempo para cumprir as obrigações familiares e profissionais é um fator de estresse que pode comprometer a qualidade do relacionamento com os filhos. Por outro lado, em muitas das famílias com uma mãe dona de casa, os recursos financeiros são menores e as mulheres possuem níveis inferiores de auto-estima e saúde do que as mulheres que trabalham fora, o que pode diminuir a qualidade de seus comportamentos parentais. Nesse estudo, objetivou-se: a) adaptar instrumentos já existentes para avaliar as condições de trabalho, bem-estar psicológico e a participação materna na educação dos filhos; b) comparar mães donas de casa e mães que trabalham fora no que diz respeito à frequência de vários tipos de envolvimento com seus filhos; e c) investigar a associação entre a frequência dessas interações e três medidas que refletem a adequação de certos aspectos do desenvolvimento dos seus filhos (autoconceito, desempenho acadêmico e as percepções das crianças da relação mãe e filho). Este trabalho contou com a participação de 60 pares de mães e filhos - 23 mães que trabalhavam fora e 37 mães donas de casa. A média de idade entre as mães foi de 36,5 anos. As crianças estavam ou na 5ª ou na 6ª série, com média de idade de 11,9 anos. A coleta de dados envolveu o preenchimento do “*Questionário sobre a percepção materna a respeito do relacionamento familiar e de seu bem-estar*” pelas mães e a avaliação das crianças usando o “*Teste de Desempenho Escolar*”, o “*Questionário para avaliação do Autoconceito*” e o “*Questionário sobre a Relação da Mãe e Filho, na Visão do Filho*”. Em relação às mães, ambos os grupos relataram que usam, com alta frequência, grande parte dos comportamentos desejáveis ao bom relacionamento familiar, havendo poucas diferenças estatisticamente significativas

entre os grupos. Em relação às crianças, também não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre aquelas cujas mães eram donas de casa e aquelas cujas mães trabalhavam fora, no que diz respeito ao seu desempenho acadêmico, seu autoconceito ou as avaliações da frequência de interações com suas mães. Estes resultados indicam que não havia uma relação entre estas três medidas do bem-estar das crianças e o vínculo das mães com o mercado de trabalho. No entanto, as correlações mostram que alguns aspectos da frequência da interação das mães com seus filhos contribuem positivamente para a formação do autoconceito acadêmico dos mesmos, o qual, por sua vez, está relacionado positivamente com o desempenho acadêmico das crianças. Assim, a frequência do envolvimento das mães na vida de seus filhos, por si só, e não o fato de ser dona de casa ou trabalhar fora, parece ser um importante fator para o desenvolvimento de um autoconceito positivo e a obtenção de sucesso acadêmico, entre as crianças.

Palavras-chaves: mães que trabalham fora, mães dona de casa, envolvimento materno, desempenho acadêmico, autoconceito.

ABSTRACT

Researchers in the area of special education have shown that various factors outside the school system can lead children to develop learning problems. Poor quality family relationships, for example, can interfere with the healthy development of the various facets of a child's self concept which, in turn, can lower the child's academic achievement. As such, many criticisms are made concerning the way that parents – especially mothers - divide their attention between their children and other involvements. Presently, most married women fall into one of two categories: some dedicate the great majority of their time to caring for their family and homes, while others divide their time between their family, homes and paid employment. Both options bring advantages and disadvantages to the task of parenting. For working mothers, the great amount of time required to meet both family and professional obligations is a source of stress, which can compromise the quality of parent-child relationships. On the other hand, in many families in which the mother is a housewife, financial resources are fewer and the women have lower self-esteem and poorer health than women who have paid employment, which can reduce the quality of their parenting behaviors. The objectives of this study were to: a) adapt existing instruments to evaluate work conditions, psychological wellbeing and the mothers' involvement in bringing up their children; b) compare housewives and women who have paid employment with respect to the frequency of various types of involvements with their children; and c) investigate the relationship between the frequency of these interactions and three measures that reflect the adequacy of certain aspects of their children's development (self-concept, academic achievement and the children's perceptions of the mother-child relationship). Participants included 60 mother-child pairs -- 23 mothers with paid employment and 37 housewives. The average age of the mothers was 36.5 years. The children were in either fifth or sixth grade, with an average age of 11.9 years. The mothers responded to the "*Mother's vision about her family interaction and well being Questionnaire*", and the children were evaluated using Portuguese versions of the "*Academic Achievement Test*", the "*Self-Description Questionnaire I*" (SDQI) and the "*Mother-Child Relationship Questionnaire – Child's Vision*". With respect to the mothers, both groups reported that they make frequent use of the majority of the parenting behaviors that lead to healthy family relationships, with very few statistically significant differences appearing between the two groups. With respect to the children, there were no statistically significant differences between those whose mothers were housewives and

those whose mothers had paid employment, in terms of their academic achievement, self-concept or their evaluations of the frequency of their interactions with their mothers. These results indicate that there was no relationship between these three measures of the children's wellbeing and their mothers' employment status. However, correlations showed that the frequency of some types of maternal interaction make a positive contribution to the development of their children's academic self-concept, which, in turn, is positively related to their academic achievement. Thus, the frequency of the mothers' involvement in their children's lives, in and of itself, and not her status as a housewife or a working mother, seems to be an important factor for the development of a positive self-concept and achievement of academic success, among their children.

Key words: mothers with paid employment, housewives, mothers' involvement, academic achievement, self-concept.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Caracterização das participantes em relação à idade, idade que se casou, tempo de união e número de filhos.....	30
Tabela 2. Estado civil das participantes	31
Tabela 3. Renda familiar das participantes.....	32
Tabela 4. Escolaridade das participantes.....	32
Tabela 5. Religião das participantes.....	33
Tabela 6. Conteúdo das entrevistas usadas com mães donas de casa e que exerciam atividade remunerada fora do lar.....	38
Tabela 6a.Continuação do conteúdo dos questionários usados com mães donas de casa e que exerciam atividade remunerada fora do lar	39
Tabela 7. Idade do filho alvo.....	42
Tabela 8. Sexo e escolaridade dos filhos.....	42
Tabela 9. Escala do grau de satisfação com o trabalho: Análise de componentes principais	49
Tabela 10. Escala do grau de satisfação com o tempo disponível para realizar atividades na vida familiar e pessoal: Análise de componentes principais	51
Tabela 11. Escala de frequência com a qual as mães sofriam com Estresse: Análise de componentes principais	51
Tabela 12. Escala de concordância/discordância das mães a respeito da adequação do seu desempenho no papel familiar: Análise de componentes principais.....	52
Tabela 13. Escala do grau de satisfação com o apoio dos familiares para a realização de tarefas domésticas: Análise de componentes principais.....	53
Tabela 14. Escala do grau de participação da mãe nos cuidados com o filho: Análise de componentes principais	53
Tabela 15. Escala do grau de participação do pai nos cuidados com o filho, segundo as mães: Análise de componentes principais.....	54
Tabela 16. Escala de comunicação entre mãe e filho, na visão das mães: Análise de componentes principais	55

Tabela 17. Escala de interação do filho com a mãe, segundo a mãe: Análise de componentes principais	55
Tabela 18. Escala do grau de participação da mãe nas atividades escolares, culturais e de lazer: Análise de componentes principais	56
Tabela 19. Pessoa responsável pelos cuidados dos filhos enquanto as mães trabalhavam (N = 22 ⁺).....	57
Tabela 20. Satisfação das mães em relação a essas pessoas no cuidado de seus filhos (N = 18 ⁺).....	58
Tabela 21. Função exercida pelas mulheres que trabalhavam fora (N = 24)	58
Tabela 22. Importância do papel do trabalho para a identidade (N = 23 ⁺)	59
Tabela 23. Grau de satisfação com o trabalho (N = 22 ⁺)	60
Tabela 24. Percepção de sobrecarga de trabalho (N = 22 ⁺)	61
Tabela 25. Custos no trabalho: Frequência de diferentes dificuldades no desempenho profissional	62
Tabela 26. Adequação do ambiente interpessoal de trabalho (N = 19 ⁺)	63
Tabela 27. Estresse (N = 59 ⁺).....	65
Tabela 28. Custos pessoais: Grau de satisfação com relação à quantidade de tempo disponível para realizar atividades na vida pessoal ou familiar (N = 55 ⁺).....	66
Tabela 29. Grau de concordância/discordância das mães, a respeito da adequação do seu desempenho no papel familiar: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 60)	67
Tabela 30. Grau de satisfação com o apoio dos familiares para realização de tarefas domésticas: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 57 ⁺).....	68
Tabela 31. Vantagens de trabalhar fora, segundo mulheres que exerciam atividade remunerada fora do lar (N = 18 ⁺)	70
Tabela 32. Desvantagens de trabalhar fora, segundo mulheres que exerciam atividade remunerada fora do lar (N=17 ⁺)	71
Tabela 33. Vantagens de ser dona de casa, segundo mulheres que exerciam atividades no lar (N = 23 ⁺).....	71
Tabela 34. Desvantagens de ser dona de casa, segundo mulheres que exerciam atividades no lar (N = 20 ⁺)	71

Tabela 35. Percepção das mães que trabalhavam fora, a respeito do que o filho achava de sua opção (N = 23 ⁺).....	72
Tabela 36. Percepção das mães donas de casa, a respeito do que o filho achava de sua opção (N = 30 ⁺)	72
Tabela 37. Dificuldades enfrentadas pelas mulheres que trabalhavam fora (N = 20 ⁺)	73
Tabela 38. Dificuldades enfrentadas pelas mulheres para ser dona de casa (N = 28 ⁺)	74
Tabela 39. Dificuldades enfrentadas, atualmente, pelas mulheres que trabalham fora (N = 18 ⁺)	74
Tabela 40. Dificuldades enfrentadas, atualmente, pelas mulheres dona de casa (N = 31 ⁺) ..	75
Tabela 41. Grau de satisfação das entrevistadas com a divisão de tempo entre trabalho e família: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 42 ⁺)	76
Tabela 42. Importância atribuída à opinião dos maridos, pais e amigos, a respeito do fato de trabalhar fora (N = 60).....	77
Tabela 43. Como gostaria de estar dividindo o tempo: Mulheres que trabalhavam fora (N = 13 ⁺).....	77
Tabela 44. Como gostaria de estar dividindo o tempo: Donas de casa (N = 31 ⁺).....	77
Tabela 45. Frequência de comunicação com o filho (N = 60)	79
Tabela 46. Grau de participação da mãe nos cuidados com o filho (N = 60)	80
Tabela 47. Grau de participação do pai nos cuidados com o filho, segundo as mães: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 60).....	81
Tabela 48. Porcentagem das mulheres que disseram existir uma diferença entre ela e o marido na maneira de educar o filho: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 60)	82
Tabela 49. Comportamentos do filho que as mães disseram lhes agradar: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 53 ⁺)	83
Tabela 50. O que as mães relataram fazer quando percebiam que haviam feito algo errado com o filho: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 52 ⁺).....	85
Tabela 51. Frequência de interação do filho com a mãe, segundo as mães: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 60)	86

Tabela 52. Frequência da participação da mãe nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 60)	88
Tabela 53. Relação entre as condições de trabalho das mães que trabalhavam fora e o envolvimento com os filhos	89
Tabela 54. Relação entre o estresse e os custos pessoais/familiares por parte das mães e a seu envolvimento com os filhos: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa.....	91
Tabela 55. Relação entre o apoio dos familiares e o envolvimento das mães com seus filhos: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa.....	92
Tabela 56. Relação entre a participação da mãe nos cuidados com o filho e outros aspectos do seu envolvimento com os filhos: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa.....	93
Tabela 57. Relação entre a participação o tempo que a mãe passa com o filho e outros aspectos do seu envolvimento com os filhos: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa.....	94
Tabela 58. Relação entre a comunicação da mãe com o filho e outros aspectos do seu envolvimento com os filhos: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa	94
Tabela 59. Relação entre a interação do filho com a mãe e a participação da mãe nas atividades dos filhos: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa	95
Tabela 60. Frequência com a qual as mães disseram participar das reuniões escolares: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 52 ⁺)	96
Tabela 61. Frequência de contato que as mães possuíam com os professores dos filhos: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa.....	97
Tabela 62. Descrição da rotina diária de seu filho em relação aos estudos, pelas mães que trabalhavam fora e mães donas de casa (N = 38 ⁺)	100
Tabela 63. Percepção da mãe a respeito do desempenho acadêmico do filho: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 44 ⁺).....	101
Tabela 64. Desempenho dos alunos no <i>Teste de Desempenho Escolar</i> (N = 60)	102

Tabela 65. Relação entre os diferentes aspectos de interação materna e o desempenho acadêmico dos filhos: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa	103
Tabela 66. Frequência de comunicação com a mãe: Comparação dos filhos de mães que trabalhavam fora com as de mães donas de casa (N=60).....	104
Tabela 67. Desempenho dos alunos no <i>Questionário para avaliação do autoconceito</i> (N = 60)	106
Tabela 68. Relação entre o autoconceito e o desempenho acadêmico dos filhos	108
Tabela 69. Relação entre os diferentes aspectos de interação materna e o autoconceito dos filhos	109

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Modelo hierárquico do autoconceito, proposto por Shavelson, Hubner e Stanton (1976).	15
Figura 2. Porcentagem de crianças que possuíam ambiente específico para estudo, segundo as mães.	98
Figura 3. Porcentagem de respostas afirmando a presença de ruídos no ambiente de estudo.....	99
Figura 4. Porcentagem de respostas reconhecendo a ocorrência de atividades paralelas no ambiente de estudo.	99

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1: Termo de consentimento livre e esclarecido - mães.....	129
ANEXO 2: Termo de consentimento livre e esclarecido - filhos.....	131
ANEXO 3: Questionário de Interação Familiar – Mães que trabalham fora	133
ANEXO 4: Questionário de Interação Familiar – Mães donas de casa	145
ANEXO 5: Questionário de Interação Familiar - Filhos.....	153
ANEXO 6: Resumo do desempenho dos alunos no TDE entregue aos professores.....	155
ANEXO 7: Modelo do resumo entregue às mães a respeito do desempenho do filho no TDE	159
ANEXO 8: Folder – Como lidar com o estresse	163
ANEXO 9: Folder – Conflitos interpessoais	165
ANEXO 10: Folder – Como auxiliar o filho nos estudos	167

INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou avaliar a correlação entre diferentes variáveis (participação da mãe, desempenho escolar dos filhos e autoconceito dos mesmos), e, para isso utilizou-se de várias linhas teóricas - entre elas, Psicologia Social, Análise do Comportamento e Terapia Cognitiva - para tentar compreender os dados obtidos.

Fatores extra-escolares associados com problemas de aprendizagem

Ao processo de industrialização e a implementação da escolarização obrigatória ocorridos no século XX, soma-se a introdução de novas demandas sociais. Como consequência, observa-se a incapacidade de parcela da população atender às demandas do atual sistema escolar (por exemplo, baixa frequência de crianças às aulas, fracasso escolar etc.). A história da Educação Especial, então, assiste a um aumento no número de crianças diagnosticadas com deficiências leves ou menos perceptíveis, sobretudo nas áreas de desenvolvimento intelectual, lingüístico e sócio-emocional, sem evidências de disfunções orgânicas (Mendes, 1995).

Apesar dos questionamentos levantados a respeito da definição e dos critérios usados para identificar a clientela portadora de necessidades educativas especiais, não podemos nos furtar a oferecer serviços de qualidade a essa população. A Organização das Nações Unidas (ONU) estima que aproximadamente 15 em cada 100 crianças dos países em desenvolvimento necessitam de educação especializada ou de algum tipo de reabilitação (Pichorim, 1994). No entanto, 70% das crianças com deficiências sofrem atrasos no seu desenvolvimento, não em função de problemas no processo educativo em si, mas em função de problemas fora do âmbito escolar. Esses problemas incluem a desinformação, falta de saneamento básico, precariedade dos serviços de saúde, desnutrição e outras carências diversas (Pichorim, 1994). Logo, prevenção vem a ser o

ponto fundamental ao qual devemos nos remeter para diminuir a incidência de portadores de necessidades educativas especiais, e, assim, oferecer serviços de qualidade para os mais necessitados de uma atenção educativa especial. Todavia, para se falar em prevenção, deve-se primeiro considerar os fatores de risco ao desenvolvimento saudável de uma pessoa. Estes fatores podem ser biológicos ou psicossociais.

Segundo Nunes (1995), pode-se dizer que determinados atributos biológicos e algumas variáveis ambientais representam fatores de risco quando há uma probabilidade maior de crianças nessas condições vir a apresentar um distúrbio ou um atraso no desenvolvimento. Os fatores biológicos variam desde anomalias cromossômicas a infecções viróticas, traumatismo no parto e exposição a elementos químicos (Nunes, 1995). Geralmente, é mais fácil identificar a criança portadora de risco biológico, permitindo uma intervenção precoce.

Já os fatores de risco psicossociais englobam uma gama de variáveis demográficas e processuais. As variáveis demográficas incluem pais com ocupações de baixa renda ou baixo status social, baixo nível intelectual e de escolaridade da mãe, doença mental crônica da mãe, ordem de nascimento da criança, grande número de irmãos e desorganização familiar.

As variáveis processuais incluem rigidez de atitudes dos pais, crenças e valores da mãe quanto ao desenvolvimento da criança (que destacam a obediência mais do que outras qualidades), alto nível de ansiedade da mãe, organização inadequada do ambiente físico e temporal do lar, baixa complexidade da linguagem falada no domicílio, pais que usam práticas educativas autoritárias, carência de apoio familiar, sentimento de falta de controle dos eventos da vida por parte dos pais, ocorrência de muitos eventos estressantes na vida familiar da criança e baixa frequência de interações afetivas positivas da mãe com a criança durante a primeira infância (Nunes, 1995).

A esses fatores de risco, Hallahan & Kauffman (2000) e Guralnick (1998) acrescentam a pobreza, nutrição precária, a entrada da mãe na maternidade enquanto adolescente, cuidados pré-natais inadequados, anemia durante a gestação da criança, abuso de substâncias por parte da mãe, baixo peso da criança ao nascer e exposição à violência.

Ao mesmo tempo, Nunes (1995) indica que a presença de determinados fatores na história de uma criança não leva inevitavelmente a problemas de desenvolvimento - ou a problemas escolares, mais especificamente - uma vez que o peso de cada fator de risco é variável. A maioria dos fatores de risco, quando ocorrem isoladamente, não possuem uma relação significativa com problemas de desenvolvimento (validade preditiva). Além disso, a presença de riscos aumenta a chance de problemas de desenvolvimento, mas não necessariamente resulta neste diagnóstico, e a quantidade, mais do que a natureza, dos riscos prediz a excepcionalidade da criança. Contudo, devemos ficar alerta a respeito da condição em que se encontram as nossas crianças e que tipo de educação as famílias estão oferecendo a elas.

A importância da família para o desenvolvimento da criança

A saúde e o bem-estar de cada pessoa dependem do equilíbrio entre o indivíduo e as exigências do meio no qual está inserido, ou seja, da família, do trabalho e das redes sociais. Mas a família é a variável central que afeta o equilíbrio psíquico da criança, necessário para seu pleno desenvolvimento (Dueñas, *in* Vallejo-Nágera, 2000).

A família é o primeiro grupo social e a primeira forma de relação social da criança (Martorano, 2001; Knobel, 1996). Assim, delega-se a ela um papel central no desenvolvimento das pessoas, uma vez que, durante muitos anos, é o principal ambiente no qual ela cresce e, além disso, age como chave ou filtro que determina a abertura da criança a outros contextos (Martorano, 2001; Knobel, 1996; Moreno & Cubero, 1995). No

contexto familiar, o indivíduo tem sua sobrevivência física garantida e realiza as aprendizagens básicas necessárias para o desenvolvimento dentro da sociedade (aprendizagem do sistema de valores, da linguagem, do controle da impulsividade etc.). Por meio de diferentes mecanismos (por exemplo, recompensas e castigos recebidos pela criança; observação e imitação de comportamentos de outros familiares; identificação com outros membros da família) a criança desenvolve determinadas características psicológicas (Knobel, 1996; Moreno & Cubero, 1995), sendo que o relacionamento familiar possui um papel central em construir o autoconceito e a auto-estima da criança, além de ter um impacto muito significativo nos seus comportamentos sociais, éticos, morais e cívicos (Knobel, 1996). Um objetivo muito importante que a família visa é o de preparar as crianças para serem independentes, capazes de constituir sua própria vida familiar, contribuir no mercado de trabalho e participar na vida em comunidade (Senior Status of Women Officials, 1993).

Czwienzek (2001) considera que a maneira como cada um dos membros da família se comunica e as atitudes adotadas afetam a conduta das crianças em relação às tarefas que realizam e o grau de satisfação que estas atividades produzem. Ou seja, dependendo da forma como o grupo familiar se estrutura e da dinâmica que se estabelece, ele pode funcionar como facilitador ou dificultador do ajustamento de seus membros. Moraes (1997) descreve alguns aspectos da dinâmica familiar que contribuem para o ajustamento de seus membros:

1. Comunicação. Comportamentos verbais e não verbais manifestados por duas pessoas: (1) emissor e (2) receptor. É necessário que ela seja clara, congruente e com direcionalidade e carga emocional adequadas;

2. Regras familiares. Normas que regulam o comportamento dos componentes da família. Devem levar em conta quatro dimensões: (a) explicação, (b) coerência, (c) flexibilidade, e (d) democracia.
3. Papéis familiares. Considerando que a família contribui para o ajustamento do indivíduo na medida em que possibilita que cada membro conheça e desempenhe seu papel específico, torna-se necessário que cada membro assuma papéis definidos e adequados, sem estereotipia e rigidez.
4. Liderança. Para que o crescimento emocional dos membros da família possa ser promovido, a liderança dos pais deve surgir no grupo familiar e ser compartilhada com os filhos, de forma diferenciada e democrática.
5. Conflitos. Quando se pensa em conflitos, a primeira idéia que se tem é de algo negativo. No entanto, eles podem ser benéficos ou maléficos, na medida em que favoreçam o crescimento ou predisponham ao desequilíbrio emocional. Cabe à família conter os efeitos destrutivos dos conflitos, ao mesmo tempo em que se preocupa com as possibilidades de expressão e valorização dos indivíduos envolvidos e a busca de solução das dificuldades.
6. Manifestação da agressividade. É de grande importância que, na interação familiar, todas as formas de expressão de sentimentos apareçam. No entanto, a raiva e os sentimentos hostis devem se expressos e usados de forma construtiva, direcionados a comportamentos ou acontecimentos e não a pessoas.
7. Afeição física. O carinho (contato físico) deve estar sempre presente e ser manifestado com a carga emocional adequada.
8. Interação conjugal. Cada membro da família deve ter sua identidade individual preservada, ou seja, não deixar de lado sua maneira de ser e suas preferências

9. Auto-estima. A literatura apresenta estudos que demonstram que um bom nível de calor parental e cuidado para com os filhos, em combinação com um grau de controle moderado sobre os comportamentos dos filhos, levam a um desenvolvimento saudável. Em um estudo realizado com adolescentes (Steinberg et al., 1991 *apud* Ceballo & McLoyd, 2002), obteve-se o resultado de que, independente da etnia, classe social e estrutura familiar, a educação familiar caracterizada por responsividade e moderado controle levou a um melhor aproveitamento acadêmico e desenvolvimento socioemocional das crianças. Dessa forma, acolhimento, aceitação e encorajamento da criança, por parte dos pais e outros familiares, têm sido identificados como componentes importantes para o bem-estar e ajustamento psicológico e comportamental da criança (Florsheim, Tolan & Gorman-Smith, 1998).

Semelhantemente, partindo de uma análise dos comportamentos das crianças, Gottman & De Claire (2001) relatam que aceitação, obediência e responsabilidade vêm do amor e da ligação que a criança sente em sua família, ou seja, as interações emocionais positivas entre os membros da família passam a ser a base para a transmissão de valores e a formação de pessoas que interagem de forma correta com as demais. Segundo esses mesmos autores, em comparação com as crianças que têm um preparo emocional inadequado, as que têm um bom preparo são fisicamente mais saudáveis, apresentam melhor desempenho acadêmico, melhor relacionamento com os amigos e menos problemas de comportamento.

Guralnick (1998) aponta mais algumas características das relações familiares que promovem o desenvolvimento saudável das crianças: (a) responder contingentemente, (b) estabelecer reciprocidade, (c) promover afetividade e interações não instrutivas, (d) estruturar adequadamente o ambiente, (e) usar explicações verbais para corrigir “falhas”,

(f) criar exigências e expectativas que são adequadas para a fase do desenvolvimento da criança nas interações cuidador-criança. Além desses fatores, Mawhinney & Petersen (1990) acrescentam a importância de estabelecer limites razoáveis para o comportamento das crianças e a necessidade dos membros da família fazerem um esforço contínuo para se tornarem melhor na resolução de problemas.

Deve-se lembrar sempre, como aponta Knobel (1996), que não se pode exigir da criança uma conduta adulta. Os pais devem deixá-la viver a sua idade, permitir-lhe que cresça, mas sem ausentar-se de oferecer a ajuda que elas necessitam e o carinho expressado diariamente, por meio de atenção e contato físico.

Além da promoção do desenvolvimento da criança com base na qualidade das relações entre os membros da família, também é imprescindível que a família forneça subsídios para a criança se relacionar adequadamente com as pessoas no seu ambiente social, extrafamiliar, e a lidar com seu contexto físico. Uma forma de favorecer isso é (a) fornecer brinquedos e materiais adequados ao nível de desenvolvimento da criança; (b) favorecer o contato com outras crianças e adultos; (c) proporcionar atividades educacionais e recreativas de acordo com os interesses, talentos e necessidades específicas da criança, de modo a maximizar a performance da mesma (Guralnick, 1998).

Além de todas as características citadas anteriormente deve-se destacar a importância do relacionamento familiar estável e solidário para a ampliação do autoconceito da criança e para a aprendizagem da mesma (Parreira & Marturano, 2002). Afinal, crianças respeitadas e valorizadas pela família têm melhor rendimento na escola, mais amigos e uma vida mais saudável e bem-sucedida (Gottman & DeClaire, 2001).

O papel da mãe

Tanto o pai quanto a mãe contribuem para o desenvolvimento psicológico de seus filhos e são afetivamente importantes para o seu desenvolvimento (Florsheim, Tolan & Gorman-Smith, 1998; Dessen, 1985). Todavia, atualmente, eles se envolvem de maneiras diferentes na educação dos filhos, com as mães se envolvendo mais com as crianças e se sentindo mais responsáveis por ela (Dessen, 1985). No entanto, nos dias atuais, como será discutido mais adiante, uma parte muito significativa das mulheres estão trabalhando fora, se envolvendo no papel de mãe de uma forma diferente do que as mulheres donas de casa, o que levanta questões sobre as diferenças que isto pode trazer para a relação mãe e filho. Pensando nisso, o presente trabalho enfoca o envolvimento da mãe como uma das relações familiares mais importantes a serem examinadas, a fim de assegurar os melhores resultados para o desenvolvimento das crianças.

De acordo com Pikunas (1979), as tarefas que uma mãe assume para com seus filhos incluem criação e cuidados físicos, afeição e proteção, estímulo e orientação. A criança vê sua mãe de um ponto de vista profundamente focado em si, como alguém que satisfaz as suas necessidades. A primeira infância é um período de dependência quase total, e a segunda de dependência substancial, em relação à mãe. Emocional e socialmente, a criança permanece dependente durante os anos pré-escolares e do ensino fundamental e, em menor grau, durante a adolescência.

O bom desenvolvimento psicológico e a segurança emocional da criança baseiam-se no cuidado materno razoavelmente constante, paciente e carinhoso. Pesquisas têm demonstrado que o afeto, somado a uma atitude educativa e positiva da mãe, está relacionado à ausência de problemas de comportamento, enquanto que a ausência de um

envolvimento positivo com a mãe foi preditor de problemas de comportamento na infância (Petit & Bates, 1989 *apud* Alvarenga & Piccinini, 2001).

Nesse mesmo sentido, Ambriz (2001) demonstrou que as condutas das mães influem diretamente nas condutas dos filhos. Segundo a autora, as mães que dão apoio e promovem a reflexão nos filhos, que reconhecem seus ganhos e os comunica, empregam escassos castigos verbais, não exigem obediência absoluta e favorecem a relação dos filhos com seus companheiros de grupo, produzem condutas mais positivas em seus filhos.

Para Yarrow, Scott, De Leeww & Heinig (1962, *apud* Bertolini, 2002), o ajustamento da criança está relacionado ao grau de satisfação da mãe: quanto maior o grau de satisfação materna, melhor o ajustamento da criança, não importando se a mãe trabalha fora ou no próprio lar. Pereira (1978, *apud* Bertolini, 2002), em uma pesquisa realizada em São Paulo com mães que trabalhavam fora e mães que exerciam atividades no próprio lar, concluiu que os filhos, de ambos os grupos, apresentavam maior segurança e melhor relacionamento com as mães quando essas demonstravam satisfação com a posição assumida.

Assim, nota-se a importância da figura materna no que diz respeito ao desenvolvimento emocional, físico, psíquico, escolar e social da criança (Hartmann e col., 2001).

O desempenho escolar: Importância do envolvimento das mães

No contexto brasileiro atual, um número cada vez maior de alunos, quando não são bem sucedidos na escola, são erroneamente rotulados e classificados como deficientes, e encaminhados para classes ou escolas especiais. Outra parte desses alunos engrossam as estatísticas sobre o número de pessoas com baixo nível de rendimento escolar, de repetência (nos estados em que essa prática é utilizada) e evasão, os quais constituem o

fracasso escolar. Todos esses problemas aparecem com uma frequência significativamente maior entre as crianças de camadas populares (MEC, 2002).

Embora o baixo desempenho acadêmico seja apenas uma das facetas do fracasso escolar, ele é um indicador importante do grau de sucesso do complexo processo psicossocial envolvido (Oliveira & Mello, 2001). O modo como as crianças aprendem, o desempenho escolar e o valor atribuído aos estudos podem constituir-se em condições de proteção ou de vulnerabilidade para o desenvolvimento mais global da criança. Melhores resultados no processo de desenvolvimento estão relacionados à superação de dificuldades e ao envolvimento com projetos de vida que potencializem a auto-realização. Dificuldades escolares podem acentuar as dificuldades enfrentadas em outras dimensões da vida e um senso de menos valia, num ciclo vicioso que pode provocar outras dificuldades comportamentais e emocionais. Ou seja, as avaliações negativas que as crianças fazem de sua dificuldade escolar podem contribuir para problemas socioemocionais, através de sentimentos de incompetência, vergonha, desinteresse e isolamento (Marturano & Loureiro, 2003).

Em muitos casos de fracasso escolar ou de rendimento abaixo da real capacidade do aluno, é possível notar o impacto que os comportamentos e as crenças dos pais têm sobre o mesmo (Freitas, Zamberlan & Fukahori, 2001; Gottman & DeClaire, 2001; Hallahan & Kauffman, 2000; Okagaki & Sternberg, 1991). Pesquisas demonstram que o ambiente do lar é uma influência importante para o desenvolvimento cognitivo da criança (Okagaki & Sternberg, 1991), sendo que alguns recursos presentes no ambiente familiar (estruturação de regras e rotinas no lar, estímulo da autonomia, clima emocional familiar positivo, envolvimento dos pais nas atividades escolares dos filhos e a oferta de atividades sociais e culturais enriquecedoras) favorecem o bom desempenho escolar, sociabilidade

em sala de aula, auto-regulação e percepção de controle por parte da criança (Marturano & Loureiro, 2003).

Na verdade, os filhos querem que o adulto demonstre interesse pelos trabalhos que desenvolvem na escola. Em uma pesquisa realizada por Grollman e Sweder (1991), na década de noventa, os resultados obtidos demonstraram que uma em cada quatro crianças desejava que os pais manifestassem um maior envolvimento com seus deveres escolares. Muitos jovens entrevistados disseram que os pais não deveriam ficar tão ocupados e preocupados com outras coisas, porque, assim, poderiam prestar mais atenção a seus trabalhos de escola. Muitos filhos disseram sentir-se diminuídos quando os pais, em especial as mães, não mostravam interesse, ou quando seu esforço na escola não recebia o devido reconhecimento. Assim, pode-se inferir que a maioria dos filhos quer que suas mães os estimulem, orientem e até mesmo o obriguem a sentar-se e fazer os deveres. De fato, o rendimento escolar das crianças cai quando elas não recebem apoio do adulto (Grollman & Sweder, 1991).

As pessoas envolvidas com educação não têm dificuldade em apontar a falta de estímulo e assistência por parte dos pais como um obstáculo para os jovens serem bem-sucedidos no âmbito escolar. A maioria das crianças quer que seus pais se envolvam com sua educação, sendo que quando não conseguem interessá-los em seus deveres escolares, começam a duvidar de suas habilidades. As crianças que sabem que seus pais se importam com seus trabalhos escolares, sendo, ao mesmo tempo, realistas quanto a sua verdadeira capacidade, são as que mais têm chances de irem bem na escola (Grollman & Sweder, 1991).

É importante ressaltar que o desempenho acadêmico não necessariamente irá refletir a capacidade intelectual da criança ou do jovem. Entretanto, há uma estreita relação entre as notas e a atitude dos alunos em relação à escola. O desinteresse das mães,

por um lado, ou suas constantes críticas e as dos professores, por outro lado, podem contribuir para agravar a situação, já que nenhum estudante reprova por vontade própria (Vallejo-Nágera, 1997).

Assim, o ser humano tem um potencial de aprendizagem que, se for estimulado e receber apoio adequado, poderá desenvolver-se. Cabe aos adultos proporcionarem às crianças as melhores condições de aprendizagem. Além da influência da própria escola, os pais têm um papel fundamental em todo esse processo e, portanto, devem assumir esse papel ativo, sendo importante verificar a frequência de participação das mães na vida escolar dos filhos e o seu impacto no desempenho acadêmico dos mesmos.

No entanto, embora a participação materna seja uma importante variável que pode afetar o desempenho acadêmico de seus filhos, uma revisão da literatura a respeito dos fatores que podem influenciar o baixo rendimento escolar revela um número considerável de pesquisas que demonstram uma correlação significativa entre baixo desempenho acadêmico e: a) baixo autoconceito e b) baixa auto-estima (Marturano & Loureiro, 2003; Jacob, 2001; Okano, 2001; Hazin & Falcão, 2000; Jacob & Loureiro, 2000; Castro, 1999; Martins, 1997), tornando-se necessário compreender melhor de que maneira a participação materna se relaciona com o autoconceito e auto-estima dos filhos.

Autoconceito e auto-estima

Assim como os pais, os filhos precisam e querem sentir-se bem consigo mesmo. Todos nós precisamos acreditar que somos dignos do respeito, da consideração e do amor dos outros. Tendo um firme sentimento de auto-estima, estamos em melhores condições de nos relacionarmos com as pessoas que nos cercam e de considerar o presente e o futuro como um desafio que somos capazes de enfrentar. A auto-estima e o autoconceito de uma criança, sejam eles positivos ou negativos, desenvolve-se, em grande parte, como resposta

às palavras e aos comportamentos dos adultos, sobretudo os pais (Grollman & Sweder, 1991). Ou seja, a noção que a criança tem de seu valor pessoal, e de ser amada ou não, é moldada pelo padrão geral do comportamento de seus pais. Os pais podem ser calorosos, afetuosos e compreensivos, mas também podem ser reservados, frios e excessivamente críticos. Suas posturas emocionais desempenham um papel determinante na percepção que a criança vai formando de si própria (Sánchez & Escribano, 1999). Quando os pais são expansivos e manifestam abertamente os seus sentimentos, os filhos não terão dúvidas a respeito de como eles se sentem. Sentir-se-ão amados, e esse conhecimento irá torná-los mais autoconfiantes (Grollman & Sweder, 1991). A auto-estima de uma criança não depende do que seu pai ou mãe diz especificamente, e sim das atitudes que evidenciam preocupação e afeto. Uma simples demonstração de interesse pode mostrar a uma criança que ela é digna de apreciação.

Portanto, como nos lembra Guilhardi (sem data):

O fundamental para o desenvolvimento da auto-estima é o reconhecimento que os pais expressam aos filhos pelos seus comportamentos. Sentindo-se amada pelo outro, ela aprenderá a amar a si mesma, e, a partir deste processo de vivência comportamental, vai se diferenciando das outras pessoas e se tornando independente. Ela se ama, aprende que é bom ser amada pelo outro, mas não precisa ser amada por ninguém em particular. A pessoa com boa auto-estima aprende a exercitar o auto-reconhecimento, discrimina que é capaz de emitir comportamentos e que é capaz de produzir conseqüências reforçadoras para ela. Ela é livre do outro para produzir o que é bom para ela. Ela promove para si mesma o que é bom para ela, simplesmente porque se ama. Os pais não deveriam, no entanto, esperar pela ocorrência dos comportamentos desejáveis, mas participar direta e

ativamente do processo de modelagem e instalação de tais repertórios comportamentais.

Embora sejam construtos interrelacionados, existe uma diferença entre a auto-estima e o autoconceito. A auto-estima envolve a percepção que a pessoa tem de seu próprio valor; é um construto de caráter valorativo. O autoconceito pode ser definido como um conjunto de idéias sobre a própria pessoa (as características ou atributos utilizados para se descrever); é um construto de caráter descritivo (Moysés, 2001; Sánchez & Escribano, 1999; Hidalgo & Palacios, 1995; Mussen, Conger, Kagan & Huston, 1988). O autoconceito procede de processos cognitivos (Moysés, 2001) e é caracterizado como um sistema complexo e dinâmico de percepções, crenças e atitudes de um indivíduo sobre si mesmo, que atua na interpretação e organização das experiências do sujeito (Shavelson & Bolus, 1982) e está sujeito a uma série de fatores internos e externos (Moysés, 2001).

O autoconceito age como um filtro, influenciando de forma decisiva em como uma pessoa percebe os acontecimentos, os objetos e as outras pessoas de seu meio. Ele afeta consideravelmente o comportamento e a vivência dos indivíduos (Sánchez & Escribano, 1999) e é formado pelas informações colhidas a respeito de si no quotidiano (Moysés, 2001). Às informações sobre seu desempenho, fornecidas por fontes externas, se somam as avaliações que a própria pessoa faz de seus desempenhos, habilidades e características. O sentimento de valor que acompanha essa percepção constitui a auto-estima; ela é a resposta, no plano afetivo, de um processo originado no plano cognitivo (Moysés, 2001).

No presente trabalho, optou-se por utilizar o modelo de Shavelson, Hubner e Stanton (1976) o qual considera o autoconceito como um construto organizado e estruturado, multifacetado e hierárquico (ver Figura 1). Segundo estes autores, o

autoconceito é mais estável nos aspectos mais gerais, e menos estável ao descer a hierarquia e entrar em facetas altamente diferenciadas com a idade.

Cabe ressaltar que o autoconceito é baseado no relacionamento do indivíduo com o ambiente e guiado pela maturação. Assim, através de sucessos, fracassos e comparação com os demais, cada pessoa forma (e reformula) conceitos específicos e gerais a respeito de suas próprias habilidades (Moysés, 2001; Sánchez & Escribano, 1999). Esse autoconceito influencia na perseverança da pessoa e na maneira de encarar novos desafios. Um autoconceito positivo favorece a autoconfiança e a saúde mental da pessoa, além de contribuir para que a mesma se desafie, contribuindo para seu desenvolvimento (Moysés, 2001).

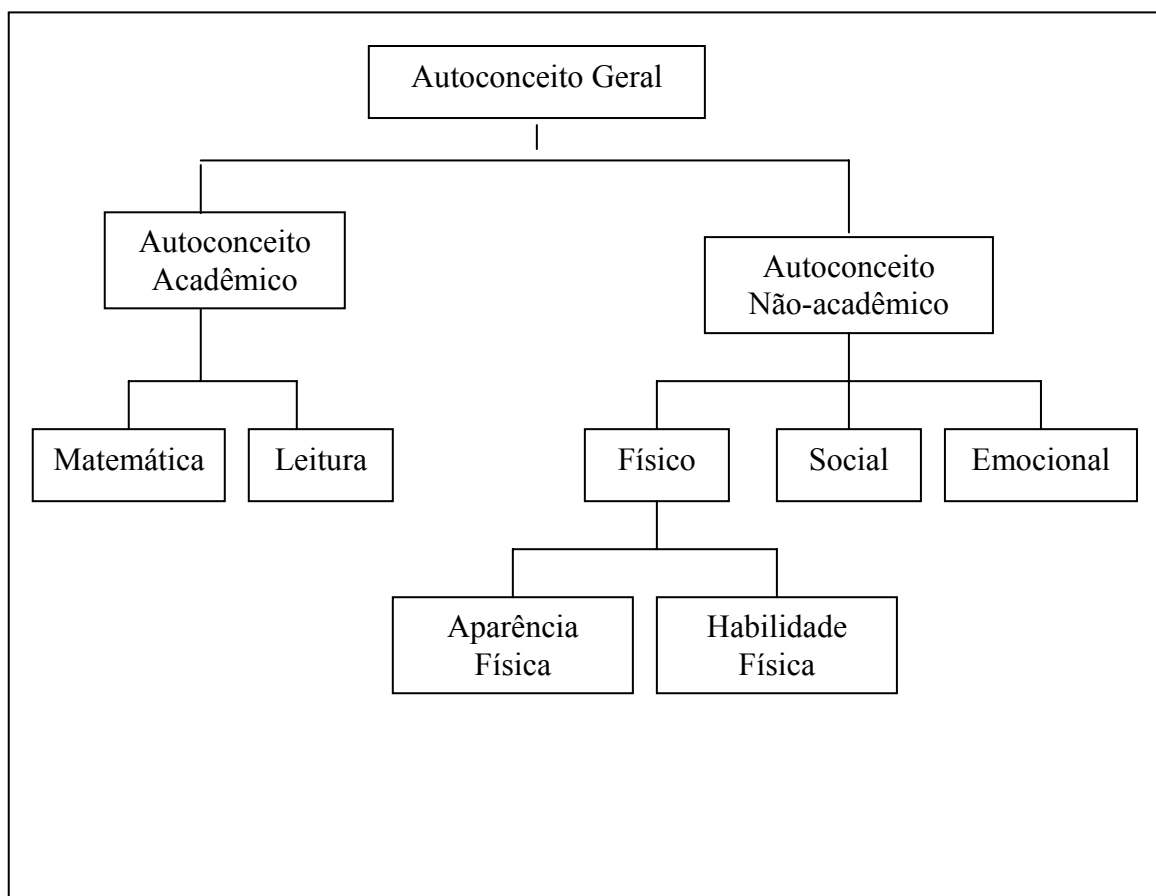


Figura 1. Modelo hierárquico do autoconceito, proposto por Shavelson, Hubner e Stanton (1976).

Não se pode esquecer, contudo, da importância dos pais e dos outros significantes nesse processo de formação do autoconceito. O autoconceito positivo parece estar associado a experiências positivas com a vida familiar (Okano, 2001 *apud* Marturano & Loureiro, 2003). Elos saudáveis construídos entre pais e filhos auxiliam a criança na conquista de um autoconceito viável e consistente, tornando-a apta a enfrentar os desafios da vida (Moysés, 2001). Crianças com autoconceito positivo provêm, mais freqüentemente, de famílias nas quais suas realizações independentes são valorizadas e elogiadas, há um relacionamento caloroso e afetuoso dos pais com seus filhos e há limites claros para o comportamento da criança (Sánchez e Escribano, 1999; Bee, 1986).

Em suma, pode-se afirmar que a família, e, nesse momento, especialmente as mães, têm um grande impacto no preparo emocional das crianças e jovens (Gottman e DeClaire, 2001). Percebe-se que as mães podem ter uma influência considerável no desempenho acadêmico dos filhos, pois, através de sua atitude, interesse e uma participação constante, demonstram a importância da escola, dos estudos e dos próprios filhos. No entanto, sabe-se que muitas mães, hoje em dia, desempenham o papel materno em conjunto com um papel profissional. Assim, considera-se importante traçar um panorama de como estão as famílias atualmente, uma vez que a entrada da mulher no mercado de trabalho gerou alterações políticas, sociais e familiares, que, por sua vez, têm produzido algumas alterações no envolvimento de todas as mães com seus filhos (Murari, Almeida, Escaraboto & Catarino, 2001; McGoldrick, 1995). Torna-se importante averiguar se existem diferenças na relação mãe-filho quando a mãe trabalha fora ou é dona de casa e, caso positivo, de verificar a relação entre essas diferenças e o desenvolvimento dos seus filhos.

Ingresso da mulher no mercado de trabalho

As mulheres sempre trabalharam, seja realizando trabalhos remunerados ou não (Itaboraí, 2002). Ao mesmo tempo, historicamente, as mulheres sempre foram centrais no funcionamento da família e na realização do trabalho do lar – ter filhos, cuidar dos filhos e demais familiares, cozinhar, limpar e administrar o trabalho da casa (McGoldrick, 1995). O envolvimento de homens e mulheres nessas tarefas têm sido tão diferentes que esse conjunto de atividades é chamado de “trabalho de mulher”. Também é muito significativo que o trabalho familiar têm sido, na maioria das vezes, não remunerado (Senior Status of Women Officials, 1993). Assim, no contexto sociocultural atual, os benefícios (financeiros, de contato e de reconhecimento social) de ter uma renda própria não podem ser obtidos cuidando exclusivamente da sua própria família.

No período de 1940 a 1990, no Brasil, a força de trabalho feminina passou de 2,8 milhões para 22,8 milhões de pessoas, aumentando a participação de mulheres na população economicamente ativa (PEA) do país de 19% para 35,5%. Dados mais recentes mostram que o aumento na taxa de participação na PEA ainda está em fase de crescimento. De 2000 para 2001, a participação da mulher passou de 52,7%, para 53,7% (Censos demográficos do Brasil, IBGE). Ou seja, a participação feminina no mercado de trabalho praticamente dobrou nos últimos 30 anos: em 1970, ela correspondia a 21% da PEA; em 2000, 40% da PEA era composta por mulheres (Censos demográficos do Brasil, IBGE).

As mudanças ocorridas nas últimas décadas reflitam uma mudança na visão social do papel da mulher, assumindo um formato mais próximo ao papel masculino (Sullerot, 1970). No Brasil, a partir da década de 50, houve um aumento progressivo no número de mulheres exercendo atividades remuneradas, em função da intensificação do processo de industrialização. Os empregos dependiam cada vez menos do esforço físico e cada vez

mais de habilidades sociais e intelectuais, facilitando a inclusão das mulheres no mercado de trabalho, que agora exercem atividades antes praticadas somente por homens (Maluf & Mott, 1998). Estudos têm demonstrado que o trabalho remunerado ocupa uma parte cada vez mais importante da vida da mulher e as mulheres vem se profissionalizando e diversificando (Bruschini & Lombardi, 1999).

Além disso, alterações no modelo de desenvolvimento econômico, ocorridas desde a década de 60 no Brasil levaram à concentração de renda nas camadas socioeconômicas superiores e conseqüente pauperização de grande parte da população, incentivando a mulher a buscar uma renda para manter o nível sócio-econômico da família (Romanelli, 1998; Bruschini, 1994). Dados do IBGE demonstram que a tendência de queda no rendimento das famílias brasileiras não se alterou: em 1998 as famílias ganhavam, em média, R\$ 1080,00. Em 2001, corrigida pela inflação, essa média caiu para R\$ 993,00 (Folha de São Paulo, 13/09/02). Assim, além dos incentivos para trabalhar, ligados ao desenvolvimento profissional, mesmo as mulheres com uma vocação para cuidar das necessidades e rotinas familiares estão sendo pressionadas a ceder parte do seu tempo para buscar uma renda.

Mudanças na dinâmica familiar

O ingresso da mulher no mercado de trabalho teve efeitos na interação matrimonial, familiar e na esfera de trabalho (Itaboraí, 2000; Diniz, 1999; Jablonski, 1991). Desta forma, segundo Itaboraí (2000), “o trabalho feminino tem sido associado como causa ou condição para as mudanças em curso nas relações de gênero, e finalmente, no formato das famílias” (p. 2).

O Departamento de Comércio e Relações Exteriores do Canadá (2000), considera que, nos últimos 25 anos, o país tem assistido ao fim da família "tradicional", na qual o pai

é o único provedor da renda familiar e a mãe uma dona de casa, cuidando dos filhos e sendo a principal responsável pelo trabalho doméstico. Em 1992, dados desta instituição demonstram que somente 16% das famílias ainda seguiam esse antigo padrão. Nos dias de hoje, o tipo da família predominante é aquela com o casal duplamente provedor de renda, com ou sem filhos, sendo que 16% das famílias são chefiadas por uma mulher sozinha (divorciada, viúva ou solteira).

Dados semelhantes foram obtidos nos Estados Unidos por Smith, Daves & Marsden (1999), da Universidade de Chicago. Segundo esses pesquisadores, a proporção de famílias americanas que viviam num lar tradicional teve uma queda de 53%, em 1972, para 21%, em 1998. Nesse mesmo período, a porcentagem de casais em que ambos estavam empregados passou de 32% para 59%. Sabe-se que os casais estão adiando o momento de ter filhos. Mas mesmo em relação aos casais com filhos, a prevalência da família tradicional está seguindo exatamente o mesmo padrão; ela abaixou de 60%, em 1970, para 27%, em 1998. Já, o número de famílias, com filhos, em que ambos os pais possuíam atividades remuneradas fora do lar saltou, de 33% para 67%. Ou seja, tornou-se uma raridade ter-se uma mãe em casa, responsável pelos cuidados domésticos e dos filhos, 24 horas por dia.

Os fatores acima relatados (participação de mulheres no mercado de trabalho, especialmente mulheres que são mães, em conjunto com a alteração dos papéis sexuais) evidenciam a importância da interação entre trabalho e família (Piotrkowski, Rapoport & Rapoport, 1987). É importante lembrar que a grande maioria dos filhos de mães que trabalham fora continua com supervisão adulta o dia todo, embora a participação das mães que trabalham fora seja muito menor. Na introdução de seu livro, Grollman & Sweder (1991) apresentam dados descrevendo a alteração da família americana para crianças na fase de escolarização:

Em todo o país está mudando a definição de infância e de família americana “típica”. Em geral, a criança que frequenta [o 1º grau] tem pai e mãe trabalhando fora de casa; essa mesma situação prevalece no caso de mais de metade do contingente de pré-escolares. Há vinte anos, havia cerca de 19 milhões de famílias em que ambos os pais tinham empregos; dez anos depois, havia quase 22,5 milhões. Atualmente, há mais de 26, e os números continuam a aumentar (p 9).

No Brasil, a situação não é diferente. Segundo Diniz (2000), nas últimas décadas, as mulheres brasileiras entraram maciçamente no mercado de trabalho, melhoraram seu padrão educativo e reduziram o número de filhos. O número de famílias, em todos os níveis socioeconômicos, que podem ser chamadas de duplo-trabalho, aumentou significativamente.

Bertolini (2002) considera que, atualmente, a mulher busca tanto realização pessoal quanto profissional; ela deseja independência econômica, mas também busca preservar o seu papel de mãe. A construção de uma identidade profissional é fonte de status, poder e auto-estima. No entanto, a intensidade do envolvimento da mulher com a carreira (influenciada por normas de uma época quando existia dedicação primária ao trabalho), e a importância atribuída a essa para a sua identidade pessoal são fatores que podem provocar estresse quando entram em concorrência com as demandas para cuidar de filhos, principalmente durante sua infância e adolescência (Diniz, 1999).

Diniz (1999) relata que o fato da mulher estar participando do mercado de trabalho contribui para a idéia, no meio social, de que isso estaria deteriorando a vida familiar, pois a mulher estaria se afastando dos papéis socialmente esperados e entendidos como “naturais”. Em parte, essa visão está calcada no fato de algumas atividades familiares

deixarem de ser feitas (por exemplo, encontros semanais com a família extensa, comida feita em casa pela mãe, confecção e conserto de roupas em casa etc.) e outras serem repassadas para terceiros, como empregadas, faxineiras, parentes, berçaristas, babás e outros prestadores de serviços, reduzindo o controle da mãe sobre a vida dos seus filhos.

Condições físicas e psicológicas das mulheres que trabalham fora

Apesar das alterações ocorridas, o papel da mulher ainda a responsabiliza para aproveitar todo seu tempo em casa e para fazer escolhas (por exemplo, com quem deixar os filhos) que levam à manutenção da estabilidade familiar e bom andamento das atividades do lar, envolvendo a criação dos filhos e cuidados com outros familiares dependentes, como por exemplo, pais idosos e enfermos (Tiba, 2002; Diniz, 1999; Romanelli, 1998; McGoldrick, 1995; Lassance, Seibach e Bystronski, 1989). Em um trecho retirado de Tiba (2002), é possível observar a continuidade da divisão de papéis:

Para o homem, a casa é o ‘repouso do guerreiro’. Para a mulher que trabalha fora, é seu segundo emprego, até mais desgastante que o primeiro, porque lhe sobra pouco tempo para dar cabo de todas as tarefas: ver se os filhos não estão machucados ou doentes, se fizeram o dever da escola, se a casa está arrumada, se não falta nada na despensa e ainda preparar o jantar para receber o guerreiro cansado (p.36).

As próprias mulheres estão muito cientes dessa situação. Em uma pesquisa realizada no Canadá pela *Conference Board of Canada* (citado no *Senior Status of Women Officials*, 1993), os dados obtidos demonstraram que 75% das mulheres entrevistadas disseram que eram as principais responsáveis pelos cuidados com os filhos, enquanto que, entre os homens casados, a porcentagem foi de 4,1%. Além disso, as

mulheres relataram ficar em casa quatro vezes mais dias por ano, para cuidar de um filho doente.

A dedicação das mulheres ao papel familiar se revela quando se soma a hora trabalhada em casa e no trabalho remunerada, a carga horária diária é significativamente maior do que a carga horária entre pessoas com um único papel (Marshall, 1994). Além disso, mais uma vez, percebe-se que a diferença no envolvimento familiar de homens e mulheres continua. Em um estudo americano, realizado na década de 90, os dados obtidos demonstraram que o trabalho doméstico tomava em torno de 21,8 horas por semana, em média, por parte das mulheres e 14,4 horas por semana, por parte dos homens (Ferree, 1991). A “dupla jornada de trabalho” ou “trabalho redobrado” (no emprego e no lar) sobrecarrega violentamente a mulher (McGoldrick, 1995).

Em função disso, é compreensível que, na visão das mulheres, a atividade oposta ao trabalho profissional não é o lazer, mas o trabalho doméstico. Os problemas mais graves aparecem quando as responsabilidades em cada esfera (trabalho e família) se sobrepõem (como, por exemplo, um filho doente necessitando de cuidados num dia de trabalho) ou ficam excessivas. Nesses momentos, é preciso optar entre duas responsabilidades importantes, o que leva a custos na vida profissional ou familiar (Gottlieb, Kelloway e Barham, 1998). Além disso, a alta demanda constante de tempo para conciliar obrigações familiares e profissionais é um fator de estresse crônico (Bertolini, 2002), o que pode provocar o aparecimento de uma gama de sintomas, inclusive doenças físicas, aflição psicológica e baixa produtividade (Cooper & Lewis, 2000). Segundo dados obtidos em um levantamento realizado no Canadá, as mulheres que trabalham fora disseram apresentar sentimentos de esgotamento emocional, de tensão física e de estarem psicologicamente despedaçadas (Senior Status of Women Officials, 1993). Mesmo quando as mulheres se recusam a ter de assumir total responsabilidade por

manter os relacionamentos familiares e os cuidados da casa, elas sentem-se culpadas por não realizarem aquilo que os outros entendem como sua obrigação. Quando ninguém entra para preencher essa lacuna, elas sentem que a solidariedade dos familiares está sucumbindo e que a culpa é delas (McGoldrick, 1995).

A primeira impressão ao analisar os sentimentos que as mulheres que trabalham fora podem apresentar é a de que elas estariam menos disponíveis a estabelecer um relacionamento adequado com seus filhos após um dia de trabalho. Apesar das dificuldades enfrentadas pelas mulheres com papéis múltiplos, no entanto, o trabalho remunerado é benéfico e importante para a maioria delas e para seus familiares. No geral, o trabalho remunerado representa independência econômica na vida adulta e traz reconhecimento social e maior satisfação pessoal. A ampliação de seus conhecimentos, de sua gama de atividades e de seus contatos sociais conduzem à formação de uma identidade profissional e proporcionam sentimentos de autonomia e utilidade. Assim, o senso de competência aumenta e melhora a auto-estima, trazendo benefícios para o desempenho nos papéis familiares também. Hoje em dia, as mulheres que trabalham fora tendem a se sentir mais capazes como mães, a gozar de melhor saúde física e mental e a ter casamentos mais felizes do que mulheres donas de casa (Bertolini, 2002; Diniz, 1999; McGoldrick, 1995; Bystronski, Lassance & Seibach, 1989). Umberson e Gove (1989) consideram que as famílias nas quais ambos os parceiros trabalham fora tendem a ter uma melhor qualidade de vida, com melhor saúde física e mental.

Para verificar a maneira como os dois grupos de mães (donas de casa e as que trabalham fora) se avaliam, Galinsky (2000) realizou um estudo no qual ela buscou responder às seguintes perguntas: “Ter uma mãe que trabalha é bom ou ruim para os filhos?” “As mães que trabalham mantêm com seus filhos relacionamentos tão bons quanto os de mães que estão em casa com seus filhos, em período integral?” Os dados

demonstram que houve um aumento no número de pais que acreditam que mães empregadas podem ter um laço tão forte com seus filhos quanto o laço formado pelas mães que se dedicam às atividades do lar. Segundo a autora, esse fato pode ser atribuído, em grande parte, às mudanças sócio-culturais que ocorreram quando as mulheres tornaram-se mais numerosas na força de trabalho e as famílias tornaram-se mais dependentes dessa segunda renda.

No estudo da Galinsky (2000), apareceram alguns casos em que o emprego da mãe teve um impacto negativo sobre os laços com seu filho. Isso ocorreu quando: (a) os filhos recebiam cuidados insuficientes, (b) as mães despendiam um tempo extremamente pequeno no cuidado dos filhos ou (c) ocorreram mudanças muito frequentes na rotina de cuidar dos filhos. Apesar do fato que mães que trabalham fora passam menos tempo em casa do que mães donas de casa, cabe destacar que não é só o período de tempo que a mãe passa com o filho que afeta a interação, mas também a qualidade da interação estabelecida entre mãe-filho durante esse período (Bee, 1996). Ou seja, mesmo que uma mãe que trabalha fora não tenha tanto tempo disponível para estar com os filhos e, assim, participar mais da educação e desenvolvimento global dos filhos, como o tem as donas de casa, elas também podem estabelecer relacionamentos afetuosos e saudáveis com os filhos durante o período em que permanecem com eles (Gagné, 2003).

Outros estudos mostram que as mulheres que trabalham fora estão um pouco inseguras em relação à adequação do seu desempenho familiar. Por exemplo, a mulher que trabalha fora pensa que está negligenciando seus filhos com maior frequência do que a mulher dona de casa. As mulheres que trabalham fora tendem, também, mais do que as donas de casa, a atribuírem as crises no matrimônio ao fato de trabalhar fora (Diniz, 1999; Pleck, 1985). Embora as mulheres que trabalham fora se preocupem com impactos negativos desta opção sobre seus familiares, estudos estrangeiros têm demonstrado que

muitos dos efeitos do trabalho da mãe sobre o filho são benéficos (Cooper & Lewis, 2000; McGoldrick, 1995).

Entre os benefícios para os filhos, Cooper e Lewis (2000), comentam que os filhos (meninos e meninas) de mães que trabalham fora tendem a ter atitudes menos estereotipadas a respeito dos papéis ligados ao gênero. Além disso, as filhas dessas mulheres têm auto-estima e aspirações mais altas que as filhas das mães que são donas de casa. Os filhos de casais que trabalham fora se beneficiam, também, de um contato maior com o mundo do trabalho e tendem a ser mais socialmente competentes e independentes, porque formarem elos significativos mais cedo e com um maior número de pessoas (colegas escolares desde a primeira infância, professoras, babás, empregadas domésticas, colegas de trabalho dos pais, familiares etc.). Gold e Andrés (1978, *apud* Cooper & Lewis, 2000) considerem que o fato da mãe trabalhar fora pode estar relacionado a um melhor ajustamento do filho adolescente, provavelmente devido a uma maior facilidade dessas mães concederem independência a sua prole.

Mesmo as famílias que possuem filhos com necessidades educativas especiais podem se beneficiar do fato dos pais trabalharem fora. De acordo com Cooper e Lewis (2000), as mães de filhos com necessidades educativas especiais que trabalham fora tendem a ser menos estressados do que as mães que cuidam dos filhos em tempo integral, porque as mães que trabalham fora têm um período do dia quando ficam longe das demandas e dificuldades dos seus filhos.

Não se sabe, porém, se todos estes benefícios também existem no contexto atual no Brasil, uma vez que o impacto do trabalho feminino sobre os filhos pode ser influenciado por uma série de fatores que são diferentes no contexto brasileiro (por exemplo, outro sistema de saúde, outras formas de oferecer educação, crenças diferentes a respeito da importância de interações familiares e da independência das crianças). Também é

importante levar em conta que muitos dos estudos estrangeiros examinaram mulheres atuando em profissões que exigem um nível alto de capacitação profissional, o que não é o caso da maioria das mulheres brasileiras que trabalham fora, no momento.

Relações entre o trabalho da mulher e a dinâmica familiar

Ao contrário do que muitas pessoas acreditam, especialmente quando se fala a respeito da mulher, parece que a mulher pode trabalhar fora e satisfazer as necessidades emocionais, físicas e intelectuais de seus filhos, em certos contextos. Porém isso exige um intenso compromisso dos pais, na manutenção de uma relação aberta e amorosa com os filhos e na instalação de um clima doméstico em que as necessidades de todos os membros da família sejam respeitadas (Grollman & Sweder, 1991).

Embora todas as mães desejem ser justas e tratar os filhos com respeito e paciência, orientando-os e dando o apoio que for necessário, nem sempre elas conseguem cumprir tais propósitos (Gottman & DeClaire, 2001). Para melhor entender como a situação das mães pode afetar seu envolvimento com seus filhos, Bertolini (2002) realizou uma pesquisa comparando mães donas de casa com mães que trabalhavam fora, no que diz respeito: a) à satisfação com o trabalho e b) à percepção das mães sobre a relação afetiva com seus filhos. Os dados obtidos demonstram que:

a) em relação à satisfação com o trabalho:

Mulheres que trabalham fora. Na maioria dos casos, estas mulheres sentam-se muito satisfeitas com sua opção, realizadas, valorizadas e conscientes de sua capacidade profissional. Interessam-se em investir no desenvolvimento intelectual, conquista de qualificações, ampliação de interesses e amizades. Consideram a remuneração satisfatória, mas sentem-se discriminadas em relação aos homens. Reclamam da sobrecarga de tarefas e dizem que se sentem

cansadas e apontam que isso, às vezes, atrapalha o relacionamento conjugal. Consideram que a dupla-jornada de trabalho é fonte de estresse e que precisam de uma maior colaboração dos membros da família. Em relação aos filhos, afirmam sentir falta de contato mais próximo e prolongado com estes.

Mulheres donas de casa. Elas sentem-se satisfeitas com a opção, mas queixam-se da rotina do lar. O nível de satisfação com o trabalho doméstico é baixo, associado a sentimentos de inferioridade e frustração, por não acompanharem as conquistas das mulheres que trabalham fora. Sentem-se desvalorizadas como mulheres, pelo trabalho que executam e pela dependência financeira em relação ao cônjuge. Julgam-se empobrecidas e improdutivas, mas reforçam a consideração da mulher como peça chave para o crescimento da família.

- a) Em relação às percepções das mães sobre a relação afetiva com seu filho:

Mulheres que trabalham fora. Elas preocupam-se com a formação educacional dos filhos, valorizando e preparando a pessoa que a substitui durante o horário em que trabalham. Preocupam-se em dar a melhor formação possível, ainda que indiretamente. Tentam investir muito na qualidade do afeto que mantêm com os filhos, quando estão em casa. Acreditam que sua menor disponibilidade contribui para o amadurecimento e o desenvolvimento de maior autonomia e independência entre os filhos.

Mulheres donas de casa. Elas participam mais da educação dos seus filhos e conhecem os filhos melhor. O cuidado com os filhos traz sentimentos de gratificação, pelo dever cumprido. São zelosas para com os filhos, mas sentem-se pouco valorizadas.

Assim, percebe-se que, tanto as mães donas de casa, como as mães que trabalham fora vêem vantagens e desvantagens com relação a sua opção de vida; não existe um ideal. Em qualquer opção a família precisa encontrar um equilíbrio entre as necessidades financeiras da família e as da qualidade dos cuidados oferecidos aos filhos. Sem um cuidado de qualidade, as crianças apresentam baixo rendimento escolar, brigas com colegas, têm maior probabilidade de evasão escolar e desenvolvem mais problemas de saúde (Gottman & DeClaire, 2001).

Assim, o presente estudo propões-se a: a) avaliar a frequência de diferentes tipos de interação entre mães e filhos, comparando mães que trabalham fora e mães donas de casa, b) comparar os filhos dos dois grupos de mães, no que diz respeito a alguns indicadores da adequação do desenvolvimento das crianças (desempenho acadêmico, autoconceito e percepção do envolvimento de suas mães) e, c) examinar a relação entre a frequência do envolvimento das mães para com seus filhos e os indicadores da adequação do desenvolvimento das crianças.

OBJETIVOS

Em relação aos instrumentos:

1. Adaptar instrumentos para avaliar condições de trabalho, bem-estar psicológico e a participação materna na educação dos filhos.
2. Verificar a consistência interna dos itens que constituíam escalas.

Em relação às mães que trabalham fora:

3. Avaliar as condições de trabalho das mães que trabalham fora.

Em relação à comparação de mães que trabalham fora e donas-de-casa:

4. Comparar o bem-estar psicológico das mães (estresse e custos pessoais).
5. Comparar as crenças das mães a respeito do papel desempenhado por elas (donas de casa/trabalha fora).
6. Comparar a frequência de diferentes tipos de interação entre cada grupo de mães e seus filhos.

Em relação aos filhos de mães que trabalham fora e donas-de-casa:

7. Comparar o desempenho acadêmico e o autoconceito dos filhos;
8. Comparar como os filhos percebem a comunicação entre eles e suas mães;

Comparação dos dois grupos de crianças em relação ao impacto da frequência de interação das mães com seus filhos:

9. Comparar os dois grupos, verificando o grau de relação entre os diferentes aspectos da interação materna e: (a) o desempenho acadêmico, (b) o autoconceito e (c) a percepção dos filhos da comunicação com suas mães.

MÉTODO

Este estudo envolveu dois momentos de coleta de dados, a primeira com as mães e a segunda com seus filhos. Assim, a metodologia usada com cada grupo será apresentada separadamente.

Coleta de dados com as mães

Participantes

Participaram desta pesquisa 60 mulheres, mães de crianças de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental. Dentre essas participantes, 24 trabalhavam fora e 36 exerciam atividades exclusivamente no lar (dona de casa).

Tabela 1. Caracterização das participantes em relação à idade, idade que se casou, tempo de união e número de filhos

	<i>M</i>	<i>dp</i>	Mínimo	Máximo	N
<i>Idade</i>					
Trabalha Fora	36,7	3,56	31	47	24
Dona de Casa	36	5,37	27	54	36
<i>Idade que se casou</i>					
Trabalha Fora	22,25	3,50	18	33	24
Dona de Casa	21,05	3,28	16	28	34
<i>Tempo de união</i>					
Trabalha Fora	15,04	4,65	10	33	21
Dona de Casa	15,30	5,04	4	27	36
<i>Quantidade de filhos</i>					
Trabalha Fora	1,79	0,58	1	3	24
Dona de Casa	2,4	1,24	1	6	35

Nota: 2 mães donas de casa deram respostas confusas em relação à idade que se casou e 1 mãe dona de casa não discriminou claramente o número de filhos que ela possuía.

A média de idade das participantes em ambos os grupos foi de 36 anos, sendo que no grupo de mães donas de casa as idades variaram mais (27 a 54 anos) que no grupo das mães que trabalhavam fora (31 a 47 anos) – ver Tabela 1.

As mães donas de casa casaram, em média, com menos idade que as mães que trabalhavam fora (20,97 anos – donas de casa e 22,43 – trabalhavam fora), e possuem, em média, mais filhos que as mesmas (2,40 filhos – donas de casa e 1,79 – trabalhavam fora), sendo a diferença entre os grupos estatisticamente significativa ($r = 2,205$; $p < 0,05$).

Estado civil

Tabela 2. Estado civil das participantes

	Porcentagem (%)	
	Trabalha fora N=24	Dona de casa N=35
Casada ou em regime de união estável	87,5	97,1
Separada ou divorciada	12,5	2,9
Total	100	100

Nota: Uma mãe dona de casa deu uma resposta confusa.

A maioria das mães é casada ou vive como casada (87,5% das mães que trabalham fora e 97,1% das donas de casa) com, em média, 15 anos de relacionamento conjugal em ambos os grupos, variando de quatro a 27 anos para as mães donas de casa e de 10 a 33 anos para as mães que trabalhavam fora. Essa variação no tempo de união, no caso das mães donas de casa, pode ser um indicativo de recasamentos, visto que a idade dos filhos “alvo” variava de 10 a 14 anos. É interessante notar o número maior de mães divorciadas que trabalhavam fora, o que demonstra a pressão financeira que essas mulheres sofriam para manter o nível de vida dela e dos filhos.

Renda familiar

Tabela 3. Renda familiar das participantes

	Porcentagem (%)	
	Trabalha fora N=22	Dona de casa N=30
Menos de R\$ 240,00	----	3,3
Mais de R\$240,00 e menos de R\$500,00	4,5	3,3
Mais de R\$500,00 e menos de R\$1000,00	59,1	50
Mais de R\$1000,00 e menos de R\$1500,00	9,1	10
Mais de R\$1500,00 e menos de R\$20000,00	22,7	26,7
Mais de R\$2000,00 e menos de R\$2500,00	4,5	3,3
Mais de R\$3000,00	----	3,3
Total	100	100

Nota: 2 mães que trabalhavam fora e 6 mães donas de casa deram respostas confusas.

A renda familiar das mães que trabalhavam fora variou de R\$240,00 a R\$2.500,00, sendo que a maioria (59,1%) tinha uma renda de R\$500,00 a R\$1000,00. A renda das mães donas de casa variou de menos de R\$240,00 a mais de R\$3.000,00, sendo que a faixa de renda mais frequente (50%) também era de R\$500,00 a R\$1.000,00. A maior variabilidade encontrada nesse último grupo pode ser um indicativo da facilidade/dificuldade dessas mulheres se limitaram à condição de ser dona de casa.

Escolaridade

Tabela 4. Escolaridade das participantes

	Porcentagem (%)	
	Trabalha fora N=24	Dona de casa N=34
1º grau incompleto	16,7	26,5
1º grau completo	8,3	14,7
2º grau incompleto	25	8,8
2º grau completo	33,3	38,2
3º grau incompleto	4,2	----
3º grau completo	8,3	11,8
Pós-graduação	4,2	----
Total	100	100

Nota: duas mães donas de casa deram respostas sem sentido.

A parcela maior das participantes, em ambos os grupos, possuía segundo grau completo (33,3% das mulheres que trabalhavam fora; 38,2% das donas de casa). Apesar da expectativa de maior formação acadêmica das mães que trabalhavam fora, os dados demonstraram que a frequência de participantes com essa formação em ambos os grupos

não foi muito diferente, pois 11,8% das mães donas de casa possuíam terceiro grau completo e 12,5% das mães que trabalhavam fora possuíam essa formação. Pode-se imaginar que tal fato ocorra devido à renda do parceiro (as maiores rendas apareceram no grupo de donas de casa) ou falta de oportunidades de empregos, bem remunerados e com flexibilidade de horário para garantir a disponibilidade aos filhos sempre que necessário, no mercado de trabalho para essa população, visto que o maior índice de desemprego no Brasil se encontra entre os concluintes do terceiro grau (Folha de São Paulo, 25/09/03).

Religião

Tabela 5. Religião das participantes

	Porcentagem (%)	
	Trabalha fora N=24	Dona de casa N=36
Católica Apostólica Romana	79,2	83,3
Evangélico	16,7	16,7
Não pertence	4,2	---
Total	100	100

A maioria das participantes de ambos os grupos (79,2% das mães que trabalhavam fora e 83,3% das donas de casa) era Católica Apostólica Romana. Os dados obtidos estão de acordo com os resultados obtidos pelo Censo do IBGE em 2000, no qual 73,6% da população era católica e 15,4% evangélica.

Critério para participar na pesquisa

No caso das mulheres que exerciam atividades fora do lar, foi utilizado como critério para sua participação na pesquisa, que ela estivesse trabalhando há mais de um ano.

Aspectos Éticos

O projeto da presente pesquisa foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos. Antes de dar início a coleta de dados, as mães receberam, juntamente com os termos de consentimento livre e esclarecido para sua participação (Anexo 1) e de seu filho (Anexo 2), informações acerca dos objetivos da pesquisa, a forma como ocorreria a coleta de dados, além de ser assegurado as mesmas o sigilo de sua identidade e a de seu filho, uma vez que os dados obtidos serão divulgados em periódicos de pesquisa e em congressos.

Local

A pesquisa foi realizada nas dependências de uma escola particular criada, mantida e administrada pela Indústria, sem custos para as famílias. A escola estava localizada em um bairro periférico de uma cidade de médio porte do estado de São Paulo, próxima ao distrito industrial da cidade. A população que morava na região da escola possuía nível sócio-econômico de classe média baixa, exercendo atividades diversificadas que iam desde industriários, bancários, profissionais liberais e outros.

Cabe destacar que os alunos que ingressam nessa Unidade de Ensino, em geral, tem pais que trabalham nas indústrias conveniadas. Mesmo se os pais perderem o emprego durante o período de escolaridade do filho, o aluno tem a vaga garantida até o final do Ciclo IV. Assim, a escola não atendia apenas estudantes que residiam próximos à Unidade Escolar.

Iniciativas da escola que afetavam o envolvimento dos pais nas atividades acadêmicas dos filhos

Dentre os objetivos da Unidade Escolar, destaca-se a primeira meta presente no Plano Escolar que é o de “*Manter relacionamento sistemático com as famílias, proporcionando condições de realizar um trabalho conjunto entre Família x Escola, numa parceria que possa trazer uma melhoria da qualidade de vida dos alunos e de seu rendimento escolar*” (p.X), o qual demonstra uma preocupação da Unidade em garantir o intercâmbio entre pais e escola. Como uma das formas de garantir o cumprimento desse objetivo, a Unidade Escolar elaborou um projeto intitulado “*Matrícula de pais na escola*”. O objetivo desse projeto era promover a integração família – escola por meio de encontros com dinâmicas de grupo e atividades de lazer, possibilitando o entendimento do importante papel da família na vida escolar do educando.

Outra forma de promover o contato entre pais e a escola existia com base no projeto “*Reunião de pais: sofrimento ou prazer*”. Este projeto visava ajudar os professores a melhorar a forma de realizar as reuniões bimestrais de pais e mestres, organizadas pela Instituição. Segundo a Diretora da instituição, após a adoção dessas medidas, o índice de presença dos pais nas reuniões escolares era, em média, de 80 a 90%, sendo maior a participação dos pais dos alunos dos ciclos I, II e III. Cabe ressaltar que as reuniões ocorriam no começo da manhã e no final da tarde, para permitir a participação da maior parte dos pais, independente do seu turno de trabalho.

Nos casos em que os pais faltavam às reuniões, a direção da escola entrava em contato com os pais para passar os dados referentes ao comportamento e desempenho do aluno.

Políticas e procedimentos da escola que afetavam o desempenho acadêmico dos alunos

Em relação à formação dos docentes dessa Unidade Escolar, nota-se que 53,3% possuíam terceiro grau completo e os 46,7% restantes possuíam o curso de Magistério.

Destaca-se, ainda, que os professores dessa rede possuíam um plano de carreira dividida em três níveis: Nível 1 - professores com 3º grau completo; Nível 2 - professores com pós-graduação *latu senso*; Nível 3 - professores com pós-graduação *strictu senso*. Cada nível possui quatro faixas de salário, sendo diferenciadas pelo número de horas de participação de cursos de formação continuada. Todos os docentes responsáveis pelos Ciclos III e IV possuíam formação superior.

Os docentes dessa instituição tinham, em média, 10 anos de experiência profissional e eram concursados para assumir o cargo. Periodicamente, os profissionais da Unidade Escolar eram convidados a participar de cursos, oferecidos pela rede que administrava a escola, onde eram discutidos temas relativos ao ensino-aprendizagem e formas alternativas de avaliação. No total, essa formação era de 36 horas por ano e ocorria durante o período de trabalho para garantir a participação de todos. Logo, nota-se a importância dada à formação desses professores por essa instituição.

Além das exigências em relação à formação dos professores, esta instituição escolar também usava a “avaliação formativa”, na qual o profissional tem que usar o processo de avaliação (diária e através de provas) para identificar os pontos deficientes na aprendizagem dos alunos, tentando retificar estas dificuldades (Gentile, 2000). Quando era detectado algum problema de aprendizagem durante a aula, esperava-se que o professor retomasse a matéria ou aplicasse uma atividade especial para aquele aluno realizar na sala de aula ou em casa. Nos casos em que a ajuda na sala de aula não era suficiente, o aluno era encaminhado para outros profissionais (fonoaudiólogos, psicopedagogos, psicólogos etc.). A troca de experiências entre professores e coordenação era freqüente, sendo que, formalmente, ela ocorria bimestralmente nas reuniões de conselho de classe. Entretanto, segundo a diretora, quando o professor enfrentava alguma dificuldade com algum aluno, ele buscava ajuda dos colegas e da coordenação durante o intervalo de aula.

Semestralmente, ocorriam avaliações “externas”, aplicadas em todas as escolas da rede, para verificar as habilidades e competências dos alunos, visando contribuir para mudanças na prática docente. Apesar de todos esses esforços, ao final do ano, as avaliações externas podem mostrar que alguns dos alunos não possuem as habilidades e competências para iniciar o próximo ciclo. Nesses casos, o aluno é retido, como ocorre em outras instituições no estado de São Paulo.

Instrumentos

Foi aplicado o *Questionário sobre a percepção materna a respeito do relacionamento familiar e de seu bem-estar* com as mães que trabalhavam fora e com as mães donas de casa. O questionário foi elaborado pela autora com base em instrumentos já utilizados em pesquisas anteriores (Sanjuta e Barham, 2002; Silva, 2000; Corrani e Barham, 1999; Silveira & Barham, 1999; Sorano e Barham, 1999) e adaptado com base nas respostas e sugestões obtidas durante o teste piloto, realizado com duas mães que se enquadravam no perfil proposto nessa pesquisa.

Para investigar a percepção das mulheres que trabalhavam fora quanto à adequação das suas condições de trabalho, acrescentaram-se algumas questões ao questionário. Assim, a versão do *Questionário sobre a percepção materna a respeito do relacionamento familiar e de seu bem-estar* usado com as mães donas de casa continha 38 questões (Anexo 3), e o *Questionário sobre a percepção materna a respeito do relacionamento familiar e de seu bem-estar* usada com as mães que trabalhavam fora continha 47 questões (Anexo 4). Na Tabela 6, estão especificados os itens das entrevistas com as mães, assim como o objetivo de cada item, comparando os itens da entrevista com mães donas de casa e mães que trabalham fora.

Tabela 6. Conteúdo das entrevistas usadas com mães donas de casa e que exerciam atividade remunerada fora do lar

MÃES QUE TRABALHAM FORA	MÃES DONAS DE CASA
<p>1. Identificação: dados sócio-demográficos; idade que se casou; tempo de convivência com o parceiro; dados sobre religião, ocupação e história de atividades remuneradas fora do lar; renda familiar; grau de escolaridade; renda total da família; ocupação; carga horária de trabalho semanal; período de trabalho.</p>	<p>1. Identificação: dados sócio-demográficos; idade que se casou; tempo de convivência com o parceiro; dados sobre religião, ocupação e história de atividades remuneradas fora do lar; renda familiar; grau de escolaridade; renda total da família.</p>
<p>2. Impacto dos filhos no histórico de trabalho: questões sobre o número de filhos, idade e escolaridade dos mesmos; impacto do nascimento do filho no trabalho (afastamentos, vínculo); quem é responsável pelos cuidados do filho enquanto trabalha e satisfação quanto aos cuidados que a pessoa presta ao filho.</p>	<p>2. Impacto dos filhos no histórico de trabalho: questões sobre o número de filhos, idade e escolaridade dos mesmos; impacto do nascimento do filho no trabalho (afastamentos, vínculo).</p>
<p>3. Escala de estresse: escala de 11 itens que busca verificar a frequência com a qual o respondente sente-se estressado, pontuado entre 1, ‘nunca’ e 5, ‘sempre’.</p>	
<p>4. Custos pessoais/familiares: escala com 15 itens que avalia a satisfação da respondente com o tempo disponível para realizar atividades pessoais ou que envolvem a família, pontuado entre 1, ‘muito insatisfeito’ e 5, ‘muito satisfeito’.</p>	
<p>5. Adequação do desempenho no papel familiar: escala que avalia a percepção da respondente em relação à adequação do seu desempenho no papel familiar. É composta de oito itens, pontuados entre 1, ‘discordo totalmente’ e 5, ‘concordo totalmente’.</p>	
<p>6. Apoio dos familiares para realização de tarefas domésticas: escala constituída por sete itens, pontuados entre 1, ‘muito insatisfeito’ e 5, ‘muito satisfeito’ que levanta como a respondente percebe a participação de outros familiares nas tarefas domésticas.</p>	
<p>7. Crenças pessoais: Compreende questões abertas e fechadas sobre as vantagens e desvantagens de trabalhar; percepção da mãe a respeito da opinião dos filhos em relação à opção escolhida; momento da vida que gostaria de dedicar ou ter dedicado à família ou ao trabalho; conflitos enfrentados para escolher trabalhar fora e por ter feito esta opção; satisfação com a divisão de tempo existente entre trabalho e família e como gostaria de dividir seu tempo; grau de importância da opinião dos pais, marido e amigos a respeito do fato de trabalhar fora e incentivo e apoio que os pais, marido e amigos ofereceram para que ela realize atividades fora do lar.</p>	<p>7. Crenças pessoais: Compreende questões abertas e fechadas sobre as vantagens e desvantagens de ser dona de casa; percepção da mãe a respeito da opinião dos filhos em relação à opção escolhida; momento da vida que gostaria de dedicar ou ter dedicado à família ou ao trabalho; conflitos enfrentados para escolher ser dona de casa e por ter feito esta opção; satisfação em dedicar o tempo todo à família; e grau de importância da opinião dos pais, marido e amigos a respeito do fato de ser dona de casa.</p>

Tabela 6a. Continuação do conteúdo dos questionários usados com mães donas de casa e que exerciam atividade remunerada fora do lar

MÃES QUE TRABALHAM FORA	MÃES DONAS DE CASA
<p>8. Habilidades sociais educativas das mães para com os filhos: questões fechadas com pontuação variando entre 0, ‘nunca’ e 365, ‘todos os dias’ sobre a frequência de comunicação entre mãe e filho (11 itens); participação e concordância do casal quanto à educação do filho (16 itens); relação da mãe e filho (10 itens); comportamentos da mãe quando o filho age errado (1 item). Questões sobre quantas horas a mãe fica com o filho fazendo alguma atividade e sobre as coisas que o filho faz que a agrada.</p>	
<p>9. Participação das mães nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos: questões fechadas sobre a frequência da participação da mãe na realização de (a) atividades escolares, culturais e de lazer com o filho (20 itens com pontuação variando de 0, ‘nunca’ a 365, ‘todos os dias’); (b) participação de reuniões escolares do filho; e (c) frequência de contato com o(s) professor(es) do filho. Questões abertas sobre a descrição do ambiente de estudo do filho e da rotina diária de estudos do filho.</p>	
<p>10. Carga de trabalho: escala com quatro itens que verifica a concordância da respondente quanto à adequação da sua carga de trabalho, pontuando entre 1, ‘discordo totalmente’ e 5 ‘concordo totalmente’.</p>	<p><i>Não se aplica.</i></p>
<p>11. Custos no trabalho: escala com 15 itens que avalia a frequência com a qual as demandas pessoais e familiares resultam em falhas no desempenho profissional, pontuado entre 0, ‘nunca’ e 365, ‘todo dia’.</p>	<p><i>Não se aplica.</i></p>
<p>12. Importância do papel do trabalho para a identidade: escala com cinco itens (1, ‘discordo totalmente’ a 5 ‘concordo totalmente’) que verifica a concordância do respondente quanto aos aspectos do trabalho serem importante para ela.</p>	<p><i>Não se aplica.</i></p>
<p>13. Satisfação com o trabalho: escala de 15 itens que avalia o grau de satisfação do respondente quanto as suas condições de trabalho, pontuando entre 1 ‘muito insatisfeito’ e 5 ‘muito satisfeito’</p>	<p><i>Não se aplica.</i></p>
<p>14. Ambiente interpessoal de trabalho: uma escala com 12 itens que o respondente indica seu grau de concordância quanto a adequação do apoio que recebe no seu ambiente de trabalho, com relação às interações entre seu supervisor, a ele mesmo e com os demais colegas de trabalho, pontuando entre 1, ‘discordo totalmente’ e 5 ‘concordo totalmente’</p>	<p><i>Não se aplica.</i></p>

Procedimento

Inicialmente, foi realizado contato com a direção da Escola para explicitação dos objetivos da pesquisa. Após a autorização da direção da escola, a pesquisadora participou de uma reunião de pais das quinta e sexta séries da instituição para apresentar o projeto às mães e selecionar as participantes. Como todas disseram que gostariam de participar, foi entregue o *Questionário sobre Interação Familiar na Visão Materna* para cada mãe que estava presente, de acordo com a atividade que a mesma realizava (trabalhava fora ou dona de casa). Junto ao questionário, estavam afixados dois termos de compromisso livre e esclarecido, um para a mãe (Anexo 1) e um em relação à participação do filho (Anexo 2). Foi estabelecida com as mães uma data para que elas devolvessem os questionários preenchidos.

Com o intuito de permitir que, além das mães que estavam presentes na reunião, as demais mães dos alunos de 5ª e 6ª série pudessem participar da pesquisa, cinco dias após a reunião de pais, a pesquisadora foi à instituição escolar recolher os questionários preenchidos e entregar os materiais da pesquisa para as outras mães através de seus filhos. Dessa forma, distribuí-se mais 35 cópias do *Questionário sobre a percepção materna a respeito do relacionamento familiar e de seu bem-estar*, com instruções específicas de como preenche-lo, e os termos de consentimento livre e esclarecido. Juntamente com as informações a respeito da pesquisa, encontrava-se o telefone da pesquisadora, caso as mães tivessem alguma dúvida, e uma data estabelecida para a entrega dos questionários. Do total de 130 questionários entregues na reunião e por meio dos alunos, 60 foram devolvidos. Cabe destacar que algumas mães entraram em contato com a pesquisadora para esclarecer dúvidas a respeito do preenchimento do instrumento.

Procedimento de análise dos dados

Os dados obtidos com as participantes constituíram-se de dados quantitativos e qualitativos. Para os dados qualitativos, foi realizada uma análise de conteúdo das respostas obtidas, as quais foram subdivididas em categorias. Essas categorias foram julgadas por dois juízes, buscando a obtenção de um consenso entre eles quanto às definições de categorias a serem usadas. Após o estabelecimento das categorias, foi calculada a frequência de cada uma nos diferentes subgrupos (trabalha fora e dona de casa). Para analisar a significância das diferenças entre os grupos de participantes, foi realizado o teste estatístico Chi-quadrado.

Os dados quantitativos foram registrados num banco de dados de acordo com a pontuação das opções selecionadas. Em seguida, foram calculados a média, o desvio padrão e os valores mínimos e máximos para cada grupo (mães que trabalhavam fora ou donas de casa). Para comparar as médias para os dois grupos de participantes, foi realizado o teste-T. Quando não havia diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de participantes, eram calculados, novamente, a média, o desvio padrão e os valores mínimos e máximos de cada item com todas as participantes.

Para verificar, de forma exploratória, se os itens sobre um mesmo assunto poderiam ser denominados de escala, foi realizado um teste de confiabilidade para avaliar a consistência interna da escala. Nos casos em que o *alfa de Cronbach* era maior que 0,70, o conjunto de itens foi considerado como escala e procedeu-se a uma análise dos componentes principais da escala, a qual indica o número de construtos presentes na escala e quais itens da escala que estavam avaliando cada construto. Além disso, foram calculadas as intercorrelações entre as escalas usadas sobre um mesmo tema (por ex., condições de trabalho, participação na educação dos filhos), através do teste de *Pearson*.

Para melhor entender a relação entre as condições de vida das mulheres e seu envolvimento com seu filho, foram calculadas as correlações entre as escalas usadas para avaliar, por um lado, as condições de trabalho e bem-estar psicológico das respondentes e, por outro lado, as quatro escalas usadas para avaliar sua participação na educação dos filhos.

Coleta de dados com os filhos

Participantes

Participaram da presente pesquisa 60 estudantes das 5ª e 6ª séries, de ambos os sexos, com idades variando entre 10 e 14 anos, cujas mães autorizaram sua participação. Os estudantes foram subdivididos em dois grupos, de acordo com a ocupação de sua mãe: (1) filhos de mães que trabalhavam fora e (2) filhos de mães donas de casa. As características desses participantes encontram-se na Tabela 7 e 8.

Tabela 7. Idade do filho alvo

Ocupação da mãe	N	Média	dp	Mínimo	Máximo
Trabalha fora	24	11,71	0,75	11	13
Dona de casa	36	11,97	0,86	10	14

Tabela 8. Sexo e escolaridade dos filhos

	Mãe Trabalha Fora (%)	Mãe Dona de Casa (%)	N
<i>Sexo do filho alvo</i>			
Masculino	62,5	38,9	29
Feminino	37,5	61,1	31
<i>Total</i>	100	100	60
<i>Série</i>			
5ª série	45,8	38,9	25
6ª série	54,2	61,1	35
<i>Total</i>	100	100	60

Medidas avaliativas

Teste de Desempenho Escolar (Stein, 1994). Instrumento que busca oferecer de forma objetiva uma avaliação das capacidades fundamentais para o desempenho escolar (escrita, aritmética e leitura). O teste foi concebido para a avaliação de escolares de 1ª a 6ª séries do Ensino Fundamental, ainda que possa ser usado, com algumas ressalvas, para estudantes de 7ª e 8ª séries. Destaca-se que o teste está fundamentado em critérios elaborados a partir da realidade escolar brasileira.

O TDE é composto por três subtestes:

1. Escrita: escrita do nome próprio e de palavras isoladas, apresentadas sob a forma de ditado;
2. Aritmética: solução oral de problemas e cálculos aritméticos por escrito;
3. Leitura: reconhecimento de palavras, isoladas do contexto.

Em cada um dos subtestes, o avaliador apresenta uma série de itens em ordem crescente de dificuldade, que são examinados independente da série da criança. O subteste é interrompido assim que os itens apresentados forem impossíveis de serem resolvidos pela criança.

Questionário para Avaliação do Autoconceito. O *Self-description Questionnaire I (SDQ-I)* foi traduzido e adaptado por Garcia e De Rose (2000), usando o título, *Questionário para Avaliação do Autoconceito* para a versão em português. Este instrumento é constituído por 76 itens que visam avaliar quatro áreas do autoconceito não acadêmico (Habilidade Física, Aparência Física, Relacionamento com os colegas e Relacionamento com os pais); três áreas do autoconceito acadêmico (Assuntos Escolares em Geral, Leitura e Matemática) e

uma oitava área envolvendo Autoconceito Geral, derivados do modelo de autoconceito de Shavelson (1985). Para completar o SDQ-I as crianças devem responder a sentenças declarativas simples (por exemplo, “Eu sou bom em matemática”) utilizando uma das cinco alternativas de respostas possíveis: 1, “sempre falso”, 2, “muitas vezes falso”, 3, “às vezes falso, às vezes verdade”, 4, “muitas vezes verdade”, e 5, “sempre verdade”. Cada uma das subescalas contém oito sentenças afirmando que o respondente possui certa habilidade ou qualidade. Além disso, no instrumento como um todo, existem 12 itens com sentenças negando que a pessoa possui certa habilidade ou qualidade (por exemplo, “Eu não sou bom em matemática”), para diminuir a indução de respostas positivas.

Questionário sobre a Relação da Mãe e Filho, na Visão do Filho. Foi adaptada pela autora uma escala sobre a Relação da Mãe e Filho, do Questionário sobre Interação Familiar na Visão Materna, para verificar como as crianças percebiam seu relacionamento com sua mãe (Anexo 5).

Local

A coleta de dados ocorreu em uma sala ampla e isenta de barulho, disponibilizada pela direção da escola.

Procedimento

Assim que as mães devolveram os questionários e os termos de consentimento devidamente assinados, deu-se início a coleta de dados com os estudantes. Apesar da expectativa de realizar essa coleta em horário contrário às atividades escolares (ou seja, à tarde), não foi possível devido à dificuldade de garantir que todas as crianças pudessem

comparecer para a aplicação dos instrumentos e por falta de espaço físico na instituição no período da tarde.

Dessa forma, a coleta de dados com as crianças foi realizada nas dependências da instituição escolar, no período da manhã. Para aplicação dos instrumentos, contou-se com a colaboração de uma Psicóloga recém-formada e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial. Cabe ressaltar que se buscou não prejudicar as atividades escolares dos alunos, sendo utilizados horários de aulas de Educação Física ou aproveitando horários de aulas em que o professor havia faltado.

Em um primeiro momento, a avaliadora chamava os alunos de uma determinada sala de aula e os conduzia à sala disponibilizada pela direção da escola. Em seguida, explicava-se o objetivo da pesquisa (verificar como ele se relacionava com sua mãe), ressaltava-se o caráter sigiloso dos dados obtidos e a não utilização dos mesmos na sua avaliação escolar. Depois destes esclarecimentos, era aplicado coletivamente o *Questionário para avaliação do autoconceito* e o *Questionário sobre a Relação da Mãe e Filho, na Visão do Filho*. A aplicação desses instrumentos durou cerca de 50 minutos e todos os itens dos instrumentos eram lidos em voz alta pela aplicadora e repetidos por três vezes. Apenas uma aluna da sexta série reclamou de ter de responder aos instrumentos. Foi-lhe dada a alternativa de não participar com os demais colegas, mas ela optou por continuar e não se retirou da sala.

Num segundo momento, ao longo de um período de quatro meses, aplicou-se o *Teste de Desempenho Escolar*, individualmente. Para tanto, a avaliadora chamava um aluno por vez e aplicava todos os subtestes do TDE, o que levava cerca de 60 minutos. Nos casos em que não foi possível completar o teste em uma única aplicação, devido ao intervalo ou fim das atividades acadêmicas naquele dia, a avaliadora completava a aplicação de um determinado subteste e deixava o restante para a próxima oportunidade. O

período de coleta de dados com as crianças demorou mais do que esperado, em função das atividades extracurriculares dos alunos e dos dias sem aula, para treinamento dos professores ou comemoração de datas festivas.

Assim que se encerrou a coleta de dados com os alunos, a autora analisou os dados do *Teste de Desempenho Escolar* e agendou com a diretora uma data para dar a devolutiva dos dados aos professores das classes que fizeram parte do estudo. Para cada professor foram entregues informações sobre a média obtida por cada sala, em comparação com as demais salas da mesma série, e a média esperada para cada série, com base na validação do instrumento no Brasil (Anexo 6).

Além da devolutiva aos professores e coordenação, foi elaborado um material para ser entregue a cada mãe das crianças que participaram da pesquisa, através do seu filho. Nesse material encontrava-se os resultados obtidos pelo filho nos subtestes do TDE, em comparação com a média obtida pelos alunos: (a) de sua sala, (b) das demais salas da mesma série e (c) dos alunos de outras escolas no Brasil da mesma série, que participaram da validação do instrumento (vide modelo da devolutiva no Anexo 7). A autora também enviou três folders com o intuito de informar e fornecer dicas práticas para as mães lidarem com o estresse (Anexo 8), com conflitos interpessoais (Anexo 9) e para ajudar o filho a se organizar nos estudos (Anexo 10). Na carta que acompanhou este material, as mães foram convidadas a entrar em contato com a pesquisadora no caso de dúvidas. Algumas das mães (N = 3) ligaram para a pesquisadora a fim de compreender melhor o desempenho do seu filho ou para questionar alguns diagnósticos realizados pelos professores (déficit de atenção, dificuldade de aprendizagem etc.).

Após consulta aos pais em relação ao seu interesse e horários, foi realizada uma palestra aberta a toda a comunidade escolar, intitulada “*Ajudando os pais na educação dos filhos*”. Esta palestra visou favorecer a reflexão sobre comportamentos e aspectos do

cotidiano familiar que favorecem a aprendizagem dos filhos, além de oferecer dicas sobre como auxiliá-los de forma adequada em relação a sua educação escolar. Os pais participantes (N = 8; 2 casais, 3 mães e 1 pai) avaliaram positivamente a palestra e participaram bastante, tirando dúvidas e relatando os problemas enfrentados com os filhos (de disciplina e de aprendizagem).

Procedimento de análise dos dados

Teste de Desempenho Escolar (TDE). As pontuações dos dados obtidos com esse instrumento foram feitas com base no manual do mesmo, obtendo os escores brutos de cada subteste e o escore bruto total no TDE.

Questionário para avaliação do autoconceito (SDQ I). Os dados obtidos com esse instrumento foram analisados segundo procedimentos apresentados no manual do mesmo. Inicialmente era calculado o escore bruto de cada subescala presente no instrumento. Esse escore era utilizado para calcular o escore “Total Acadêmico” (soma dos escores brutos de Habilidades Físicas, Aparência Física, Relacionamento com os Colegas e Relacionamento com os Pais), “Total Não Acadêmico” (soma dos escores brutos de Leitura, Matemática e Assuntos escolares em geral) e “Total Self” (Escore Total Acadêmico somado ao Escore Total Não Acadêmico).

Questionário de Interação familiar. Os dados obtidos com esse instrumento constituíram-se de dados quantitativos e foram analisados estatisticamente segundo medidas de tendência central e dispersão (média, desvio padrão, valores mínimos e máximos).

Comparação dos grupos de participantes. Compararam-se os dados obtidos para cada grupo de crianças (filhos de mães que trabalhavam fora e de donas de casa), utilizando o *Teste-t*.

Correlação. Para verificar a relação entre as variáveis analisadas junto às crianças, foi utilizado o teste de correlação de Pearson. Por fim, também foram calculadas as correlações entre as diferentes medidas do envolvimento das mães com seus filhos, por um lado, e, por outro, os resultados das crianças no TDE e no SDQ-I.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Análise exploratória da consistência interna dos itens da escala

Devido ao fato de não serem utilizadas escalas previamente validadas no Brasil, nesse estudo, analisou-se vários conjuntos de itens que se esperava usar para avaliar determinadas questões, a fim de verificar se eles possuíam um caráter de escala (por exemplo, satisfação no trabalho, participação da mãe nos cuidados com o filho, etc.). Cabe ressaltar, contudo, que, no contexto do presente estudo, a análise foi realizada de forma exploratória, pois o número de participantes não atinge o mínimo exigido (100 a 200) para se afirmar se os itens constituem-se de uma escala. Em caráter exploratório, então, verificou-se a consistência interna através do cálculo do *alfa* de *Cronbach* e realizou-se uma análise dos componentes principais do conjunto de itens cujo *alfa* de *Cronbach* foi superior a 0,70. A Tabela 9 apresenta a análise de componentes principais do conjunto de itens a respeito do grau de “Satisfação com o trabalho”.

Tabela 9. Escala do grau de satisfação com o trabalho: Análise de componentes principais

	C1	C2	C3	C4	C5	
Desenvolvimento profissional ($\alpha = .92$)						
O grau de justiça nas políticas de promoções	0,88					
As oportunidades de aprender coisas novas	0,87					
A carreira que você pode seguir	0,86					
As oportunidades de realizar alguma coisa de valor	0,81					
De modo geral, qual o grau de satisfação ou insatisfação que você tem no seu emprego atual.	0,66					
Relacionamento com os colegas de trabalho ($\alpha = .93$)						
Ajuda que você tem de seus colegas de trabalho		0,94				
Como você e seus colegas de trabalho se relacionam pessoalmente		0,89				
Orientação ($\alpha = .40$)						
A qualidade da orientação que você recebe			0,95			
Quantidade de orientação que você recebe			0,92			
Financeiro ($\alpha = .93$)						
O salário que você recebe				0,94		
Os benefícios do trabalho que você recebe				0,78		
Relacionamento com o superior						
Como seu superior trata você					0,84	
						Total
Variância Explicada (%)	27,9	17,9	15,9	8,5	7,6	84,1

Nota: Foram excluídos os itens que estavam com ponderação < 0,55 no componente que melhor representava, ou ponderação > 0,40 num segundo fator.

Em uma análise de componentes principais desta escala, três itens foram excluídos por apresentarem ponderação menor que 0,55 em todos os componentes e os 12 restantes dividiram-se em cinco componentes, explicando 84,1% da variância. Normalmente, quanto menos componentes a escala possui, maior a consistência interna dela. No entanto, quando se trata de satisfação no trabalho, sabe-se que é algo multideterminado, envolvendo vários componentes. Além disso, o *alpha* de *Cronbach* para três dos componentes foi superior a 0,90, o que é outro índice extremamente favorável (notar que não é possível obter um valor de *alpha* quando há apenas um item num determinado componente). Em relação à interpretação do valor do *alpha* de *Cronbach*, pode-se usar o seguinte sistema de classificação (Byrant, 2000):

<i>alpha</i> de <i>Cronbach</i>	Interpretação
< 0,49	Inadequado
0,50 – 0,69	Adequado
0,70 – 0,79	Bom
0,80 – 0,89	Muito bom
0,90 ou mais	Excelente

Assim, pode-se dizer que, segundo esta análise exploratória, a escala aparenta possuir índices de confiabilidade muito altos.

A Tabela 10 apresenta os dados da análise de componentes principais do conjunto de itens a respeito do grau de satisfação com o “Tempo disponível para realizar atividades na vida familiar e pessoal”.

Tabela 10. Escala do grau de satisfação com o tempo disponível para realizar atividades na vida familiar e pessoal: Análise de componentes principais

	C1	C2	
Bem-estar físico-emocional-social ($\alpha = 0,80$)			
Consultar médicos, dentistas e outros profissionais da saúde	0,86		
Se alimentar do modo que gostaria	0,85		
Encontros com outros familiares	0,71		
Participação em associações religiosas e comunitárias	0,62		
Cuidar da aparência pessoal	0,56		
Bem-estar pessoal ($\alpha = 0,63$)			
Cursos de aperfeiçoamento		0,84	
Trabalho voluntário		0,66	
Atividade física		0,58	
Variância Explicada (%)	31,75	22,42	Total 54,17

Nota: Foram excluídos os itens que estavam com ponderação $< 0,55$ no componente que melhor representava, ou ponderação $> 0,40$ num segundo fator.

Em uma análise de componentes principais desta escala, três itens foram excluídos por apresentarem ponderação menor que 0,55 nos dois componentes identificados e os oito itens restantes dividiram-se em dois componentes, explicando 54,17% da variância. A presença de apenas dois componentes é favorável, com uma taxa de variância explicada também muito boa.

A Tabela 11 apresenta os dados de consistência interna do conjunto de itens a respeito da frequência com a qual as mães sofriam com “Estresse”.

Tabela 11. Escala de frequência com a qual as mães sofriam com Estresse: Análise de componentes principais

	C1	C2	C3	
Reações emocionais ($\alpha = 0,74$)				
Sentiu-se ansioso e/ou preocupado	0,87			
Sentiu-se sufocado pelas coisas	0,73			
Sentiu-se cansado e esgotado	0,69			
Sentiu-se cheio de energia	0,68			
Agente ativa ($\alpha = 0,63$)				
Capaz de fazer alguma coisa para diminuir os problemas		0,78		
Sentiu tudo sobre controle		0,77		
Impacto/conseqüência				
Teve dificuldade para se concentrar			0,86	
Variância Explicada (%)	29,48	24,03	11,77	Total 65,29

Nota: Foram excluídos os itens que estavam com ponderação $< 0,55$ no componente que melhor representava, ou ponderação $> 0,40$ num segundo fator.

Em uma análise de componentes principais da escala, quatro itens foram excluídos por apresentarem ponderação menor que 0,55 e os sete itens restantes dividiram-se em três componentes, explicando 65,29% da variância. A porcentagem da variância explicada foi muito adequada.

A Tabela 12 apresenta os dados de consistência interna do conjunto de itens sobre a concordância/discordância das mães a respeito da “Adequação do seu desempenho no papel familiar”.

Tabela 12. Escala de concordância/discordância das mães a respeito da adequação do seu desempenho no papel familiar: Análise de componentes principais

	C1	C2	C3	
Cuidados com a casa e com os filhos ($\alpha = 0,69$)				
Acho que eu não estou mantendo minha casa tão organizada como eu gostaria	0,80			
Não dou conta de tudo que eu preciso fazer para o meu filho	0,77			
Acho que deixo as pessoas da minha família insatisfeitas comigo	0,64			
Senso de responsabilidade				
Acho que eu estou cumprindo com meus compromissos familiares		0,88		
Qualidade de cuidados com os familiares ($\alpha = 0,92$)				
Eu estou satisfeito com a qualidade dos cuidados que dedico ao meu filho			0,81	
Eu não estou colaborando tanto com a minha família como eu gostaria de estar			0,72	
Variância Explicada (%)	27,88	20,51	18,67	Total 67,06

Nota: Foram excluídos os itens que estavam com ponderação < 0,55 no componente que melhor representava, ou ponderação > 0,40 num segundo fator.

Em uma análise de componentes principais da escala, dois itens foram excluídos por apresentarem ponderação menor que 0,55 e os seis restantes dividiram-se em três componentes, explicando 67,06% da variância.

A Tabela 13 apresenta os dados de consistência interna do conjunto de itens a respeito do grau de satisfação com o “Apoio dos familiares para a realização de tarefas domésticas”.

Tabela 13. Escala do grau de satisfação com o apoio dos familiares para a realização de tarefas domésticas: Análise de componentes principais

	C1	C2	
Apoio emocional oferecido pelo parceiro ($\alpha = 0,83$)			
O apoio emocional que você recebe do seu marido	0,93		
A atenção que você recebe do seu marido para conversar sobre assuntos que são importantes para você	0,93		
A quantidade de tempo que o meu marido dedica na organização geral da casa (por exemplo, pagar contas, fazer compras etc.)	0,71		
O que seu marido pensa sobre o seu trabalho	0,65		
Apoio prático oferecido pelo parceiro ($\alpha = 0,80$)			
A quantidade de tempo que o meu marido se dedica cuidando do meu filho		0,91	
A quantidade de serviço doméstico que o meu marido realiza		0,83	
A ajuda que você recebe de seu marido quando surgem conflitos entre seus compromissos familiares e do trabalho		0,75	
			Total
Variância Explicada (%)	40,33	31,64	71,97

Nota: Foram excluídos os itens que estavam com ponderação $< 0,55$ no componente que melhor representava, ou ponderação $> 0,40$ num segundo fator.

Em uma análise de componentes principais da escala, os sete itens dividiram-se em dois componentes (sem necessidade de excluir itens), explicando 71,97% da variância. Esta escala também foi notável em relação às suas propriedades psicométricas positivas.

A Tabela 14 apresenta os dados de consistência interna do conjunto de itens a respeito do grau de “Participação da mãe nos cuidados com o filho”.

Tabela 14. Escala do grau de participação da mãe nos cuidados com o filho: Análise de componentes principais

	C1	C2	C3	C4	C5	C6	
Cuidados com o filho ($\alpha = 0,74$)							
Comprar roupas e brinquedos	0,83						
Higiene	0,78						
Educação Familiar ($\alpha = 0,67$)							
Atender solicitações de seu filho		0,85					
Dar mesada		0,70					
Preocupação com saúde física do filho ($\alpha = 0,65$)							
Fazer atividades físicas			0,79				
Alimentos com baixo valor nutricional			0,73				
Espiritualidade							
Ir a encontros religiosos				0,82			
Relacionamento social ($\alpha = 0,64$)							
Ter contato com parentes					0,82		
Círculo de amizades					0,73		
Punição							
Punir							0,82
							Total
Variância Explicada (%)	14,83	13,77	13,64	12,82	10,79	8,96	74,85

Nota: Foram excluídos os itens que estavam com ponderação $< 0,55$ no componente que melhor representava, ou ponderação $> 0,40$ num segundo fator.

Em uma análise de componentes principais da escala, cinco itens foram excluídos por apresentarem ponderação menor que 0,55 e os 10 restantes dividiram-se em seis componentes, explicando 74,85% da variância. Embora o número de componentes tenha sido alto, acredita-se que, como no caso de satisfação no trabalho, esta medida também é, por natureza, multidimensional.

A Tabela 15 apresenta os dados de consistência interna do conjunto de itens a respeito do grau de “Participação dos pais, na visão das mães, nos cuidados com o filho”.

Tabela 15. Escala do grau de participação do pai nos cuidados com o filho, segundo as mães: Análise de componentes principais

	C1	C2	C3	C4	C5	C6	
Cuidados com o filho ($\alpha = 0,52$)							
Comprar roupas e brinquedos	0,83						
Higiene	0,78						
Educação Familiar ($\alpha = 0,64$)							
Atender solicitações de seu filho		0,85					
Dar mesada		0,70					
Preocupação com saúde física do filho ($\alpha = 0,49$)							
Fazer atividades físicas			0,79				
Alimentos com baixo valor nutricional			0,73				
Espiritualidade							
Ir a encontros religiosos				0,82			
Relacionamento social ($\alpha = 0,51$)							
Ter contato com parentes					0,82		
Círculo de amizades					0,73		
Punição							
Punir						0,82	
Variância Explicada (%)	26,91	13,42	10,87	9,51	8,71	6,16	Total 75,60

Nota: Foram excluídos os itens que estavam com ponderação $< 0,55$ no componente que melhor representava, ou ponderação $> 0,40$ num segundo fator.

Em uma análise de componentes principais da escala, cinco itens foram excluídos por apresentarem ponderação menor que 0,55 e os 10 restantes dividiram-se em seis componentes, idênticos com os componentes que aparecerem na Tabela 14, em relação à participação das mães nestas mesmas atividades. No caso dos pais, os componentes identificados explicaram 75,6% da variância.

A Tabela 16 apresenta os dados de consistência interna do conjunto de itens a respeito do grau de “Comunicação entre mãe e filho, na visão das mães”.

Tabela 16. Escala de comunicação entre mãe e filho, na visão das mães: Análise de componentes principais

	C1	C2	C3	
Valorização do filho ($\alpha = 0,82$)				
Elogia	0,89			
Dá Carinho	0,81			
Pergunta sobre os amigos	0,75			
Mantém diálogo com o filho	0,67			
Cumpr promessas	0,55			
Buscar interação com o filho ($\alpha = 0,82$)				
Pergunta sobre a escola		0,90		
Pergunta aspectos do dia-a-dia		0,87		
Expressa suas opiniões		0,73		
Educação familiar ($\alpha = 0,29$)				
Expressa sentimentos negativos			0,75	
Impõe limites			0,65	
				Total
Variância Explicada (%)	31,3	20,9	12,3	64,5

Nota: Foram excluídos os itens que estavam com ponderação < 0,55 no componente que melhor representava, ou ponderação > 0,40 num segundo fator.

Em uma análise de componentes principais da escala, dois itens foram excluídos por apresentarem ponderação menor que 0,55 e os 10 restantes dividiram-se em três componentes, explicando 64,5% da variância.

A Tabela 17 apresenta os dados de consistência interna do conjunto de itens a respeito do grau de “Interação do filho com a mãe, segundo a mãe”.

Tabela 17. Escala de interação do filho com a mãe, segundo a mãe: Análise de componentes principais

	C1	C2	C3	
Filho busca interação com a mãe ($\alpha = 0,67$)				
Faz perguntas sobre o seu dia-a-dia	0,86			
Faz elogios à você	0,75			
Expressa desejos e preferências	0,58			
Demanda				
Solicita que você faça algo por ele		0,86		
Comportamento opositivo				
Desafia suas regras			-0,84	
				Total
Variância Explicada (%)	31,9	17,4	17,0	66,2

Nota: Foram excluídos os itens que estavam com ponderação < 0,55 no componente que melhor representava, ou ponderação > 0,40 num segundo fator.

Em uma análise de componentes principais da escala, cinco itens foram excluídos por apresentarem ponderação menor que 0,55 e os cinco itens restantes dividiram-se em três componentes explicando 66,2% da variância.

A Tabela 18 apresenta os dados de consistência interna do conjunto de itens a respeito do grau de “Participação da mãe nas atividades escolares, culturais e de lazer”.

Tabela 18. Escala do grau de participação da mãe nas atividades escolares, culturais e de lazer: Análise de componentes principais

	C1	C2	C3	C4	C5	C6	
Atividades de lazer ($\alpha = 0,66$)							
Passeia com o filho	0,84						
Assiste eventos culturais	0,74						
Acompanha filho para se vestir	0,68						
Auxílio prestado aos filhos ($\alpha = 0,68$)							
Auxilia filho nas atividades de higiene		0,88					
Auxilia filho nas lições de casa		0,76					
Participação nas atividades escolares ($\alpha = 0,39$)							
Incentiva filho a ler			0,71				
Acompanha progresso escolar do filho			0,66				
Incentiva filho a assumir responsabilidades acadêmicas			0,61				
Atividade da vida diária ($\alpha = 0,22$)							
Acompanha filhos nas refeições				0,85			
Pede para o filho organizar objetos pessoais				0,84			
Filme							
Assiste filmes com o filho					-0,84		
Incentivos domésticos e sociais ($\alpha = -0,06$)							
Incentiva o filho a fazer atividades domésticas						-0,73	
Incentiva o filho a ter contato com outros adultos						0,60	
Variância Explicada (%)	18,5	12,8	11,3	10,7	10,0	9,4	Total 68,8

Nota: Foram excluídos os itens que estavam com ponderação $< 0,55$ no componente que melhor representava, ou ponderação $> 0,40$ num segundo fator.

Em uma análise de componentes principais da escala, seis itens foram excluídos por apresentarem ponderação menor que 0,55 e os 13 restantes dividiram-se em seis componentes explicando 68,8% da variância.

Mulheres que trabalhavam fora

Como apontado anteriormente, no questionário para as mães que trabalhavam fora houve questões específicas ao ambiente de trabalho e sobre os arranjos que elas usavam

para lidar com as demandas do lar e do trabalho. Os dados apresentados a seguir são relativos a essas questões e buscam demonstrar como era a realidade desse outro universo das mulheres que trabalhavam fora.

Apoio no cuidado com os filhos

Para que uma mãe trabalhe fora, um dos primeiros quesitos refere-se aos cuidados com os filhos no horário do seu expediente. Dessa forma, verificou-se quem eram as pessoas responsáveis pelos cuidados com as crianças (Tabela 19) e a satisfação das mães com esses arranjos (Tabela 20).

A Tabela 19 apresenta o vínculo entre as mães e as pessoas responsáveis pelos cuidados dos filhos, enquanto as mães estavam trabalhando.

Tabela 19. Pessoa responsável pelos cuidados dos filhos enquanto as mães trabalhavam (N = 22⁺)

Pessoa responsável	Freqüência	Porcentagem (%)
Parente (avó, tia, pai etc.)	10	45,5
Amiga/vizinha	2	9,1
Deixa na escola	2	9,1
Outro	2	9,1
<i>Subtotal</i>	<i>16</i>	<i>72,8</i>
Ficam sozinhos	6	27,2
Total	22	100

Nota:⁺ Havia uma resposta em branco e uma resposta sem sentido.

Parte das mulheres que trabalhavam fora (45,5%) contavam com parentes para lhes auxiliar nos cuidados com os filhos. Esse tipo de arranjo se constitui numa alternativa menos custosa, financeira e emocionalmente (poucas diferenças de hábitos, tradições, condutas etc.), para a família. No entanto, seria interessante verificar, também, como são os cuidados oferecidos por esses parentes (avós, tias etc.) e quais as condições dos filhos que permanecem sozinhos quando as mães estão trabalhando.

Além de saber quem são as pessoas responsáveis pelos cuidados dos filhos, cabe saber quão satisfeitas estavam essas mães com esses cuidados (ver Tabela 20).

Tabela 20. Satisfação das mães em relação a essas pessoas no cuidado de seus filhos (N = 18⁺)

	<i>M</i>	<i>dp</i>	Mínimo	Máximo
Como você se sente em relação a essas pessoas no cuidado de seus filhos?	3,61	1,14	1	5

Nota: ⁺ Quatro mães, que disseram que o filho fica sozinho, não responderam a essa questão.

No geral, as mães estavam satisfeitas com os cuidados prestados pelas pessoas responsáveis pelos cuidados de seus filhos enquanto elas estavam trabalhando ($M = 3,6$). Entretanto, cabe observar que existiam mães que estavam muito insatisfeitas ($n = 2$) com esses cuidados. Em um dos casos, a mãe deixava o filho sozinho e no outro ele ficava com uma amiga/vizinha. Esse dado reflete o grau de pressão sobre as mães para que trabalhassem fora, mesmo não estando satisfeitas com a situação de seus filhos enquanto elas trabalhavam.

Função exercida

Na Tabela 21, se encontram os dados referentes à função que essas mulheres exerciam.

Tabela 21. Função exercida pelas mulheres que trabalhavam fora (N = 24)

Setor do mercado	Frequência	Porcentagem (%)
Serviços	10	41,7
Industria	8	33,3
Administrativo	3	12,5
Saúde	2	8,3
Educação	1	4,2
Total	24	100

Dada a formação acadêmica das participantes (ver Tabela 4), a grande maioria (75%) possuía funções que não exigiam muita qualificação, concentrando-se em serviços

(empregada doméstica, faxineira, servente e cabeleireira) e em empregos no setor de indústria (auxiliar de produção e operadora de máquinas).

Importância do trabalho

Uma questão importante quando se fala em trabalho refere-se à importância que o mesmo tem para a identidade da pessoa. No caso específico de mães, essa questão ainda é mais capciosa. Vale lembrar que uma pesquisa realizada em São Paulo com mães trabalhadoras e donas de casa apontou que os filhos, de ambos os grupos, apresentavam maior segurança e melhor relacionamento com as mães quando estas demonstravam satisfação com a posição assumida (Pereira, 1978 *apud* Bertolini, 2002). Nessa direção, as Tabelas 22 e 23, respectivamente, demonstram qual a importância do trabalho para a identidade das participantes e quão satisfeitas elas estavam com o emprego.

Tabela 22. Importância do papel do trabalho para a identidade (N = 23⁺)

	<i>M</i>	<i>dp</i>
Se eu trabalho ou não pouco importa sobre o que eu sinto sobre mim (<i>pontuação invertida</i>)	4,19	0,92
Meu trabalho é parte importante de quem eu sou	3,85	0,91
Meu trabalho ocupa um lugar importante em minha vida	3,85	0,72
Provavelmente eu continuaria trabalhando mesmo sem a necessidade do dinheiro	3,00	1,22
Eu trabalho mais por precisar do que por querer (<i>pontuação invertida</i>)	2,40	1,00

Nota: A pontuação variou de 1, ‘discordo totalmente’ a 5, ‘concordo totalmente’, mas para itens com pontuação invertida, de 1, ‘concordo totalmente’ a 5, ‘discordo totalmente’.

⁺Uma participante não respondeu e duas responderam mais do que uma alternativa, nos itens apresentados.

No geral, as mulheres que trabalhavam fora consideraram o trabalho parte importante de sua identidade, ocupando um lugar importante em sua vida. Como mostra o item, “*Eu trabalho mais por precisar do que por querer*”, no entanto, o fato de estar trabalhando fora foi baseada mais na necessidade do que na vontade.

Tabela 23. Grau de satisfação com o trabalho (N = 22⁺)

	<i>M</i>	<i>dp</i>
Quanto você se sente bem com aquilo que faz	4,10	0,56
Como você e seus colegas de trabalho se relacionam pessoalmente	3,85	0,87
Ajuda que você tem de seus colegas de trabalho	3,77	0,80
Como seu superior trata você	3,65	0,93
De modo geral, qual o grau de satisfação ou insatisfação que você tem no seu emprego atual	3,55	0,75
A qualidade da orientação que você recebe	3,50	0,88
A quantidade de trabalho que você tem de fazer	3,45	1,09
Quantidade de orientação que você recebe	3,40	0,88
A oportunidade que você tem de usar as suas capacidades	3,25	1,11
Os benefícios do trabalho que você recebe	2,95	1,31
O salário que você recebe	2,95	1,05
A carreira que você pode seguir	2,89	1,10
As oportunidades de aprender coisas novas	2,89	1,19
As oportunidades de realizar alguma coisa de valor	2,88	1,13
O grau de justiça nas políticas de promoções	2,78	1,13

Nota: A pontuação variou de 1, 'muito insatisfeito' a 5, 'muito satisfeito'

⁺ Duas participantes não responderam e duas responderam mais do que uma alternativa para o mesmo item.

As maiores fontes de satisfação dessas mulheres envolveram a característica da função exercida pelas mesmas e os relacionamentos interpessoais estabelecidos no ambiente do trabalho. Já em relação às fontes de insatisfação (pontuação menor que três), encontraram-se fatores relacionados ao desenvolvimento profissional e financeiro. Esse resultado pode ser compreendido com base nas funções exercidas por essas profissionais, visto que as mesmas, na maioria das vezes, são mal remuneradas e não possibilitam progressões na carreira.

Condições de trabalho

Embora, muitas vezes, as mulheres possam se sentir razoavelmente satisfeitas com o trabalho, o mesmo pode apresentar algumas dificuldades específicas, como por exemplo, sobrecarga de trabalho (Tabela 24), dificuldades do desempenho profissional relacionadas às demandas familiares (Tabela 25) e falta de apoio interpessoal no ambiente de trabalho (Tabela 26).

Na Tabela 24, estão apresentados os dados sobre a percepção que as mulheres que trabalhavam fora tinham a respeito da sobrecarga de trabalho.

Tabela 24. Percepção de sobrecarga de trabalho (N = 22⁺)

	<i>M</i>	<i>dp</i>	Mínimo	Máximo
Tenho tempo suficiente para completar meu trabalho	3,71	1,05	2,00	5,00
Raramente eu consigo terminar o trabalho que tenho para fazer (<i>pontuação invertida</i>)	3,61	0,86	2,00	5,00
No meu emprego tenho coisas demais para fazer (<i>pontuação invertida</i>)	3,04	1,02	1,00	4,00
Freqüentemente tenho tempo sobrando	2,23	0,62	1,00	4,00

Nota: A pontuação variou de 1, ‘discordo totalmente’ a 5, ‘concordo totalmente’, mas para os itens com pontuação invertida de 1, ‘concordo totalmente’ a 5, ‘discordo totalmente’.

⁺ Duas participantes não responderam e uma respondeu mais do que uma alternativa.

Aparentemente, as mulheres tinham tempo de completar seu trabalho, mas não possuíam tempo sobrando, como pode ser visto no item “*freqüentemente tenho tempo sobrando*”. Ou seja, o tempo que passavam no trabalho estava sempre ocupado, mas não precisavam trabalhar horas extras ou levar tarefas para casa.

Além da quantidade de trabalho a ser realizado, também se investigou uma série de outras dificuldades (“custos”) que as mulheres podiam enfrentar no seu trabalho. A Tabela 25 apresenta os dados referentes a esses custos. Os resultados para alguns itens presentes nessa escala não serão apresentados, pois os mesmos não ocorriam em nenhum contexto de trabalho da população participante (*‘não pude fazer algumas viagens de trabalho’*; *‘não pude aceitar projetos extras’*; *‘não pude aceitar promoções’*; *‘não pude participar de algum treinamento’*; *‘não pude pedir/aceitar uma transferência’*), uma vez que a maioria exercia atividades no ramo de serviços (Tabela 21) e não possuía perspectivas de progressão na carreira. Cabe destacar, que mesmo nos itens em que foram obtidas algumas respostas, a grande maioria disse que os mesmos não se aplicavam à sua realidade, sendo as respostas referentes a uma ou duas participantes, dependendo do caso (ver Tabela 25).

Tabela 25. Custos no trabalho: Frequência de diferentes dificuldades no desempenho profissional

	<i>M</i>	<i>dp</i>	Mínimo	Máximo	N
Eu tive um conflito com meu superior	3,00	----	3	3	1
Tive que sair mais cedo do trabalho	2,50	0,70	2	3	2
Não consegui me concentrar no trabalho	2,50	0,70	2	3	2
Não pude trabalhar no turno que eu gostaria	2,00	----	2	2	1
Não pude participar de algumas reuniões	2,00	----	2	2	1
Tive conflitos com meus colegas de trabalho	0	----	----	----	24
Tive que reduzir o número de horas de trabalho por semana	0	----	----	----	24
Cheguei atrasada	0	----	----	----	24
Tive que interromper meu trabalho para resolver alguma outra coisa	0	----	----	----	24
Precisei de um tempo maior de almoço	0	----	----	----	24

Nota: A pontuação variou de 0, 'não se aplica' a 1, 'uma vez por mês ou menos', 2, 'duas ou três vezes por mês', 3, 'uma vez por semana', 4, 'várias vezes por semana' e 5, 'todo dia'.

O maior custo no trabalho apontado por uma das mulheres envolvia conflitos com superiores. Vale ressaltar que a participante relatou ter conflitos com os superiores uma vez por semana. Para diversos itens, as participantes disseram que os mesmos não ocorriam em seu cotidiano (*'tive conflitos com meus colegas de trabalho'*; *'tive que reduzir o número de horas de trabalho por semana'*; *'cheguei atrasada'*; *'tive que interromper meu trabalho para resolver alguma outra coisa'*; *'precisei de um tempo maior de almoço'*). De fato, podemos considerar que os setores de trabalho das mesmas se caracterizavam como setores mais ortodoxos e com poucas possibilidades de arranjos para atender as necessidades pessoais e/ou familiares. Ao mesmo tempo, por depender, muitas vezes, de transporte coletivo, seu horário era mais fixo e a disponibilidade para demandas familiares era restrita durante o período de trabalho. Mesmo a instabilidade dos empregos podia ter afetado seu desempenho, fazendo com que elas cumprissem à risca o que era determinado pelos chefes.

Além da questão da sobrecarga e desempenho profissional, examinou-se as características do ambiente interpessoal de trabalho. Nesse aspecto, encontra-se o relacionamento estabelecido entre os colegas de trabalho e os superiores. A Tabela 26

descreve como as participantes avaliaram o ambiente interpessoal que elas encontravam em seu local de trabalho.

Tabela 26. Adequação do ambiente interpessoal de trabalho (N = 19⁺)

	<i>M</i>	<i>dp</i>	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>
Superior				
Meu superior não entende o quanto a minha vida pessoal/familiar é importante para mim (<i>pontuação invertida</i>)	3,36	0,95	1,00	4,00
Meu superior não entende que às vezes os compromissos pessoais/familiares dos empregados vêm antes do trabalho (<i>pontuação invertida</i>)	3,31	0,82	2,00	4,00
Meu superior faz o possível para tornar as coisas mais fáceis quando os empregados têm dificuldades em casa.	3,26	1,04	1,00	5,00
Meu superior faz coisas que ajudam no equilíbrio entre a vida pessoal/familiar e o trabalho dos empregados	3,16	0,85	2,00	4,00
Meu superior respeita pouco minhas responsabilidades pessoais/familiares (<i>pontuação invertida</i>)	3,15	0,89	1,00	4,00
Para marcar reuniões ou horas extras meu superior mostra pouca consideração pelos compromissos pessoais/familiares dos empregados (<i>pontuação invertida</i>)	3,10	0,87	2,00	4,00
Meu superior não quer saber dos meus compromissos fora do trabalho (<i>pontuação invertida</i>)	3,05	0,97	2,00	5,00
Meu superior se importa com o andamento das minhas coisas fora do trabalho	2,73	1,19	1,00	5,00
Esta empresa deixa claro que os empregados não deveriam deixar a vida pessoal/familiar interferir no trabalho (<i>pontuação invertida</i>)	2,66	0,97	1,00	4,00
Colegas				
Meus colegas de trabalho não mostram boa vontade em me ajudar (<i>pontuação invertida</i>)	3,72	0,89	2,00	5,00
Se eu tiver que perder parte do dia de trabalho, tenho colegas que me substituiriam na medida do possível	3,47	1,02	1,00	5,00
Eu tenho colegas de trabalho que me apoiariam se eu estivesse passando por problemas pessoais	3,47	1,12	1,00	5,00
Se eu estivesse com dificuldades pessoais haveria colegas de trabalho que se importariam comigo	3,42	1,07	1,00	5,00
Eu não posso depender dos meus colegas de trabalho para ajuda prática (<i>pontuação invertida</i>)	3,42	1,12	1,00	5,00
Eu tenho colegas do trabalho que fariam esforço extra para me ajudar	3,21	1,13	1,00	5,00
Eu não posso falar sobre assuntos pessoais com meus colegas de trabalho (<i>pontuação invertida</i>)	3,11	1,13	1,00	5,00

Nota: A pontuação variou de 1, 'discordo totalmente' a 5, 'concordo totalmente', mas para itens invertidos de 1, 'concordo totalmente' a 5, 'discordo totalmente'.

⁺Cinco participantes disseram que os itens não se aplicam a sua realidade.

De forma geral, as respondentes que trabalhavam fora de casa indicaram que o ambiente interpessoal de trabalho era adequado, com médias indicando que concordavam, ou pelo menos não discordavam, dos enunciados, sendo que o apoio variou de baixo para

alto, dependendo do contexto. Além disso, as mulheres indicaram que recebiam um pouco mais de apoio de seus colegas do que de seus supervisores.

Para entender a qualidade da relação mãe-filho, investigou-se o quanto trabalhar fora trazia benefícios e dificuldades para essas mulheres, que podiam ajudar ou atrapalhar seu envolvimento familiar. Com base nos resultados sobre questões ligadas ao trabalho, percebe-se que a maior parte das mulheres nesta amostra estava engajada e satisfeita com suas funções, apesar de lidar com condições de trabalho só medianamente adequadas, com uma certa variação entre pouco adequado e muito adequado. Assim, para parte dessas mulheres, seu emprego pode representar uma fonte de estresse nas suas vidas. Contudo, independente de exercer atividades remuneradas fora do lar, ou não, todas as mulheres que participaram da pesquisa lidavam com demandas que podiam gerar estresse. Assim, os próximos resultados incluem os dois grupos de mulheres, novamente.

Estresse

Como dito anteriormente, uma das hipóteses do presente trabalho era a de que o estresse nos dois grupos de mulheres avaliadas nessa pesquisa podia ser parecido, embora pudesse envolver fontes diferentes. De fato, quando comparou-se o estresse de ambos os grupos, não apareceram diferenças estatisticamente significativas. Em função disso, ao invés de apresentar os resultados para cada grupo individualmente, e gerar interpretações errôneas por atentar para diferenças não significativas, foi calculada a média geral e o desvio padrão para os itens desta escala. A Tabela 27 apresenta os resultados obtidos.

Tabela 27. Estresse (N = 59⁺)

	<i>M</i>	<i>Dp</i>
Sentiu-se ansiosa e/ou preocupada	3,16	0,92
Sentiu-se sufocada pelas coisas	3,07	0,84
Sentiu-se cansada e esgotada	3,03	0,91
Sentiu-se calma e relaxada (<i>pontuação invertida</i>)	3,01	0,85
Sentiu-se cheia de energia (<i>pontuação invertida</i>)	2,79	0,92
Teve dificuldade para se concentrar	2,74	1,03
Capaz de manejar o estresse (<i>pontuação invertida</i>)	2,62	0,76
Sentiu-se incapaz de dar conta de tudo	2,62	1,02
Sentiu tudo sobre controle (<i>pontuação invertida</i>)	2,46	0,93
Capaz de fazer alguma coisa para diminuir os problemas (<i>pontuação invertida</i>)	2,37	0,99
Sentiu-se de bem com a vida (<i>pontuação invertida</i>)	2,18	0,72

Nota: A pontuação variou de 1, ‘nunca’ a 5, ‘o tempo todo’, mas para itens invertidos de 1, ‘o tempo todo’ a 5, ‘nunca’.

⁺ Uma participante respondeu mais de uma alternativa.

Os dados demonstraram que as mulheres estavam sofrendo níveis razoáveis de estresse, uma vez que as mesmas relataram que “às vezes” se sentiam ‘*ansiosa e/ou preocupada*’, ‘*sufocada pelas coisas*’ e ‘*cansada e esgotada*’. No entanto, vale ressaltar que as respondentes disseram que, “na maior parte do tempo”, “*sentiam-se de bem com a vida*” e “*capazes de fazer alguma coisa para diminuir os problemas*”, o que nos dá indícios de que o quadro das mesmas, em geral, não era tão alarmante. Ao mesmo tempo, vale destacar que algumas mulheres se avaliaram usando os pontos máximos da escala e outras se avaliaram usando os pontos mínimos, o que indica a necessidade de cautela para a análise e generalização destes dados, uma vez que devem existir reais diferenças entre as mulheres em relação ao seu padrão de estresse cotidiano, além de existir variações no estresse de cada mulher, de um dia para o outro.

Custos Pessoais

Além do sentimento de estresse, as mulheres podiam estar enfrentando custos (dificuldades) na vida pessoal, para conseguir lidar com as atribuições profissionais (no caso das mulheres que trabalhavam fora), do lar e dos cuidados com os filhos. A Tabela

28, a seguir, apresenta dados sobre a satisfação das mulheres em relação à quantidade de tempo que elas tinham disponível para realizar as atividades da vida pessoal e familiar.

Tabela 28. Custos pessoais: Grau de satisfação com relação à quantidade de tempo disponível para realizar atividades na vida pessoal ou familiar (N = 55⁺)

<i>Custos</i>	<i>M</i>	<i>dp</i>
Descansar/dormir	3,64	1,10
Encontros com os amigos	3,57	,88
Encontros com outros familiares	3,55	,87
Participação em associações religiosas e comunitárias	3,50	1,25
Consultar médicos, dentistas e outros profissionais da saúde	3,36	1,15
Cuidar da aparência pessoal	3,25	1,09
Outras atividades de lazer	3,10	1,11
Se alimentar do modo que gostaria	3,10	1,31
Trabalho voluntário	3,05	1,11
Atividade física	2,75	1,19
Cursos de aperfeiçoamento	2,69	1,03

Notas: Não houve diferenças significativas entre os grupos de participantes.

A pontuação variou de 1, 'muito insatisfeito' a 5, 'muito satisfeito'.

⁺ Cinco participantes foram excluídas porque responderam mais do que uma alternativa para o mesmo item.

Os maiores custos pessoais para as mulheres envolviam a falta de tempo para realizar '*atividades físicas*' e '*cursos de aperfeiçoamento*'. A não realização de atividades físicas pode ser considerada como um fator que agrava o estresse e a susceptibilidade a doenças, e contribui para um menor grau de auto-estima. A não realização de cursos de aperfeiçoamento pode comprometer as possibilidades de melhorar o *status* profissional das mulheres que trabalhavam fora, em especial as que trabalhavam no setor administrativo, de saúde e de educação, mas, mesmo as que atuavam no setor de serviços, que poderiam tentar realizar atividades profissionais em outros setores mais economicamente rentáveis. No caso das mulheres donas de casa, a falta de tempo para realizar cursos de aperfeiçoamento (precisando sair de casa e deixar os filhos sob responsabilidade de outra pessoa) poderia dificultar uma eventual tentativa de reingressar no mercado de trabalho.

Ressalta-se, mais uma vez, que existe variação na percepção dessas dificuldades.

Para cada item, existiam algumas pessoas muito insatisfeitas e outras muito satisfeitas com

o tempo disponível para realizar as atividades da vida familiar e pessoal. Mais adiante será verificada qual a relação entre satisfação com o tempo para a vida familiar/pessoal e a frequência de envolvimento das mães, junto aos seus filhos.

Vida familiar

Além da satisfação, em si, das mulheres com sua vida pessoal e familiar, um ponto crucial do presente estudo refere-se ao detalhamento de como se dá o relacionamento familiar. Para tanto, foi avaliado o grau de concordância das mães a respeito da adequação do seu desempenho no papel familiar (Tabela 29) e o grau de satisfação com o apoio dos familiares para a realização de tarefas domésticas (Tabela 30).

Tabela 29. Grau de concordância/discordância das mães, a respeito da adequação do seu desempenho no papel familiar: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 60)

	Trabalha fora		Dona de casa		Teste-t	gl
	<i>M</i>	<i>dp</i>	<i>M</i>	<i>dp</i>		
Eu não estou colaborando tanto com a minha família como eu gostaria de estar	3,60	1,15	3,60	1,24	ns	
Eu estou satisfeito com a qualidade dos cuidados que dedico ao meu filho	3,60	0,94	3,88	1,23	ns	
Acho que eu estou cumprindo com meus compromissos familiares	3,59	1,00	4,11	1,00	ns	
Acho que deixo as pessoas da minha família insatisfeitas comigo	3,52	0,89	3,93	0,82	ns	
Sinto que eu estou tão próximo a minha família como eu gostaria de estar	3,34	0,93	4,02	1,12	2,40**	56
Acho que eu não estou mantendo minha casa tão organizada como eu gostaria	3,17	1,26	3,84	1,20	2,02*	54
Não dou conta de tudo que eu preciso fazer para o meu filho	3,17	1,02	3,77	1,11	2,05*	56
Estou satisfeito com o suporte financeiro que eu proporciono a minha família	2,76	0,94	3,00	1,24	ns	
Total	20,49	3,24	20,59	3,01	ns	

Notas: ns: diferença estatisticamente não significativa.

* $p < ,05$; ** $p < 0,01$.

A pontuação variou de 1, 'discordo totalmente' a 5, 'concordo totalmente'.

2 participantes, no total, responderam mais de uma alternativa nos itens. 7 participantes, no total, responderam mais de uma alternativa no item 'estou satisfeito com o suporte financeiro que proporciono à minha família'.

As principais diferenças presentes nesse quesito estavam relacionadas à percepção da adequação da participação das mães junto à família, sendo que as mulheres que trabalhavam fora apresentaram médias significativamente menores que as donas de casa para três desses itens (“*Sinto que eu estou tão próximo a minha família como eu gostaria de estar*”; “*Acho que eu não estou mantendo minha casa tão organizada como eu gostaria*”; “*Não dou conta de tudo que eu preciso fazer para o meu filho*”). Além disso, as mulheres donas de casa se auto-avaliaram sistematicamente um pouco mais positivamente do que as mulheres que trabalhavam fora. Pode-se atribuir esse resultado às demandas do trabalho, que faziam com que as mulheres que trabalhavam fora não tivessem tanto tempo para lidar com as demandas do lar, comparadas com as donas de casa, levando elas a avaliar sua participação familiar de forma menos positiva do que as donas de casa (Bystronski, Lassance, Seibach, 1989).

Tabela 30. Grau de satisfação com o apoio dos familiares para realização de tarefas domésticas: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 57[†])

	Trabalha fora		Dona de casa		Teste-t	gl
	M	dp	M	dp		
O que seu marido pensa sobre o seu trabalho	3,75	0,63	3,93	1,03	ns	
A ajuda que você recebe de seu marido quando surgem conflitos entre seus compromissos familiares e do trabalho	3,57	0,87	4,12	1,00	2,06*	51
A quantidade de tempo que o seu marido dedica, cuidando do seu filho	3,57	0,97	3,83	1,02	ns	
A atenção que você recebe do seu marido para conversar sobre assuntos que são importantes para você	3,57	1,16	3,97	1,15	ns	
O apoio emocional que você recebe do seu marido	3,57	1,07	3,88	1,24	ns	
A quantidade de tempo que o seu marido dedica na organização geral da casa (por exemplo, pagar contas, fazer compras etc.)	3,42	1,16	4,00	1,16	ns	
A quantidade de serviço doméstico que o seu marido realiza	2,90	1,17	3,57	1,09	2,14*	54

Nota: ns: diferença estatisticamente não significativa.

* p<0,05.

A pontuação variou de 1, ‘muito insatisfeito’ a 5, ‘muito satisfeito’.

[†]Duas mulheres que trabalhavam fora e uma dona de casa deixaram a questão em branco.

Os dados apresentados na Tabela 30 demonstraram diferenças estatisticamente significativas em relação a dois itens: “a ajuda que você recebe de seu marido quando surgem conflitos entre seus compromissos familiares e do trabalho” e “a quantidade de serviço doméstico que o seu marido realiza”. Em ambos os casos, as donas de casa apresentaram médias superiores às mulheres que trabalhavam fora, embora é pouco provável que os maridos de donas de casa, de fato, ajudam mais do que os maridos de mulheres que trabalham fora (Mederer, 1993). Uma possível explicação para este resultado refere-se às expectativas das participantes. Mesmo que os maridos dos dois grupos de mulheres oferecessem o mesmo tanto de ajuda, as mulheres que trabalhavam fora estariam menos satisfeitas que as donas de casa, uma vez que a necessidade de contar com a ajuda do marido seria maior entre as mulheres que trabalhavam fora do que entre as donas de casa. Logo, o mesmo desempenho por parte dos maridos em ambos os grupos seria mais bem avaliado pelas mulheres donas de casa.

Questões envolvidas na opção de trabalhar fora

Para melhor entender os fatores que influenciam na satisfação das mulheres com o seu desempenho familiar e o apoio dos seus familiares, é importante entender suas crenças pessoais sobre as opções de trabalhar fora ou ser dona de casa. Vale ressaltar que todas as mulheres da amostra pesquisada trabalharam fora antes de serem mães. Ou seja, avaliaram sua opção, conhecendo as demandas do trabalho fora de casa.

Entre os fatores que afetam a opção da mulher participar ou não do mercado de trabalho estão elementos pessoais e sociais, que envolvem crenças e necessidades individuais e pressões de familiares e das normas culturais (Silveira & Barham, 1999). Para ter uma melhor compreensão da realidade dessas mulheres, foi solicitado que as mesmas descrevessem: as vantagens e desvantagens de exercer a atividade escolhida

(trabalhar fora ou ser dona de casa) (veja as Tabelas 31, 32, 33 e 34); sua percepção da opinião dos seus filhos sobre a posição assumida (veja as Tabelas 35 e 36); os conflitos que ocorriam no passado e os atuais, relacionados à escolha (veja as Tabelas 37, 38, 39 e 40); sua satisfação com a divisão entre trabalho e família (veja as Tabelas 41 e 42); a importância que elas atribuíam à opinião de pais, amigos e marido com relação à sua opção (veja a Tabela 43) e o modo como gostariam de estar dividindo seu tempo (veja as Tabelas 44 e 45).

Todo esse conjunto de opiniões e percepções afeta as atitudes das mulheres em relação a suas atividades, o que pode levar a prejuízos no relacionamento familiar quando ela assume um papel pouco valorizado. Por exemplo, se uma mãe dona de casa considera o trabalho fora de casa como parte importante de sua identidade, ela pode considerar a sua opção de ficar em casa como um fracasso pessoal ou, ainda, o fato de estar em casa pode ser uma imposição por parte do marido. Por outro lado, uma mulher que trabalha fora por pressão econômica, que considera que está negligenciando o seu filho, pode sentir-se infeliz no trabalho e insatisfeita com a renda do marido, levando-a a discutir com o mesmo. Nesses casos, o desajuste entre a crença e a ação afetaria a maneira como ela se percebe e age com os demais familiares.

Nas Tabelas 31, 32, 33 e 34 estão descritas as vantagens e desvantagens apontadas pelas mulheres no que diz respeito à sua opção (trabalhar fora ou ser dona de casa), segundo uma análise de conteúdo.

Tabela 31. Vantagens de trabalhar fora, segundo mulheres que exerciam atividade remunerada fora do lar (N = 18⁺)

	Frequência	Porcentagem (%)
Fator financeiro	15	83,3
Sentir-se útil	2	11,1
Proporcionar vida melhor para o filho	1	5,6
Total	18	100

⁺Cinco participantes deixaram o item em branco e uma participante deu uma resposta sem sentido.

Tabela 32. Desvantagens de trabalhar fora, segundo mulheres que exerciam atividade remunerada fora do lar (N=17⁺)

	Freqüência	Porcentagem (%)
Menos tempo para casa e família	7	41,2
Ficar menos tempo com os filhos	6	35,3
Falta de tempo, de maneira geral	4	23,5
Total	17	100

⁺ Seis participantes deixaram o item em branco, uma participante deu uma resposta sem sentido.

Tabela 33. Vantagens de ser dona de casa, segundo mulheres que exerciam atividades no lar (N = 23⁺)

	Freqüência	Porcentagem (%)
Mais tempo para cuidar dos filhos/casa	15	78,9
Ficar mais tempo com o filho	2	10,5
Educação dos filhos	1	5,3
Não tem vantagens	1	5,3
Total	19	100

⁺ 10 participantes deixaram o item em branco e 7 participantes deram uma resposta sem sentido.

Tabela 34. Desvantagens de ser dona de casa, segundo mulheres que exerciam atividades no lar (N = 20⁺)

	Freqüência	Porcentagem (%)
Fator financeiro	15	75,0
Dependência financeira	2	10,0
Não ter novas amizades	1	5,0
Não estar ligada aos acontecimentos do mundo	1	5,0
Não ter reconhecimento	1	5,0
Total	20	100

⁺ 12 participantes deixaram o item em branco e 4 participantes deram uma resposta sem sentido.

De modo geral, as respostas obtidas demonstram que, para esse grupo sócio-econômico, dinheiro e tempo para se dedicar à família foram fatores citados pela maioria das mulheres, aparecendo como vantagem de uma opção e desvantagem da outra. Esses dados corroboram com outros resultados relatados na literatura da área, que demonstram que as mulheres que trabalham fora atribuem ao seu trabalho vantagens de cunho pessoal, relacional e sócio-cultural (por exemplo, estar com um maior número de pessoas, tratando de questões profissionais etc.), sendo a independência financeira um outro benefício muito valorizado. Esses benefícios levam ao aumento da segurança, da liberdade, da auto-estima e da independência, em relação ao marido e à ampliação das relações sociais. No entanto, as mulheres que trabalham fora também reconhecem algumas desvantagens: sobrecarga de

papéis e atividades; o estresse; o cansaço; falta de tempo para a família e a conseqüente dificuldade em acompanhar o crescimento dos filhos; falta de tempo para cuidados pessoais, lazer, estudos e reciclagem; falta de tempo para administrar a casa e a rotina doméstica (Diniz, 1999). Outras pesquisas realizadas com mulheres donas de casa e mulheres que trabalhavam fora (Bertolini, 2002; Silveira & Barham, 1999), identificaram que as donas de casa têm uma percepção das vantagens e desvantagens de seu papel exatamente o oposto das mulheres que trabalham fora.

Além de avaliar como as mulheres se sentiam frente a sua própria opção, solicitou-se que elas relatassem como elas achavam que seus filhos se sentiam em relação a sua opção (ver Tabelas 35 e 36).

Tabela 35. Percepção das mães que trabalhavam fora, a respeito do que o filho achava de sua opção (N = 23⁺)

Percepções	Freqüência	Porcentagem (%)
Negativas		
Não concorda	8	34,8
Reclama da sua ausência	4	17,4
Não gosta, mas aceita	4	17,4
<i>Subtotal</i>	<i>16</i>	<i>69,6</i>
Positivas		
Concorda	3	13,0
Entende a necessidade	2	8,7
Gosta por causa do conforto material	1	4,3
Acha bom para a mãe	1	4,3
<i>Subtotal</i>	<i>7</i>	<i>30,3</i>
Total	23	100

⁺Uma participante deixou o item em branco.

Tabela 36. Percepção das mães donas de casa, a respeito do que o filho achava de sua opção (N = 30⁺)

Percepções	Freqüência	Porcentagem
Negativas		
Essa decisão só diz respeito a mim	1	3,3
Não expressa preferência	1	3,3
<i>Subtotal</i>	<i>2</i>	<i>6,6</i>
Positivas		
Acha bom porque a mãe tem mais tempo para ele	16	53,3
Concorda	10	33,3
Acha que o filho precisa dela	2	6,7
<i>Subtotal</i>	<i>28</i>	<i>93,3</i>
Total	30	100

⁺Duas participantes deixaram o item em branco e 4 resposta sem sentido.

Com relação à percepção das mães sobre a opinião de seus filhos a respeito de sua opção, destaca-se que a maioria (69,6%) das mães que trabalhavam fora achava que seus filhos viam apenas pontos negativos a respeito de seu trabalho e que os mesmos gostariam que ela abdicasse de sua opção de trabalhar fora para se dedicar a seus cuidados. Quase todas as respondentes donas de casa (93,3%) disseram que os filhos gostavam de ter uma “Mãe”, disponível 24 horas por dia. Os dados obtidos indicam que ainda existe uma norma cultural de que as mães deveriam assumir total responsabilidade pelos cuidados de seus filhos, o que impossibilitaria a mulher a trabalhar fora. Além da necessidade financeira, isso demonstra uma outra pressão em cima das mulheres que trabalhavam fora, o que pode afetar seu relacionamento com seu filho. A falta de aceitação por parte dos filhos pode levar as mães a se criticarem em excesso, ou, a se desdobrar para “compensar” sua menor disponibilidade de tempo, negligenciando suas próprias necessidades básicas.

Dentre os fatores que podem afetar a participação ou não da mulher no mercado de trabalho, além da sua percepção a respeito das vantagens e desvantagens e de aceitação desse papel pelos filhos, estão outras dificuldades que ela enfrenta, ou pode ter enfrentado no passado. Nas Tabelas 37 e 38, estão descritas as dificuldades que as mulheres disseram ter enfrentado para optar trabalhar fora ou ser dona de casa.

Tabela 37. Dificuldades enfrentadas pelas mulheres que trabalhavam fora (N = 20⁺)

Dificuldades	Frequência	Porcentagem (%)
Nenhuma	12	60,0
Necessidade financeira	5	25,0
Discórdia com o marido	1	5,0
Não ter experiência	1	5,0
Não ter outros familiares para ajudar nos cuidados com os filhos	1	5,0
Total	20	100

⁺Quatro participantes deixaram o item em branco.

Tabela 38. Dificuldades enfrentadas pelas mulheres para ser dona de casa (N = 28⁺)

Dificuldades	Freqüência	Porcentagem (%)
Nenhuma	20	61,4
Falta de dinheiro	3	10,7
Problema de saúde	2	7,1
Dependência econômica	1	3,6
Humilhação	1	3,6
Perder identidade	1	3,6
Total	28	100

⁺Três participantes deixaram o item em branco e 5 respostas sem sentido.

A maioria das participantes, de ambos os grupos, disse não ter enfrentado nenhuma dificuldade na escolha de sua opção (60% das mulheres que trabalhavam fora e 61,4% das donas de casa). Entre as mulheres que notaram dificuldades, a necessidade financeira foi um fator importante que levou as mulheres que trabalhavam fora a entrar no mercado de trabalho, contra sua vontade. Já para as donas de casa, a falta de dinheiro ou a dependência econômica, mesmo sendo uma consequência inevitável dessa opção, foi o fator que gerou mais dificuldades em relação a sua escolha.

As Tabelas 39 e 40 descrevem as dificuldades enfrentadas, atualmente, pelas mulheres.

Tabela 39. Dificuldades enfrentadas, atualmente, pelas mulheres que trabalham fora (N = 18⁺)

Dificuldades	Freqüência	Porcentagem (%)
Nenhuma	11	61,1
Falta de tempo para cuidar da casa e dos filhos	3	16,7
Deixar o filho sozinho	1	5,6
Conciliar casa e trabalho	1	5,6
Ficar muito tempo longe da família e da casa	1	5,6
Trabalhar	1	5,6
Total	18	100

⁺ Seis participantes deixaram o item em branco.

Tabela 40. Dificuldades enfrentadas, atualmente, pelas mulheres dona de casa (N = 31⁺)

Dificuldades	Frequência	Porcentagem (%)
Nenhuma	18	58,1
Dependência financeira	7	22,6
Ser dona de casa	2	6,5
Gostaria de ajudar o marido	1	3,2
Penso em trabalhar fora	1	3,2
Me sinto mal	1	3,2
Filhos são dependentes	1	3,2
Total	31	100

⁺Quatro participantes deixaram o item em branco e 1 resposta sem sentido.

Mais da metade das mulheres, de ambos os grupos (61,1% das mulheres que trabalhavam fora; 58,1% das donas de casa), disseram que não estavam enfrentando dificuldades naquele momento, em função da sua opção. Nota-se que a preocupação principal das mulheres que trabalhavam fora foi a falta de tempo para cuidar da casa e dos filhos, é o que é coerente com as desvantagens de fazer parte do mercado de trabalho, que elas apontavam antes (ver a Tabela 33). Para as donas de casa, a dificuldade mais comum referiu-se à falta de dinheiro ou dependência econômica, também apontada como uma desvantagem para esse grupo, antes (ver a Tabela 34).

É interessante notar que, entre as mulheres que trabalhavam fora, apesar de reclamarem da falta de tempo para elas e para a família, nenhuma participante chegou a dizer que gostaria de ser dona de casa. Já, 20% das respostas das donas de casa demonstram que elas não estavam contentes com a sua opção, naquele momento, o que pode ser um indicativo de que a situação dessas mulheres não era considerada ideal pelas mesmas, no seu contexto atual, o que poderia gerar uma baixa estima de si mesma e, até mesmo, conflitos familiares.

Tabela 41. Grau de satisfação das entrevistadas com a divisão de tempo entre trabalho e família: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 42⁺)

	Trabalha Fora		Dona de casa		t	gl
	M	dp	M	dp		
Satisfação com a divisão entre trabalho e família	3,25	1,00	4,62	0,49	5,14***	43

Nota: *** p < 0,001

A pontuação variou de 1, 'muito insatisfeita' a 5, 'muito satisfeita'.

⁺ Cinco mulheres que trabalhavam fora e cinco donas de casa deixaram o item em branco e uma mulher que trabalhava fora e cinco donas de casa deram respostas sem sentido.

Os dados apresentados demonstram que, em média, as mulheres que trabalhavam fora estavam medianamente satisfeitas com a divisão de tempo entre trabalho e família, enquanto as donas de casa, em média, estavam satisfeita com essa divisão, com uma diferença estatisticamente significativa e positiva. No caso das donas de casa que responderam a essa questão, não se sabe se pensaram em dividir o seu tempo entre a família e o trabalho fora de casa, ou, se pensaram na divisão de tempo entre o trabalho doméstico e a família. No contexto do questionário, acredita-se que a primeira possibilidade é a mais provável de ter ocorrido. Levando em consideração essa dificuldade na interpretação desse resultado, observou-se que 100% das donas de casa disseram que estavam muito satisfeita ou satisfeita com essa divisão. Embora a maioria das mulheres que trabalhavam fora estivesse satisfeita, existia um certo número de mulheres insatisfeitas ou muito insatisfeitas (26,7%) com a sobrecarga de atividades e a maneira como elas lidavam com as demandas do lar e do trabalho. No entanto, é interessante notar que, mesmo insatisfeitas, as respostas dessas mulheres indicam que elas não pensavam em parar de trabalhar. Assim, pode-se inferir que, para esse grupo de mulheres, de nível sócio-econômico baixo, deixar de trabalhar não era uma opção viável.

Durante o processo de escolha entre ser dona de casa ou trabalhar fora, sabe-se que a mulher precisa da compreensão e apoio de pessoas significativas na sua vida (companheiro, pais e amigos). A Tabela 42 apresenta os dados obtidos.

Tabela 42. Importância atribuída à opinião dos maridos, pais e amigos, a respeito do fato de trabalhar fora (N = 60)

	<i>M</i>	<i>dp</i>
Da opinião de seu marido na sua opção de trabalhar fora ou ser dona de casa	3,81	1,34
Da opinião de seus pais na sua opção de trabalhar fora ou ser dona de casa	3,01	1,49
Da opinião de seus amigos na sua opção de trabalhar fora ou ser dona de casa	2,43	1,42

Nota: Não houve diferenças significativas entre os grupos de participantes.

A pontuação variou de 1, 'nenhuma importância' a 5, 'muita importância'.

Observando os resultados, pode-se verificar que a opinião do marido foi considerada, para ambos os grupos, como mais importante do que a opinião dos pais o que, por sua vez, era mais importante que a opinião dos amigos.

Outro ponto abordado no questionário referiu-se à maneira como as mulheres gostariam de estar dividindo o tempo entre suas diferentes responsabilidades e interesses. A Tabela 43 mostra a opinião das mulheres que trabalhavam fora e a Tabela 44 das que exerciam atividades no lar.

Tabela 43. Como gostaria de estar dividindo o tempo: Mulheres que trabalhavam fora (N = 13⁺)

	Freqüência	Porcentagem (%)
Está bom assim	3	23,1
Menos carga horária	8	61,5
Sem opção para alterar a divisão de tempo	1	7,7
Não há ideal	1	7,7
Total	13	100

⁺10 participantes deixaram o item em branco e 1 resposta sem sentido.

Tabela 44. Como gostaria de estar dividindo o tempo: Donas de casa (N = 31⁺)

	Freqüência	Porcentagem (%)
Está bom assim	14	48,3
Gostaria de estar trabalhando	13	44,8
Dedicar mais tempo a mim mesma	1	3,4
Sem opção para alterar a divisão de tempo	1	3,4
Total	31	100

⁺Seis participantes deixaram o item em branco.

A maioria das mulheres que trabalhavam fora (61,5%) estava querendo uma carga horária diminuída, para poder lidar com as demandas do lar e participar mais da educação

dos filhos. No entanto, quase metade das donas de casa (48,3%) estava querendo ingressar no mercado de trabalho, o que demonstra que, no momento em que responderam ao questionário, ser dona de casa não era a preferência pessoal de algumas dessas mulheres. Lembra-se que, parte dessas mulheres tinha filhos com dez anos ou mais, estando em uma fase da vida familiar em que seria mais fácil lidar com as demandas da vida profissional e familiar.

De modo geral, o fator financeiro foi um dos mais importantes em levar a mulher a trabalhar fora, entre as participantes desse estudo. Por outro lado, para as mulheres donas de casa, a preocupação com os cuidados dos filhos foi um dos fatores mais importantes para que elas deixassem de trabalhar fora, lembrando que todas as mulheres que participaram dessa pesquisa tiveram uma renda financeira, antes de serem mães. Destaca-se, contudo, que a maioria das participantes, nos dois grupos, estava satisfeita com sua opção, o que é de fundamental importância para o estabelecimento de relações familiares saudáveis (Yarrow, Scott, De Leeww & Heinig, 1962; e Pereira, 1978, *apud* Bertolini, 2002). Entretanto, sabe-se que a qualidade do envolvimento em uma relação não depende da quantidade de tempo disponível para a mesma. Nesse sentido, buscou-se verificar os tipos e frequência de interações dos dois grupos de mães com os seus filhos, como pode ser visto no tópico seguinte.

Interação familiar com os filhos, segundo as mães

A literatura da área demonstra correlações importantes entre o envolvimento materno na educação do filho e o desenvolvimento global satisfatório da criança (Hartmann e colaboradores, 2001). Um dos objetivos do presente trabalho era verificar a interação familiar de mães e filhos, comparando mães que trabalhavam fora com mães donas de casa, a fim de constatar como as demandas do trabalho poderiam estar

influenciando no relacionamento com os filhos. Para tanto, levantou-se: a frequência de comunicação com o filho (Tabela 45), a frequência de participação da mãe nos cuidados com o filho (Tabela 46), a percepção da mãe quanto à frequência de participação do pai nos cuidados com o filho (Tabela 47), presença de concordância ou discordo entre os pais em relação à maneira de educar o filho (Tabela 48), quais os comportamentos do filho que agradavam a mãe (Tabela 49), como lidava com erros em suas condutas educativas com o filho (Tabela 51), tempo que passava realizando alguma atividade com o filho, e percepção da frequência de comunicações com o filho, iniciadas pelo filho (Tabela 52).

A Tabela 45 apresenta os dados referentes à frequência com a qual as mães disseram se comunicar verbal e não verbalmente com o filho.

Tabela 45. Frequência de comunicação com o filho (N = 60)

	<i>M</i>	<i>dp</i>
Dá carinho a seu filho	4,89	0,35
Mantém diálogo com seu filho	4,84	0,36
Expressa sentimentos positivos a seu filho	4,81	0,47
Oferece ajuda ao seu filho, quando precisa	4,77	0,46
Pergunta para seu filho sobre aspectos da dia-a-dia	4,71	0,67
Pergunta para seu filho sobre o que aconteceu na escola	4,69	0,76
Elogia seu filho	4,65	0,78
Expressa suas opiniões a seu filho	4,63	0,71
Impõe limite a seu filho	4,60	0,85
Pergunta para seu filho sobre seus amigos	4,50	0,77
Quando você promete algo a seu filho, você cumpre a promessa	4,05	1,27
Expressa seus sentimentos negativos a seu filho	2,19	1,57

Nota: Não houve diferenças significativas entre os grupos de participantes.
A pontuação variou de 1, 'nunca' a 5, 'uma vez por dia'.

As mães de ambos os grupos apresentaram alta frequência de comportamentos comunicativos, importantes para um bom relacionamento familiar como, por exemplo, 'dar carinho', 'manter diálogo', 'expressar sentimentos positivos', 'oferecer ajuda', 'elogiar', 'impor limites' e 'cumprir promessas'. O único comportamento comunicativo que apresentou baixa frequência foi a 'expressão de sentimentos negativos'. Embora esse tipo de comunicação seja importante para o desenvolvimento emocional e social da

criança e adolescente, ele deve ocorrer com baixa frequência para evitar que ocorram relacionamentos familiares excessivamente autoritários (Sayão, 2003; Gottman & DeClaire, 2001; Maldonado, 1985).

Além da frequência de comunicação com os filhos, buscou-se, também, verificar a frequência com a qual as mães participavam dos cuidados com o filho. Esses dados estão apresentados na Tabela 46.

Tabela 46. Grau de participação da mãe nos cuidados com o filho (N = 60)

	<i>M</i>	<i>dp</i>
Punir seu filho por comportamento inadequado	4,79	,52
Círculo de amizades de seu filho	4,63	,88
Ir a encontros religiosos	4,56	1,02
Higiene de seu filho	4,48	1,12
Ter contato com parentes	4,45	1,10
Educação escolar (auxílio na tarefa, exigências em relação aos estudos etc.)	4,41	1,02
Horário de deitar	4,29	1,07
Ler de livros e revistas	4,27	1,17
Passar	4,22	1,25
Comprar roupas e brinquedos para o filho	4,12	1,17
Horário de lazer/Assistir televisão	4,10	1,25
Fazer atividades físicas	3,97	1,40
Ingerir alimentos com baixo valor nutricional (frituras e guloseimas)	3,80	1,43
Atender as solicitações de seu filho para comprar coisas desnecessárias	2,85	1,80
Dar mesada	2,52	1,81

Nota: Não houve diferenças significativas entre os grupos de participantes. Pontuação variando de 1, 'nenhuma participação' a 5, 'muita participação'.

Em geral, as mães disseram que estavam bastante envolvidas nos cuidados com os filhos. Segundo as respondentes, elas participavam mais frequentemente das atividades relativas à educação social do filho (“punir o filho por comportamento inadequado”, “círculo de amizades”, “religião” e “contato com parentes”). Os itens citados com menor frequência pelas mães foram ‘atender solicitações de seu filho para comprar coisas desnecessárias’ e ‘dar mesadas’, o que pode refletir as restrições financeiras presentes nessa amostra.

Além do envolvimento da mãe, também procurou-se levantar sua percepção do envolvimento do pai. Segundo o modelo sistêmico familiar de Bronfenbrenner, nas

famílias nucleares, a interação mãe-filho será influenciada pela interação pai-filho, uma vez que os subsistemas familiares se influenciam mutuamente (Marturano & Loureiro, 2003). Com relação à participação paterna, considerou-se importante analisar como as mães a percebiam. A Tabela 47 demonstra os dados obtidos.

Tabela 47. Grau de participação do pai nos cuidados com o filho, segundo as mães: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 60)

	Trabalha fora		Mães donas de casa		Teste-t	gl
	M	dp	M	dp		
Punir seu filho por comportamento inadequado	4,92	0,27	4,48	1,19	ns	
Ter contato com parentes	4,85	0,36	4,28	1,20	2,216*	30,88
Educação escolar (auxílio na tarefa etc.)	4,64	0,63	4,65	0,76	ns	
Ir a encontros religiosos	4,57	0,85	4,72	0,89	ns	
Círculo de amizades de seu filho	4,57	0,85	4,64	0,95	ns	
Higiene de seu filho	4,50	1,09	4,51	1,02	ns	
Horário de deitar	4,35	1,15	4,28	1,20	ns	
Comprar roupas e brinquedos para o filho	4,28	1,20	4,00	1,53	ns	
Passear	4,28	0,99	4,16	1,37	ns	
Horário de lazer/Assistir televisão	4,00	1,22	4,44	0,91	ns	
Ler de livros e revistas	4,00	1,17	4,20	1,29	ns	
Ingerir alimentos com baixo valor nutricional	3,50	1,45	3,70	1,56	ns	
Atender as solicitações de seu filho para comprar coisas desnecessárias	3,21	1,76	3,11	1,90	ns	
Fazer atividades físicas	3,85	1,46	4,20	1,22	ns	
Dar mesada	2,64	1,82	2,24	1,80	ns	

Notas: ns: diferença estatisticamente não significativa.

* $p < 0,05$.

Pontuação variando de 1, 'nenhuma participação' a 5, 'muita participação'.

Na visão das mães, os pais participavam bastante na educação dos filhos, tendo uma participação maior na punição dos filhos por comportamentos inadequados e no contato com outros parentes. As respondentes que trabalhavam fora disseram que seus esposos estavam mais envolvidos em estimular os filhos a ter contato com outros parentes do que no caso das donas de casa. Entretanto, destaca-se que os cônjuges das donas de casa não estavam se ausentando de seu papel.

Além de investigar o grau de participação das mães e dos pais nos cuidados com os filhos, solicitou-se que as respondentes dissessem se havia discordância entre os membros do casal, visto que conflitos na maneira de educar os filhos podem causar prejuízos no

desenvolvimento sócio-emocional da criança (Freitas, Zamberlan & Fukahori, 2001). Para avaliar a diferença entre os grupos de participantes, utilizou-se o teste estatístico chi-quadrado. A Tabela 48 apresenta os dados obtidos.

Tabela 48. Porcentagem das mulheres que disseram existir uma diferença entre ela e o marido na maneira de educar o filho: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 60)

	Trabalha fora %	Dona de casa %	
Higiene de seu filho	31,3	40	ns
Atender as solicitações de seu filho para comprar coisas desnecessárias	35,7	28,6	ns
Horário de lazer/Assistir televisão	23,1	0	*
Comprar roupas e brinquedos para o filho	23,1	14,8	ns
Ingerir alimentos com baixo valor nutricional(frituras e guloseimas)	15,4	18,2	ns
Punir seu filho por comportamento inadequado	15,4	18,5	ns
Dar mesada	7,7	15,4	ns
Círculo de amizades de seu filho	15,4	7,1	ns
Ler de livros e revistas	9,1	3,7	ns
Ter contato com parentes	8,3	6,9	ns
Ir a encontros religiosos	8,3	0	ns
Passear	7,7	13,8	ns
Educação escolar (auxilio na tarefa, exigências em relação aos estudos etc.)	7,1	6,3	ns
Horário de deitar	0	11,1	ns
Fazer atividades físicas	0	3,6	ns

Nota: * $p < 0,05$; ns: diferença estatisticamente não significativa.

Os itens em relação aos quais uma porcentagem maior das participantes, nos dois grupos, disse que existia discórdia entre os membros do casal, envolviam a *‘higiene do seu filho’* e *‘atender as solicitações do filho para comprar coisas desnecessárias’*. Houve diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos em apenas um item - *‘horário de lazer/assistir televisão’* - com uma porcentagem maior das mulheres que trabalhavam fora (23,1%) do que das mulheres donas de casa (0%) indicando que discordavam com seu marido em relação a esta questão. A maioria das participantes não discordava com seus esposos em relação aos aspectos incluídos nesta escala, para verificar se os membros do casal possuíam uma visão compatível sobre a educação dos seus filhos. Apenas dois itens

apresentaram taxas mais elevadas de discórdia. Em relação à higiene, sabe-se que, as mulheres assumam maior responsabilidade do que os homens para cuidar da saúde da família, incluindo a manutenção de boas práticas de higiene. Assim, as mulheres tendem a cobrar rotinas de higiene de uma forma mais sistemática e exigente do que seus maridos.

Além da questão de concordância entre os membros do casal, também se levantou os comportamentos do filho que agradavam as mães. É de alta importância que as mães valorizem algo que o filho faz, para o filho desenvolver um autoconceito positivo. Exatamente o que as mães valorizam pode ajudar na interpretação do tipo de relação que existe entre mãe e filho.

Tabela 49. Comportamentos do filho que as mães disseram lhes agradar: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 53⁺)

	Trabalha fora (%)	Dona de casa (%)
Responsável	23,8	9,4
Educado	23,8	15,6
Obediência	14,3	34,4
Carinhoso	9,5	---
Respeitoso	9,5	3,1
Estudioso	4,8	21,9
Feliz	4,8	6,3
Confiança	4,8	---
Esforçado	4,8	---
Ajuda nos afazeres de casa	---	6,3
Amizade	---	3,1
Total	100	100

⁺Três mulheres que trabalhavam fora e três donas de casa deixaram o item em branco. Uma dona de casa deu uma resposta sem sentido.

Os comportamentos citados com uma frequência mais alta pelas mães que trabalhavam fora foram ‘*responsável*’ e ‘*educado*’, aspectos valorizados na nossa cultura como bons indicadores de efetividade na prática educacional familiar. Os comportamentos que apareceram com maior frequência entre as donas de casa foram a ‘*obediência*’ e ‘*estudioso*’. Como os filhos de donas de casa passam mais tempo em casa com suas mães do que filhos de mulheres que trabalham fora, a questão de obediência torna-se mais

importante. Na faixa etária das crianças que participaram deste estudo, ser estudioso ainda é algo que pode necessitar do encorajamento e apoio dos pais. A valorização de filhos que estudam é compatível com uma das mais importantes vantagens da opção de ser dona de casa, o que foi a possibilidade de ter mais tempo para seus filhos.

Além de existirem comportamentos dos filhos que as mães valorizavam, sabe-se que os filhos também faziam coisas desagradáveis. Às vezes, ao passar por problemas de ordem pessoal (cansaço, dor de cabeça, tensão pré-menstrual, dificuldade financeira, problemas profissionais, demandas excessivas no trabalho ou para apoiar pessoas na família extensa, etc.) as mães podem agir de forma extrema com o filho e, depois, reconhecer que a reação não condizia com a situação que a gerou. De uma hora para outra, o comportamento típico das crianças torna-se inaceitável, e os pais passam a agredi-las por meio de comentários sarcásticos ou com a imposição de punições. De repente, o volume do estereó está alto demais, a criança está fazendo muita bagunça, ou derramar um pouco de leite é puro descuido. Assim, considerou-se importante verificar se as mães percebiam que agiram de forma errada com os filhos. Num primeiro momento, a maioria das mães de ambos os grupos (91,7% das mães que trabalhavam fora e 82,9% das donas de casa) disse ter agido de forma errada com o filho, não tendo diferença significativa entre os grupos.

A Tabela 50 apresenta os dados obtidos com as mães a respeito do que elas faziam quando notavam que haviam agido errado com os filhos.

Tabela 50. O que as mães relataram fazer quando percebiam que haviam feito algo errado com o filho: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 52⁺)

Encaminhamento do problema	Trabalha fora		Dona de casa	
	Frequência	%	Frequência	%
Pedia desculpas e depois conversava com o filho	10	45,5	7	23,3
Conversava com o filho	10	45,5	20	66,7
Pedia desculpas	2	9,1	2	6,7
Não fazia nada	---	0	1	3,3
Total	22	100	30	100

Nota: Não houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos de participantes.

⁺ 1 mulher que trabalhava fora e quatro donas de casa deixaram as respostas em branco. Uma mulher que trabalhava fora e duas donas de casa deram respostas sem sentido.

A maioria das mães donas de casa (67,7%) disse que conversava com o filho e 47,6% das mães que trabalhavam fora disseram que pediam desculpas e depois conversava com o filho. Ambas as posturas são adequadas e demonstram uma habilidade importante por parte das mães, na educação dos filhos.

Além da questão de valorizar coisas que o filho faz e de reconhecer seus próprios erros, no trato dos filhos, fatores que contribuem para a qualidade da relação mãe-filho, a literatura também aponta que o número de horas que as mães passam interagindo com os filhos é importante para o desenvolvimento de auto-estima dos mesmos. Assim, perguntou-se quanto tempo as mães passavam com os filhos, realizando alguma atividade, conversando etc. Em média, as mães que trabalhavam fora disseram passar 2,21 horas por dia e as donas de casa 2,44 horas por dia com os filhos (não houve diferença significativa entre os grupos). Cabe ressaltar que a maioria das mães donas de casa (55,6%) responderam sem precisão a quantidade de tempo que passavam com o filho, enquanto esse percentual caiu para 37,5% das mães que trabalhavam fora. Parece que a mãe trabalhadora, por terem um tempo mais estruturado, com horários a cumprir, tem uma perspectiva mais acurada do tempo disponível para estar com os filhos, o que não significa

que as mulheres donas de casa possuam mais ou menos tempo, mas que as mesmas não tem um momento específico do dia para estar com eles.

Um outro ponto importante quando se fala em relacionamentos é como a pessoa percebe que a outra se relaciona com ela. No caso específico desse trabalho, questionou-se às mães qual a frequência com que os filhos emitiam alguns comportamentos, que favoreciam um relacionamento saudável e estreito com elas. A Tabela 51 apresenta os dados obtidos.

Tabela 51. Frequência de interação do filho com a mãe, segundo as mães: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 60)

Comportamento	M	dp
Dá carinho (abraços, beijos)	4,71	0,75
Procura conversar com você	4,70	0,82
Conta as coisas boas ou ruins ocorridas com ele em relação à escola	4,68	0,77
Solicita que você faça algo por ele	4,67	0,57
Conta as coisas boas e ruins ocorridas com ele em relação aos amigos	4,66	0,85
Faz perguntas referentes ao seu dia-a-dia	4,53	0,89
Faz elogios a você	4,24	1,13
Pede para que você o ajude em alguma atividade (acadêmica ou não)	4,20	1,13
Expressa desejos e preferências, dando razão para suas ações e posições	3,90	1,22
Desafia suas regras (desobediência)	3,01	1,45

Nota: Não houve diferenças significativas entre os grupos de participantes.
A pontuação variou de 1, 'nunca' a 5, 'uma vez por dia'.

As mães de ambos os grupos consideraram que os filhos eram carinhosos, dividiam com elas fatos ocorridos com eles no dia-a-dia, solicitavam ajuda e as elogiavam, em média, duas ou três vezes na semana. Aparentemente, o relacionamento da díade mãe-criança era saudável e com poucos conflitos, uma vez que as mães relataram que os filhos desafiavam suas regras apenas uma vez por semana, em média.

De modo geral, as mães de ambos os grupos disseram ter uma boa comunicação com os filhos, sendo que as mesmas relataram que os filhos, por sua vez, tinham uma boa comunicação com elas. Além disso, as participantes, em média, disseram ter uma alta frequência de interação com os filhos e participar com alta frequência nos cuidados e educação dos filhos. Destaca-se, também, que as mesmas conseguiram descrever

comportamentos positivos dos filhos e avaliaram positivamente a participação dos pais, os quais, segundo elas, parecem ser bem ativos nos cuidados com os filhos. Entretanto, uma alta participação das mães nos cuidados e educação familiar dos filhos não implica, necessariamente, em alta frequência de participação das mães no desenvolvimento intelectual, cultural e físico dos seus filhos, acompanhando e estimulando atividades acadêmicas e de lazer dos filhos. No próximo bloco, apresentam-se os dados sobre isso, comparando os dois grupos de mães.

Participação das mães nas atividades acadêmicas e de lazer dos filhos

Mesmo que as mães possuam relacionamentos saudáveis com os filhos no ambiente familiar, pesquisas demonstram que existem benefícios adicionais quando elas participam ativamente nas conquistas acadêmicas dos filhos, demonstrando interesse e auxiliando-os (Grollman & Sweder, 1991). Além disso, fornecer estímulos culturais e de lazer para os filhos também contribuem para o desenvolvimento dos mesmos. Assim, buscou-se avaliar a frequência da participação da mãe nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos (Tabela 52).

Os dados da Tabela 52 demonstram que as mães, de ambos os grupos, quase diariamente, *‘incentiva seu filho a assumir responsabilidade por tarefas escolares’*, *‘pede para seu filho organizar objetos pessoais (roupas, brinquedos)’*, *‘acompanha seu filho nas refeições’*, *‘auxilia seu filho nas atividades de higiene’* e *‘valoriza as conquistas acadêmicas de seu filho’*. Ou seja, elas estimulam os filhos a cumprir tarefas acadêmicas, organizar suas coisas, participar de refeições familiares e cuidar de sua higiene. Entre as atividades com menor participação por parte das mães, encontra-se *‘ler/contar histórias para o filho’* e *‘assistir a eventos culturais com seu filho’*, os quais ocorriam, de acordo com as mães, em média, uma vez por mês. É preciso lembrar da renda mensal das

participantes, visto que assistir a eventos culturais envolve um custo muitas vezes pouco acessível para essa população. Outro ponto a ser destacado é a idade dos filhos (de 10 a 14 anos), a qual não favorece a prática de ler/contar histórias para os filhos, pois se espera que os mesmos já leiam sozinhos e que a interação com a mãe, nessa idade, tenha um outro perfil.

Tabela 52. Frequência da participação da mãe nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 60)

Tipo de participação	M	dp
<i>Atividades escolares</i>		
Incentiva seu filho a assumir responsabilidade por tarefas escolares	5,92	0,32
Valoriza as conquistas acadêmicas de seu filho	5,70	0,81
Acompanha o progresso escolar do seu filho	5,49	0,86
Auxilia seu filho nas lições de casa	5,42	1,03
Incentiva seu filho a ler (livros, revistas, jornais)	5,30	1,00
Lê/Conta histórias para seu filho	3,87	1,76
<i>Atividades da vida diária</i>		
Acompanha seu filho nas refeições	5,85	0,69
Auxilia seu filho nas atividades de higiene (escovar os dentes, tomar banho)	5,82	0,73
Incentiva seu filho a realizar atividades domésticas (cuidar das próprias coisas, da casa etc.)	5,39	1,34
Acompanha seu filho para se vestir	5,24	1,39
<i>Atividades de lazer e recreativas</i>		
Pede para seu filho organizar objetos pessoais (roupas, brinquedos)	5,89	0,36
Incentiva seu filho a brincar com jogos educativos	5,45	0,95
Valoriza as conquistas esportivas de seu filho	5,35	1,16
Brinca com seu filho	5,20	0,96
Assiste filmes com seu filho da escolha dele	4,27	1,81
Passeia com seu filho (shopping, zoológico, casa de familiares etc.)	4,12	1,38
Assiste eventos culturais com seu filho (teatro, cinema, shows musicais)	2,69	1,54
<i>Contatos sociais</i>		
Incentiva seu filho a ter contato com outros adultos (tios, amigos da família etc.)	5,08	1,21
Incentiva seu filho a ter contato com outras crianças (leva na casa dos amigos, recebe os amigos em casa)	4,52	1,36

Nota: Não houve diferenças significativas entre os grupos de participantes.

A pontuação era: 1, 'nunca', 2, 'uma vez por ano', 3, 'uma vez por mês', 4, 'uma vez por semana', 5, 'duas ou três vezes por semana' e 6, 'todo dia'.

Relação entre as condições de trabalho das mães que trabalhavam fora e seu envolvimento com seus filhos

A literatura aponta que o desempenho familiar de mães que trabalham fora é afetado pelas condições de trabalho às quais são expostas (Cooper & Lewis, 2000). Isto é, mães mais satisfeitas no trabalho tendem a ter um desempenho familiar melhor do que mães insatisfeitas no trabalho. Dessa forma, torna-se importante investigar a influencia das condições de trabalho sobre o envolvimento das mães que trabalhavam fora, nessa amostra.

Tabela 53. Relação entre as condições de trabalho das mães que trabalhavam fora e o envolvimento com os filhos

Tipo de envolvimento	Satisfação com o trabalho		Ambiente interpessoal de trabalho		Carga de trabalho	
		N		N		N
Participação da mãe nos cuidados com o filho	0,47	9		8		11
Participação do pai nos cuidados com o filho		8		7	0,36	10
Tempo que a mãe passa com o filho		17	-0,32	15	-0,51+	19
Comunicação com o filho	0,51+	15	-0,72**	13		19
Interação mãe e filho	0,34	14	-0,30	12	-0,42	16
Participação da mãe nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos	0,69*	12		10	-0,36	15

Nota: + $p < 0,1$; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$
Correlações menores que 0,20 não foram apresentadas para facilitar a visualização dos resultados.

Na Tabela 53, pode-se identificar os aspectos do trabalho que estavam afetando a interação das mães com seus filhos. Observou-se uma correlação positiva e significativa entre a satisfação da mãe com o trabalho e: a) sua participação nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos, confirmando a importância desse fator para o envolvimento da mãe no cotidiano dos filhos; e b) a comunicação mãe-filho, o que indica que as mães satisfeitas com seu desempenho profissional estavam mais abertas para comunicações mais frequentes com seus filhos.

Além disso, verificamos que o ambiente interpessoal de trabalho possuía uma correlação significativa e negativa com a comunicação com o filho, demonstrando que a interação familiar depende de fatores mais abrangentes que o ambiente do lar, como, nesse caso, o ambiente de trabalho da mãe. Parece que parte das necessidades de comunicação das mães acaba sendo atendida no ambiente de trabalho. Assim, elas não dependem dos filhos para substituir uma falta de trocas com pares. Outra possibilidade é que algumas das mães desenvolviam relacionamentos tão fortes no ambiente de trabalho, que acabavam não buscando aprofundar os relacionamentos com os familiares.

Outro aspecto a ser destacado é a correlação negativa entre carga de trabalho e tempo que passa com o filho, o que indica que, quanto maior a carga de trabalho, menor o tempo disponível para estar com o filho. Esse ponto reforça a já tão difundida idéia de que, quanto mais trabalho, quanto menor a disponibilidade de tempo para estar com os filhos.

As correlações encontradas mostram que níveis maiores de satisfação no trabalho tiveram um impacto positivo nas interações com os filhos, mas a carga e o ambiente interpessoal de trabalho (mesmo que um ambiente positivo) das mães estavam tendo um impacto negativo nas interações com os filhos. Este resultado reflete as vantagens (financeiras e bem-estar da mãe) e desvantagens (falta de tempo) apontadas pelas mães, em conexão com o seu trabalho fora de casa. Falta, ainda, verificar se estes fatores afetam o desempenho acadêmico e autoconceito de seus filhos, uma vez que mães donas de casa também descrevem vantagens e desvantagens a respeito de sua opção (ver Tabelas 33 e 34).

Relação entre estresse e custos pessoais das mães e envolvimento com os filhos

A literatura mostra que pessoas com níveis mais altos de estresse estão em risco para desenvolver problemas de saúde física e mental (Lipp, 2004). A falta de tempo para

realizar atividades pessoais (custos pessoais) pode mostrar de uma forma mais concreta como o estresse acaba prejudicando a vida da pessoa. Sendo assim, verificou-se a relação entre estresse e custos pessoais e o envolvimento com os filhos.

Tabela 54. Relação entre o estresse e os custos pessoais/familiares por parte das mães e a seu envolvimento com os filhos: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa

Tipo de envolvimento	Estresse				Satisfação com a disponibilidade de tempo para a vida pessoal e familiar			
	TF	N	DC	N	TF	N	DC	N
Participação da mãe nos cuidados com o filho		13	0,40	18	0,46	10		20
Participação do pai nos cuidados com o filho	0,20	12	0,23	19		9		20
Tempo que passa com o filho	0,21	17	0,57*	23		18	0,39	23
Comunicação com o filho	-0,29	15	0,23	20	0,52*	16	0,27	20
Interação mãe e filho		13	0,22	16		14	-0,20	19
Participação da mãe nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos		12	0,24	13	0,27	12		14

Nota: * $p < 0,05$

Correlações menores que 0,20 não foram apresentadas para facilitar a visualização dos resultados.

Como pode ser visto na tabela 54, os sintomas de estresse das mães donas de casa estavam positivamente correlacionados com o tempo que passavam com os filhos, o que não ocorreu no grupo de mulheres que trabalhavam fora. Isso pode refletir a dificuldade que existe para a mulher dona de casa, que tem que trabalhar na sua própria casa e atender aos filhos durante o seu período de trabalho, enquanto a mulher que trabalha fora concentra o trabalho profissional em um período de tempo, separado do período em que ela interage com os familiares (Gottlieb, Kelloway e Barham, 1998).

Além disso, cabe destacar que a frequência da comunicação com o filho estava positivamente correlacionada com a satisfação das mães trabalhadoras com o tempo que tinham disponível para atividades na vida pessoal e familiar. Ou seja, quanto mais tempo para atender os filhos, quanto mais tempo para outras atividades pessoais e familiares, também. Pode ser que algumas mulheres desse grupo contavam com a participação de

outros familiares (cônjuge, filhos) para a realização das tarefas domésticas, fazendo que elas tenham mais tempo para conversar com os filhos, encontrar com os familiares e amigos e participar em associações religiosas e comunitárias (ver Tabela 28). A fim de conferir essa hipótese, no tópico seguinte verifica-se a relação entre o apoio dos familiares e o envolvimento materno com seus filhos.

Relação entre o apoio dos familiares nas atividades domésticas e o envolvimento materno com seus filhos

Muitas vezes, a dificuldade que as mulheres que trabalham fora sentem para conciliar obrigações familiares e profissionais é um fator de estresse que pode contribuir para o aparecimento de uma gama de sintomas, inclusive doenças físicas, aflição psicológica, baixa produtividade e sentimento de culpa em relação aos filhos (Bertolini, 2002; Cooper & Lewis, 2000), os quais deixam essas mulheres menos disponíveis a estabelecer um relacionamento adequado com seus filhos após um dia de trabalho. Sendo assim, buscou-se verificar a relação entre o apoio recebido dos familiares para a realização de tarefas domésticas, e a frequência das interações da mãe com seu filho, comparando-se mães que trabalhavam fora e mães donas de casa. A Tabela 55 apresenta os resultados obtidos.

Tabela 55. Relação entre o apoio dos familiares e o envolvimento das mães com seus filhos: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa

Tipo de envolvimento	Apoio dos familiares para realização de tarefas domésticas			
	TF	N	DC	N
Participação da mãe nos cuidados com o filho	0,540+	11		17
Tempo que passa com o filho	0,332	13	0,523+	12
Comunicação com o filho	0,579**	19	0,449*	23
Interação filho com a mãe		16		21
Participação da mãe nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos	0,497+	15		17

Nota: + $p < 0,1$; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$

Correlações menores que 0,20 não foram apresentadas para facilitar a visualização dos resultados.

O apoio dos familiares parece ter uma relação importante com o envolvimento das mães com seus filhos, especialmente para as mães que trabalhavam fora. De fato, quanto maior o apoio recebido pelas mães, em ambos os grupos, quanto mais freqüente a comunicação com o filho, (ver Tabela 45). No caso das mães que trabalhavam fora, o apoio dos familiares para as tarefas domésticas aumentava o tempo disponível para as mães passar com os filhos realizando alguma atividade, para conversar, para participar dos cuidados com o filho e para acompanhar as atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos. Logo, a quantidade de apoio familiar recebido por essas mulheres parece ser um diferencial importante para que elas participem mais ativamente da vida de seus filhos.

Relação entre os diferentes aspectos da participação materna

As tabelas 56, 57, 58 e 59 apresentam as relações existentes entre os diferentes aspectos da participação materna.

Tabela 56. Relação entre a participação da mãe nos cuidados com o filho e outros aspectos do seu envolvimento com os filhos: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa

Tipo de envolvimento	Participação da mãe nos cuidados com o filho			
	TF	N	DC	N
Participação do pai nos cuidados com o filho	0,721**	12	0,854***	22
Tempo que passa com o filho	-0,284	12	0,477	18
Comunicação com o filho		11	0,297	18
Interação filho com a mãe		9	0,276	17
Participação da mãe nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos	0,438	9	0,731**	12

Nota: *** $p < 0,001$

Correlações menores que 0,20 não foram apresentadas para facilitar a visualização dos resultados.

É interessante notar a correlação altamente significativa e positiva entre a participação da mãe e a participação do pai nos cuidados com os filhos, em ambos os grupos. Parece que os membros do casal entram num acordo sobre a importância do seu envolvimento, apoiando e estimulando um certo grau de envolvimento. Quanto mais a mãe se envolve, quanto mais o pai se envolve, e vice-versa. Além disso, no grupo de mães donas de casa, quanto mais freqüente o envolvimento nos cuidados dos filhos, quanto mais

freqüente seu acompanhamento das atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos. Isto pode representar que as mães donas de casa que se dedicam mais aos seus filhos, se preocupam tanto com os cuidados básicos quanto com outras atividades importantes para o desenvolvimento dos seus filhos.

Tabela 57. Relação entre a participação o tempo que a mãe passa com o filho e outros aspectos do seu envolvimento com os filhos: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa

Tipos de envolvimento	Tempo que passa com o filho			
	TF	N	DC	N
Comunicação com o filho	0,244	15		12
Interação do filho com a mãe	0,414	12	0,261	13
Participação da mãe nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos	0,469	10	0,539+	11

Nota: + p<0,10

Correlações menores que 0,20 não foram apresentadas para facilitar a visualização dos resultados.

Existe uma correlação significativa e positiva entre o tempo que as mães donas de casa passam com os seus filhos e a freqüência de sua participação nas atividades escolares, culturais e de lazer dos seus filhos. Tendo em vista que existe uma variação maior no tempo que as mães donas de casa passam com seus filhos, foi possível detectar a relação entre o tempo e o acompanhamento de outras atividades dos filhos. Isto é, as donas de casa que passam mais tempo com seus filhos se envolvem mais nas suas atividades escolares, culturais e de lazer.

Tabela 58. Relação entre a comunicação da mãe com o filho e outros aspectos do seu envolvimento com os filhos: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa

Tipos de envolvimento	Comunicação com o filho			
	TF	N	DC	N
Interação do filho com a mãe	0,551**	18	0,538*	19
Participação da mãe nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos	0,617**	16	0,492*	18

Nota: * p<0,05; ** p<0,01

De acordo com os dados da Tabela 58 nota-se que a freqüência de comunicação da mãe com o seu filho tem uma correlação significativa e positiva com a freqüência de outros tipos de envolvimento.

Tabela 59. Relação entre a interação do filho com a mãe e a participação da mãe nas atividades dos filhos: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa

	Interação do filho com a mãe			
	TF	N	DC	N
Participação da mãe nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos	0,551*	14	0,602*	16

Nota: * p< 0,05

Da mesma forma, a freqüência de interação da mãe com o filho tem uma correlação significativa e positiva com a freqüência de envolvimento da mãe nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos.

Assim, percebe-se que as mães que se envolviam com maior freqüência com os seus filhos em uma área, também se envolviam com uma freqüência maior em outras áreas, se comunicando mais, acolhendo mais as iniciativas do filho e participando nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos.

Participação das mães na vida escolar dos filhos

Devido ao fato do presente trabalho ter como objetivo, também, analisar o desempenho acadêmico das crianças, buscou-se dados que demonstrassem a participação da mãe na vida acadêmica dos filhos. Cem por cento das donas de casa e 91,3% das mulheres que trabalhavam fora disseram participar das reuniões escolares, todavia questionou-se a freqüência em que se dava essa participação (Tabela 60).

Tabela 60. Frequência com a qual as mães disseram participar das reuniões escolares: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 52⁺)

	Trabalha fora		Dona de casa	
	Frequência	%	Frequência	%
Em todas as reuniões	12	57,1	31	86,1
Na maioria das reuniões	6	28,6	5	13,9
Esporadicamente	2	14,3	0	0
Só quando o filho tem problemas	0	0	0	0
Total	21	100	31	100

⁺ Três mulheres que trabalhavam fora e cinco donas de casa deixaram a questão em branco.

Os dados da tabela demonstram que no grupo das mães donas de casa, todas disseram que participavam de todas as reuniões ou na maioria delas. Já no grupo das mães que trabalhavam fora, a maioria das mães disse que participavam em todas as reuniões escolares, sendo que 14,3% delas disseram que iam esporadicamente às reuniões. Evidentemente a participação das mães que trabalhavam fora nas reuniões escolares era menos garantida do que no caso das mães donas de casa, a despeito das tentativas da direção da escola de agendar as reuniões em horários acessíveis para quem trabalhava fora.

Além de participar das reuniões escolares, uma mãe pode monitorar o desempenho e comportamento do filho na escola, através do contato com os professores do mesmo (Tabela 61). Sendo assim, questionamos as mães se elas mantinham contato com os professores dos filhos. No total, 91% das mães que trabalhavam fora e 88,6% das donas de casa disseram manter contato com as professoras dos filhos, o que demonstra que a maioria das mães que participaram da pesquisa estavam preocupadas com o desempenho acadêmico dos filhos e se interessavam em participar das reuniões ou manter contatos com os professores.

Tabela 61. Frequência de contato que as mães possuíam com os professores dos filhos: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa

	Trabalha fora		Dona de casa	
	Frequência	%	Frequência	%
Bimestralmente	14	60,7	24	70,6
Mensalmente	5	23,8	6	17,6
Semestralmente	2	9,5	2	5,9
Semanalmente	0	0	1	2,9
Diariamente	0	0	1	2,9
Total	21	100	34	100

Nota: Não houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos de participantes.

A maioria das mães de ambos os grupos disse que mantinha contato com as professoras dos filhos bimestralmente, frequência equivalente às reuniões de pais realizadas pela instituição de ensino. Quando questionadas a respeito do que achavam dessa frequência, 71,4% das mães que exerciam atividades remuneradas fora do lar e 82,9% das donas de casa a consideraram suficiente, não havendo diferenças significativas entre os grupos de participantes.

De modo geral, pode-se dizer que as mães de ambos os grupos participavam ativamente das atividades escolares e de lazer dos filhos. Essa alta participação pode favorecer um bom rendimento acadêmico e autoconceito por parte dos filhos. No entanto, esse não pode ser considerado o único fator, sendo necessário verificar, também, como eram os hábitos de estudo dos filhos e como as mães avaliavam o desempenho acadêmico de seus filhos, visto que a forma como os pais interpretam os esforços e conquistas acadêmicas dos filhos influencia na maneira como os mesmos se vêem (autoconceito) e sua motivação para estudar (Freitas, Zamberlan & Fukahori, 2001; Gottman & DeClaire, 2001; Hallahan & Kauffman, 2000; Okagaki & Sternberg, 1991).

Descrição dos hábitos de estudo dos filhos

Entre as diversas recomendações apontadas na literatura como importantes para a capacitação das crianças para o estudo estão: (a) escolher um lugar de trabalho longe de

distrações, que sempre esteja livre no horário escolhido para o estudo e (b) estabelecer um período diário de estudos que seja mantido, mesmo que a criança não tenha tarefas (Cortegoso, 1998; Vallejo- Nágera, 1997; Grollman & Sweder, 1991). Sendo assim, questionou-se as participantes se os filhos tinham acesso a um local reservado para estudos (Figura 2) e se nesse ambiente havia ruídos (Figura 3) ou atividades paralelas (Figura 4).

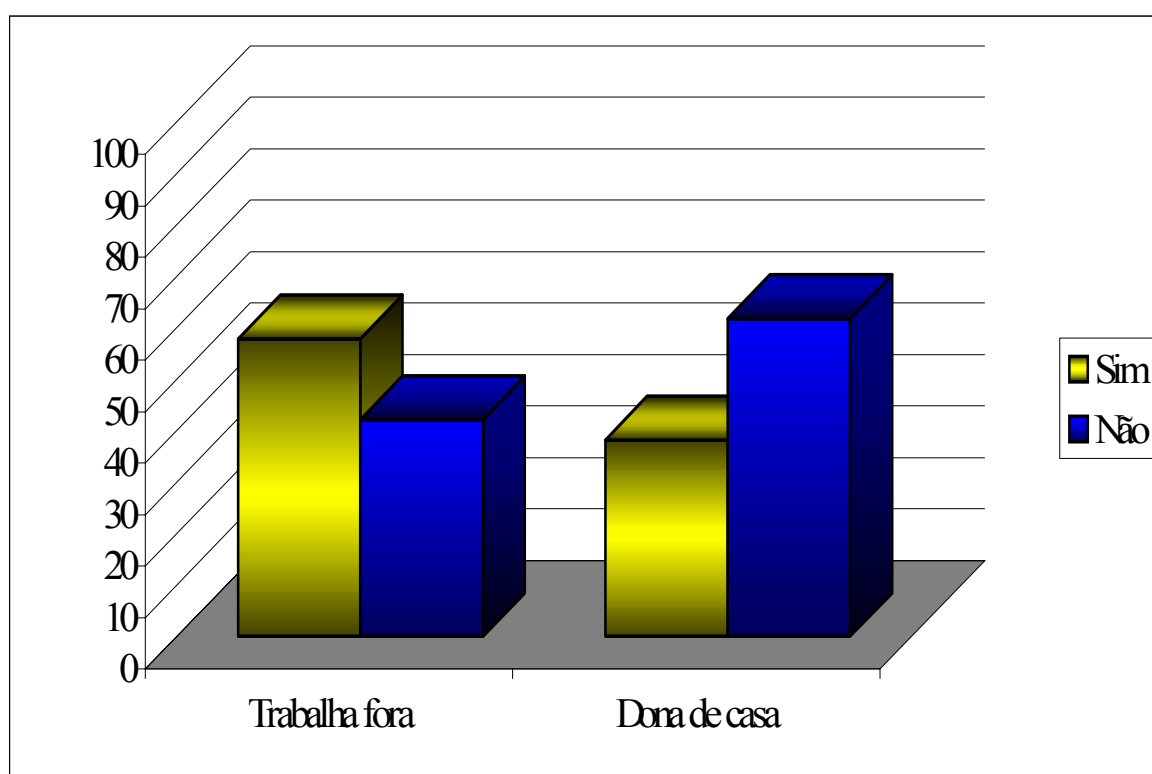


Figura 2. Porcentagem de crianças que possuíam ambiente específico para estudo, segundo as mães.

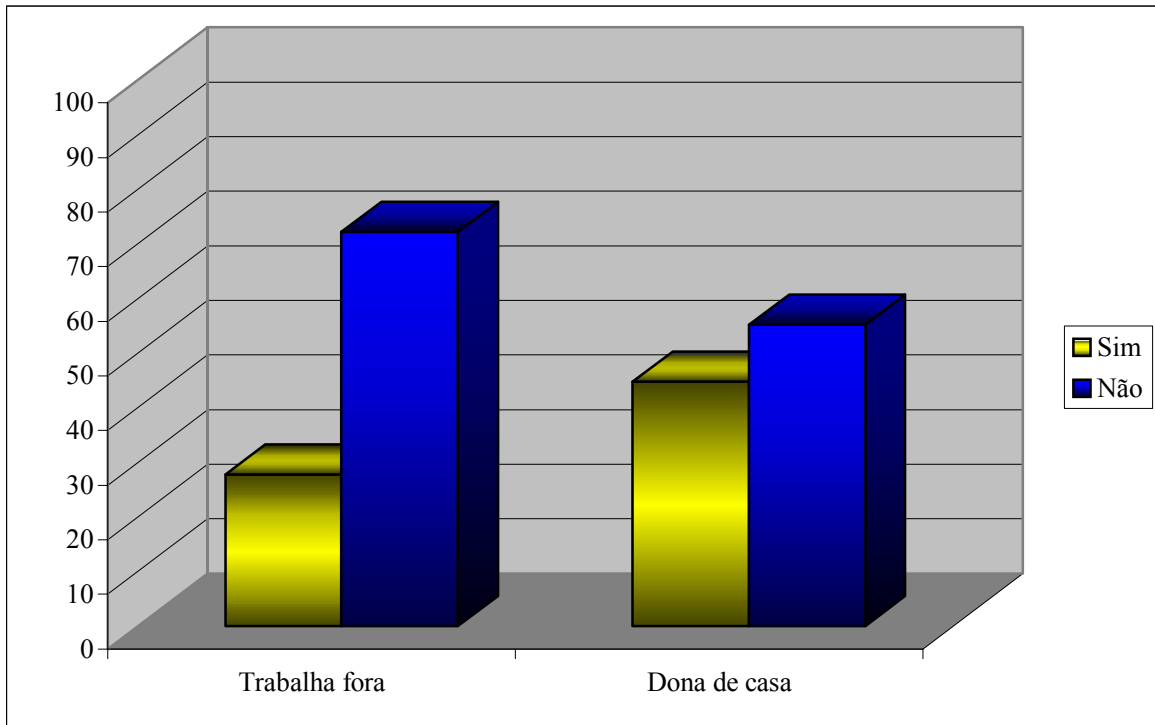


Figura 3. Porcentagem de respostas afirmando a presença de ruídos no ambiente de estudo.

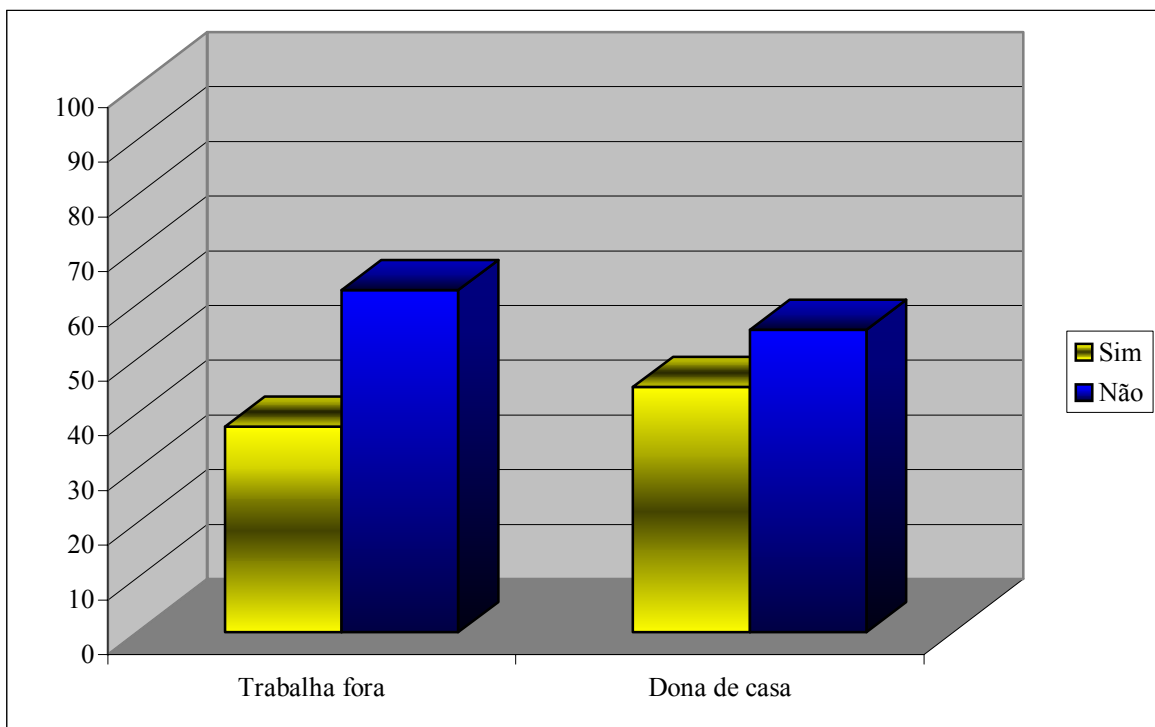


Figura 4. Porcentagem de respostas reconhecendo a ocorrência de atividades paralelas no ambiente de estudo.

Na amostra que participou da pesquisa, a maioria dos filhos de mães que trabalhavam fora (57,9%) possuíam ambiente para estudar. Mesmo não possuindo um ambiente específico para realizar os estudos a maioria das mães de ambos os grupos disseram que no horário e local estabelecido para eles realizarem as atividades acadêmicas não tinha ruídos (72,2% trabalhava fora e 55,2% dona de casa) – situação mais adequada – ou atividades paralelas ao estudo dos filhos (62,5% trabalhava fora e 55,2% dona de casa).

Entretanto, não podemos desconsiderar o número de estudantes que não contam com ambiente adequado para os estudos, o que pode comprometer o rendimento acadêmico dos mesmos. Provavelmente, a falta de um ambiente mais adequado para estudar foi devido ao baixo poder aquisitivo da família, pois os filhos estudavam na sala ou na cozinha, não tendo locais específicos para essa atividade. Além disso, nesses locais havia a circulação de outros familiares e, logo, a ocorrência de atividades paralelas.

A rotina diária de estudos dos filhos de ambos os grupos de participantes está descrita na Tabela 62.

Tabela 62. Descrição da rotina diária de seu filho em relação aos estudos, pelas mães que trabalhavam fora e mães donas de casa (N = 38⁺)

	Porcentagem (%)	
	Trabalha fora	Dona de Casa
Estuda diariamente (faz tarefas escolares e/ou lê)	85,7	87,5
Precisa chamar a atenção	14,3	4,2
Só quando tem lição	---	4,2
Estuda pouco	---	4,2
Total	100	100

⁺ Seis mulheres que trabalhavam fora e doze donas de casa deixaram o item em branco e quatro mães que trabalhavam fora deram respostas sem sentido.

A maioria das mães de ambos os grupos disse que os filhos estudavam diariamente, o que poderia indicar rendimentos acadêmicos satisfatórios. Destaca-se que algumas mulheres que trabalhavam fora indicaram alguns “problemas” dos filhos, como ter de chamar a atenção para eles estudarem e não possuir rotina de estudos. Em relação ao

rendimento escolar dos filhos, questionou-se as mães sobre como elas consideravam o desempenho acadêmico de seus filhos. A Tabela 63 apresenta os dados obtidos.

Tabela 63. Percepção da mãe a respeito do desempenho acadêmico do filho: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa (N = 44⁺)

	Trabalha fora (%)	Dona de casa (%)
Ótimo	40,0	44,8
Bom	33,3	34,5
Regular	13,3	13,8
Apresenta dificuldades	13,3	3,4
Ruim	---	3,4
Total	100	100

⁺ Oito mulheres que trabalhavam fora e uma mãe que trabalhavam fora e sete donas de casa deram respostas sem sentido.

Em geral, a maioria das mães de ambos os grupos considerou o desempenho acadêmico dos filhos como satisfatório. Vale ressaltar que 13,3% das mães que trabalhavam fora e 3,4% das donas de casa disseram que o filho apresentava dificuldades. No caso das mães que trabalhavam fora, as dificuldades relatadas referiam-se à dificuldade de concentração e atenção. Já as mães donas de casa relataram uma dificuldade por parte do filho de se adaptar ao horário das aulas. Apenas uma mãe dona de casa considerou insatisfatório o desempenho do filho. A justificativa foi a de que a dificuldade da família de comprar os materiais necessários para os estudos do filho estava afetando o seu desempenho, pois ele não tinha como estudar ou ficava atrasado em relação aos colegas.

A maioria das mães, de ambos os grupos, disseram que seus filhos estudavam diariamente e que tinham rendimento acadêmico satisfatório, com algumas exceções. Além da avaliação por parte das mães, buscou-se verificar como os estudantes se desempenhavam em um teste padronizado, cujo objetivo é avaliar as capacidades fundamentais para o desempenho escolar. Isto possibilitará verificar quais as correlações

entre a participação materna e o desempenho acadêmico de seus filhos, comparando o grupo de mães que trabalhavam fora e mães donas de casa.

Desempenho acadêmico

Para avaliar o desempenho acadêmico optou-se por aplicar o *Teste de Desempenho Escolar* (Stein, 1994) como uma forma de garantir que o desempenho de todos estariam sendo avaliados da mesma maneira, o que poderia não ocorrer caso fosse consideradas as notas dadas pelos professores. Os resultados obtidos são apresentados na tabela 64.

Tabela 64. Desempenho dos alunos no *Teste de Desempenho Escolar* (N = 60)

	<i>M</i>	<i>dp</i>	Pontuação mínima	Pontuação máxima	Pontuação média do Brasil
Aritmética	23,30	4	13	32	21-24
Escrita	28,61	4,74	12	35	29-31
Leitura	68,85	1,56	64	70	66-68
Pontuação total do teste	120,89	8,03	93	134	117-124

Notas: Não houve diferenças significativas entre os grupos de participantes.

No subteste de aritmética e de escrita, um aluno foi excluído da análise, pois sua pontuação era muito inferior ao restante dos alunos.

O desempenho escolar dos participantes na pontuação total e nos subtestes de aritmética e leitura estava dentro da pontuação média obtida pela amostra brasileira utilizada para a validação do teste. Isto é, em uma análise classificatória a partir dos escores brutos disponível no manual do *TDE* (Stein, 1994), pode-se dizer que o desempenho dos estudantes foi médio. O desempenho dos participantes no subteste de escrita ficou um pouco abaixo da média obtida pela amostra brasileira, podendo-se considerar que, qualitativamente, o desempenho foi inferior, com algumas crianças obtendo resultados muito abaixo da norma brasileira. Cabe destacar que os alunos apresentaram uma maior variação de desempenho em relação à aritmética e escrita (maiores desvios padrões), o que indica que na amostra existem participantes com

desempenho superior e outros com desempenho inferior. Leitura foi o subteste que a maioria parece ter se sucedido bem, pois apresentou pouca variação.

Um dos objetivos do presente estudo foi verificar o grau de relação entre os diferentes aspectos da interação materna e o desempenho acadêmico. No tópico seguinte estão apresentadas as relações obtidas, comparando-se mães donas de casa e mães que trabalhavam fora.

Relações entre diferentes aspectos da interação materna e o desempenho escolar dos filhos

Pesquisas que buscam averiguar fatores que afetam o desempenho escolar demonstram que em muitos casos de fracasso escolar ou de rendimento abaixo da real capacidade do aluno, é possível notar o impacto que os comportamentos e crenças dos pais têm sobre o mesmo (Freitas, Zamberlan & Fukahori, 2001; Gottman & DeClaire, 2001; Hallahan & Kauffman, 2000; Okagaki & Sternberg, 1991). A presente pesquisa tem como foco de interesse verificar a influencia da mãe no desempenho acadêmico dos filhos. A Tabela 65 apresenta as relações entre os diferentes aspectos da interação materna e o desempenho acadêmico de seus filhos, avaliado em um teste normativo.

Tabela 65. Relação entre os diferentes aspectos de interação materna e o desempenho acadêmico dos filhos: Comparação das mães que trabalhavam fora com as mães donas de casa

	<i>Participação da mãe nos cuidados com o filho</i>		<i>Participação da mãe nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos</i>		<i>Tempo que passa com o filho</i>		<i>Comunicação com o filho</i>		<i>Interação do filho com a mãe</i>	
	TF (N=13)	DC (N=23)	TF (N=16)	DC (N=23)	TF (N=15)	DC (N=16)	TF (N=22)	DC (N=27)	TF (N=19)	DC (N=25)
Aritmética		0,299			-0,228	0,210				
Escrita		0,233								
Leitura			-0,212	-0,630**				-0,237		-0,235

Nota: ** p<0,01

Correlações menores que 0,20 não foram apresentadas para facilitar a visualização dos resultados.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 65, houve apenas uma correlação negativa e altamente significativa entre a participação das mães donas de casa nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos e o desempenho dos mesmos em leitura, indicando que quanto maior a participação das mães, menor o desempenho dos filhos nesse subteste.

Comunicação mãe-filhos, segundo os filhos

A comunicação é uma habilidade importante e desejada para o desenvolvimento humano. Sendo assim, buscou-se verificar, além de como as mães avaliavam sua comunicação com o filho, como o filho avaliava a comunicação da sua mãe com ele. Os itens apresentados aos filhos foram semelhantes aos apresentados às mães. Os resultados estão apresentados na Tabela 66.

Tabela 66. Frequência de comunicação com a mãe: Comparação dos filhos de mães que trabalhavam fora com as de mães donas de casa (N=60)

	<i>M</i>	<i>dp</i>	Mínimo	Máximo
Sua mãe lhe dá carinho (abraços, beijos)	4,74	0,63	1,00	5,00
Sua mãe faz perguntas referentes ao seu dia-a-dia	4,68	0,77	1,00	5,00
Sua mãe procura conversar com você	4,63	0,69	2,00	5,00
Sua mãe solicita que você faça algo por ela	4,55	0,87	1,00	5,00
Sua mãe faz elogios a você	4,45	0,99	1,00	5,00
Sua mãe pede para que você a ajude em alguma atividade	4,27	1,12	1,00	5,00
Sua mãe expressa desejos e preferências, dando razão para suas ações e posições	4,20	1,03	1,00	5,00
Sua mãe conta as coisas boas ou ruins ocorridas com ele em relação ao trabalho	4,12	1,38	1,00	5,00
Sua mãe conta as coisas boas e ruins ocorridas com ela em relação aos amigos	3,70	1,41	1,00	5,00

Nota: Não houve diferenças significativas entre os grupos de participantes.
A pontuação variou de 1, 'nunca' a 5, 'todo dia'.

Os dados da Tabela 66 demonstram que, em média, os filhos de ambos os grupos de participantes percebiam a mãe como uma pessoa carinhosa e participativa, dada a alta frequência média das respostas nas questões abordadas. Vale ressaltar, todavia, que na amostra pesquisada existiam mães que, na visão dos filhos, participavam bastante e outras que não participavam (ver a variação das respostas). Outro ponto que merece destaque é o fato de não haver diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de

participantes, o que indica que a função social que a mãe ocupa não é um indicativo de maior ou menor interação, ou seja, tanto a mãe que trabalha fora quanto a mãe dona de casa interage com o filho na mesma frequência.

Em relação ao objetivo do estudo de investigar as relações entre os diferentes aspectos da interação materna e a percepção dos filhos da comunicação com as mães, não foi possível devido ao fato que o grupo de itens utilizados para avaliar a percepção dos filhos da comunicação com as mães, não formou uma escala com consistência interna ($\alpha < 0,70$).

Autoconceito

A literatura da área de desenvolvimento humano demonstra a importância da participação materna para o estabelecimento de um autoconceito positivo (Moyses, 2001; Sánchez & Escribano, 1999; Bee, 1996; Grollman & Sweder, 1991). Dada a influência que esse construto tem para o desenvolvimento físico, social e psicológico saudável das pessoas (Sánchez & Escribano, 1999), buscou-se avaliar o autoconceito dos filhos das mães que trabalhavam fora e das mães donas de casa, comparando os resultados para verificar, também, se havia diferenças entre os grupos. Na Tabela 48 são apresentados os dados obtidos pela aplicação do SDQI.

Tabela 67. Desempenho dos alunos no *Questionário para avaliação do autoconceito* (N = 60)

	<i>M</i>	<i>dp</i>	Pontuação mínima	Pontuação máxima
Relacionamento com pais	35,53	4,73	16	40
Autoconceito Geral	31,80	5,50	12	40
Leitura	31,10	6,99	14	40
Relacionamento com colegas	30,76	5,45	8	40
Matemática	30,48	6,83	15	40
Geral/Escola	30,33	5,08	18	40
Habilidade física	29,83	5,86	19	40
Aparência física	29,06	6,68	10	40
Total não acadêmico	31,43	4,48	15	39
Total Self	31,15	4,25	16	39
Total acadêmico	30,66	5,23	17	40

Notas: Não houve diferenças significativas entre os grupos de participantes.

A pontuação variou de 1, 'sempre falso' a 5, 'sempre verdade'.

Pontuação mínima possível, 8 pontos; pontuação máxima possível, 40 pontos.

Os dados da tabela acima demonstram que os alunos, em média, possuem um autoconceito medianamente positivo, avaliando-se da mesma forma em relação aos construtos não acadêmicos e acadêmicos.

Dentre os construtos não acadêmicos, destaca-se o fato que as crianças avaliam o relacionamento com os pais de forma significativamente mais positiva do que os demais itens. Resultados semelhantes foram obtidos por Garcia (2003), sendo que tal dado pode ser justificado pelo relato da alta frequência com a qual as mães disseram participar da vida dos filhos (acadêmica, lazer, cuidados etc.) e que as mães disseram que os pais participam (Tabela 47), o que foi corroborado no relato das crianças (ver Tabela 66).

Além disso, para as crianças dessa faixa etária os pais ainda são considerados pessoas muito importantes e a qualidade do seu relacionamento com os mesmos tem um papel primordial para a formação do seu autoconceito (Moreno & Cubero, 1995; Pikunas, 1979).

Com relação aos construtos acadêmicos, destaca-se que os estudantes, em média, avaliaram-se um pouco melhor no construto leitura, o que vai de encontro com o

desempenho melhor no subtteste de leitura do que nos outros subttestes do TDE (ver Tabela 46). Esse dado pode ser associado com um bom desempenho acadêmico por parte dos estudantes, da mesma forma que Jacob (2001) verificou que crianças com bom desempenho acadêmico julgavam-se com boas condições para aprender, com bom desempenho na escola e facilidade para ler. Já as crianças com baixo rendimento na escola avaliaram-se com dificuldade quanto a habilidade para aprender e com dificuldade em leitura

No geral, os dados nos permitem inferir que os participantes tinham uma avaliação positiva de suas capacidades, no entanto, destaca-se que existem crianças se avaliando muito positivamente e outras muito negativamente, em especial um participante, filho de mãe que trabalhava fora, que teve os menores escores em todos os construtos avaliados.

Relações entre o autoconceito e desempenho acadêmico

Vários autores (Marturano & Loureiro, 2003; Jacob, 2001; Okano, 2001; Hazin & Falcão, 2000; Jacob & Loureiro, 2000; Castro, 1999; Martins, 1997) demonstram uma correlação significativa entre baixo desempenho acadêmico e: a) baixo autoconceito e b) baixa auto-estima. De fato, avaliações positivas do autoconceito mostraram-se associadas a bom desempenho escolar, a ajuste comportamental, e interações mais positivas com adultos e crianças. Avaliações mais negativas do autoconceito mostrou-se relacionada a baixo desempenho escolar, dificuldades comportamentais e a presença de atribuições associadas a sentimentos de incompetência (Marturano & Loureiro, 2003). A tabela 68 apresenta as relações entre o autoconceito e o desempenho acadêmico dos estudantes que participaram dessa pesquisa, sem comparar filhos de mães que trabalhavam fora e mães donas de casa.

Tabela 68. Relação entre o autoconceito e o desempenho acadêmico dos filhos

Autoconceito	Subtestes do TDE			
	Aritmética (N=59)	Escrita (N=59)	Leitura (N=60)	TDE Total (N=58)
Total não acadêmico		0,209		
Total acadêmico	0,344**	0,385**		0,402**
Total Self		0,353**		0,254*

Nota: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$.

Correlações menores que 0,20 não foram apresentadas para facilitar a visualização dos resultados.

Os dados da Tabela 68 demonstram que existem correlações significativas e positivas entre o autoconceito acadêmico e o desempenho dos alunos no subteste de aritmética, escrita e na pontuação total do TDE, indicando que quanto melhor o desempenho dos alunos nesses subtestes, melhor era a avaliação que os mesmos faziam a respeito do seu autoconceito acadêmico e vice-versa. Além disso, o desempenho dos alunos no subteste de escrita e na pontuação total também estiveram positiva e significativamente correlacionados ao autoconceito ‘total do self’. Assim, pode-se dizer que existem correlações entre o desempenho acadêmico e o autoconceito dos estudantes, especialmente nos aspectos acadêmicos, corroborando dados de pesquisas anteriores (Marturano & Loureiro, 2003; Jacob, 2001; Okano, 2001; Hazin & Falcão, 2000; Jacob & Loureiro, 2000; Castro, 1999; Martins, 1997).

Relações entre diferentes aspectos da interação materna e o desempenho escolar dos filhos

As mães desempenham um papel central na formação do autoconceito de seus filhos. Elos saudáveis construídos entre mães e filhos auxiliam a conquista de um autoconceito viável e consistente, apto a enfrentar os desafios da vida (Moysés, 2001), isto é, crianças com autoconceito positivo provêm, mais freqüentemente, de famílias nas quais suas realizações independentes são valorizadas e elogiadas, onde há um relacionamento

caloroso e afetuoso entre os pais e a criança e são estabelecidos claros limites para o comportamento da criança (Sánchez e Escribano, 1999; Bee, 1986), indicando que o autoconceito positivo parece estar associado a experiências positivas com a vida familiar (Okano, 2001 *apud* Marturano & Loureiro, 2003). Realmente, as mães podem ter uma influência considerável no autoconceito dos filhos, pois através de sua atitude, interesse e uma participação constante, demonstram a importância dos filhos, fazendo com que eles se sintam amados e valorizados. Logo, buscou-se verificar se existiam relações entre os diferentes aspectos da interação materna e o autoconceito de seus filhos (Tabela 69).

Tabela 69. Relação entre os diferentes aspectos de interação materna e o autoconceito dos filhos

Autoconceito	Participação da mãe nos cuidados com o filho (N=36)	Participação da mãe nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos (N=39)	Tempo que passa com o filho (N=31)	Comunicação com o filho (N=49)	Interação do filho com a mãe, segundo a mãe (N=44)
Total não acadêmico					
Total acadêmico	0,302+	0,332*			
Total Self					

Nota: + $p < 0,1$; * $p < 0,05$

Correlações menores que 0,20 não foram apresentadas para facilitar a visualização dos resultados.

Os dados da Tabela 69 indicam que quanto maior a participação da mãe nos cuidados com o filho e em suas atividades escolares, culturais e de lazer, maior o autoconceito acadêmico dos mesmos. Lembrando que o desempenho acadêmico também se correlaciona com o autoconceito acadêmico, pode-se dizer que uma participação materna mais freqüente também favorece um melhor desempenho acadêmico de seus filhos, indicando que a participação materna parece ser um fator muito importante para o sucesso acadêmico em si, além de contribuir para a autoconfiança dos filhos em relação aos estudos.

CONCLUSÕES

Para a realização dessa pesquisa, uma das dificuldades para poder avaliar a interação materna foi encontrar instrumentos que contemplassem todas as variáveis que se julgava necessárias investigar. Sendo assim, os dois primeiros objetivos do presente estudo foram: (1) *adaptar instrumentos para avaliar condições de trabalho, bem-estar psicológico e a participação materna na educação dos filhos* e (2) *verificar a consistência interna dos itens que constituíam escalas* dos instrumentos elaborados. Apesar de a maioria das escalas ter sido utilizada em outros estudos (Sanjuta e Barham, 2002; Silva, 2000; Corrani e Barham, 1999; Silveira & Barham, 1999; Sorano e Barham, 1999), foi realizada uma análise exploratória da consistência interna dos itens de cada escala, o que indicou que algumas poderiam se caracterizar como tal, entre elas: satisfação com o trabalho; satisfação com o tempo disponível para realizar atividades na vida familiar/pessoal; frequência com a qual as mães sofriam com estresse; concordância/discordância das mães a respeito da adequação do seu desempenho no papel familiar; grau de satisfação com o apoio dos familiares para a realização de tarefas domésticas; grau de participação da mãe nos cuidados com o filho; grau de participação do pai nos cuidados com o filho, segundo as mães; frequência de comunicação entre mãe e filho, na visão das mães; interação do filho com a mãe, segundo a mãe; e grau de participação da mãe nas atividades escolares, culturais e de lazer. No entanto, ressalta-se que análises estatísticas com um grupo maior de participantes (mais de 100) seriam necessárias para confirmar esses resultados.

Além disso, alguns itens poderiam ser reformulados, como, por exemplo, nas questões referentes à frequência de comunicação da mãe para com o filho (Tabela 45) só aparece aspectos de interação positivos e apenas um negativo, sendo este o único que teve baixa frequência. Dessa forma, seria interessante desdobrar esse item em vários outros

como, por exemplo, “grita com seu filho”, “chama a atenção do filho”, “deixa o filho de castigo”, “bate no filho”.

Do mesmo modo, algumas questões relativas à atividade das mães que trabalhavam fora deveriam ser acrescentadas, para que se pudesse ter uma compreensão maior das condições de trabalho da mesma, entre elas, a carga horária de trabalho diária, dias da semana em que trabalha e turno de trabalho.

Em relação às condições de trabalho das mães que trabalhavam fora (objetivo 3), observou-se que as mesmas as descreveram como satisfatórias e contendo relações interpessoais no trabalho sem muitos conflitos. Em geral, elas tinham tempo de terminar suas atividades no período de trabalho, não necessitando realizar horas extras ou levar serviço para casa.

Em relação aos objetivos 4, 5 e 6 da presente pesquisa, envolvendo a comparação de mães donas de casa com mães que trabalhavam fora, investigou-se a forma de interação das mães com seus filhos para os dois grupos de mulheres, a fim de detectar diferenças, devido às exigências das opções escolhidas. Foram observadas poucas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Isto é, aparentemente a opção da mulher de sair para trabalhar não afeta a frequência da interação familiar e a participação dela no progresso acadêmico dos filhos.

Todavia, em relação ao bem estar psicológico, as mulheres que exerciam atividades remuneradas fora do lar estavam menos satisfeitas do que as donas de casa no que diz respeito à percepção de ajuda oferecida pelo marido para a realização das tarefas domésticas, indicando que para essas mulheres, trabalhar fora implica em uma sobrecarga de trabalho total (Tiba, 2002; Gottlieb, Kelloway & Barham, 1998; McGoldrick, 1995).

Essa sobrecarga, gerada pela demanda de tempo para conciliar obrigações familiares e profissionais, de acordo com Bertolini (2002), pode contribuir para o aumento

da ansiedade e sentimento de culpa em relação aos filhos, como foi observado na amostra estudada. Entre as diferenças estatisticamente significativas que apóiam esse fato está a percepção das mulheres que exerciam atividades fora do lar de sentir-se longe da família e de não dar conta de fazer tudo o que precisava para o filho.

Para avaliar a relação entre a participação da mãe com o filho, por um lado, e o autoconceito e o desempenho acadêmico dos filhos, por outro lado, é necessário avaliar o grau de satisfação da mãe com a opção escolhida, uma vez que pesquisas demonstraram que quanto maior o grau de satisfação materna, melhor o ajustamento da criança, não importando se a mãe trabalha fora ou trabalha no próprio lar (Yarrow, Scott, De Leeww & Heinig, 1962 *apud* Bertolini, 2002). Além disso, esses estudos mostram que os filhos, de ambos os grupos, apresentavam maior segurança e melhor relacionamento com as mães quando estas demonstram satisfação com a posição assumida (Pereira, 1978 *apud* Bertolini, 2002). Na presente pesquisa, quando se comparou as crenças das mães a respeito do papel desempenhado por elas foram destacadas vantagens e desvantagens com relação à opção escolhida, em ambos os grupos, as quais confirmam os dados obtidos por Bertolini (2002). As donas de casa, em geral, destacavam como principal vantagem a participação na educação e desenvolvimento do filho enquanto as mulheres que trabalhavam fora indicavam os benefícios que o emprego oferecia (recursos financeiros e sentir-se útil).

Apesar das desvantagens percebidas em relação a sua opção, por ambos os grupos, apenas as mães que trabalhavam fora não cogitaram mudar de situação (deixar de trabalhar fora); no grupo de donas de casa, 48,4% disseram que gostariam de estar trabalhando. Deve-se, entretanto, ter cautela na análise desses dados, afinal, a maior parte das mulheres que exerciam atividades remuneradas fora do lar disse que possuía um ambiente de trabalho satisfatório e sem muitos conflitos, o que pode estar afetando as

respostas obtidas. Talvez, se o ambiente fosse conflitante e fonte de desgaste emocional, as respostas poderiam ser diferentes. De fato, algumas das mulheres que trabalhavam fora, nessa amostra, disseram-se insatisfeitas com a divisão das atividades entre trabalho e família e 33,3% dessas mulheres apontaram a necessidade financeira como o fator que as levou a trabalhar.

Considerando ainda as crenças das mães, em especial a percepção das mães a respeito da opinião dos filhos acerca da posição assumida, as donas de casa apresentaram apenas respostas positivas, o que pode indicar que esse é um fator de peso para elas continuarem sendo donas de casa, mesmo quando gostariam de estar trabalhando fora. No caso das mulheres que trabalhavam fora, pode-se notar um pouco da culpa que as mesmas sentiam por não estarem disponíveis o tempo todo para os filhos. A maioria dessas mulheres (66,6%) descreveu pontos negativos, sendo parte deles relacionados à ausência da mãe durante um período do dia. De fato, quando elas descreveram pontos positivos, esses eram relativos à questão financeira e não à independência proporcionada aos filhos.

Um dos pontos centrais do presente trabalho foi verificar o grau de participação materna na educação do filho, comparando mães donas de casa com mães que trabalhavam fora (objetivo 6). Pode-se notar que os dois grupos de participantes relataram apresentar, com uma frequência relativamente alta, comportamentos considerados adequados a um bom relacionamento familiar, segundo Guralnick (1998) e Gottman e DeClaire (2001), além de relatarem passar um tempo praticamente igual com os filhos (em média, duas horas por dia), não havendo diferenças estatisticamente significativas entre os grupos.

Destaca-se, também, a alta frequência de participação das mães, de ambos os grupos, nas atividades de lazer, culturais e escolares dos filhos e nas reuniões escolares, o que demonstra a preocupação e o interesse das mães no desenvolvimento global dos seus

filhos. Além disso, vale dizer que durante o processo de coleta e devolutiva dos dados, algumas mães realizaram chamadas telefônicas para a pesquisadora a fim de obter maiores informações a respeito do desempenho de seu filho e para sanar dúvidas em relação ao comportamento e desempenho escolar do mesmo, indicando interesse das mesmas para com os filhos.

Olhando-se em conjunto todos esses fatores, que dizem respeito ao envolvimento das mães, pode-se afirmar que os mesmos deveriam favorecer a formação de um autoconceito positivo nos filhos. Moysés (2001) salienta que os elos saudáveis construídos entre mães e filhos auxiliam a conquista de um autoconceito positivo que o habilite a enfrentar os desafios da vida. Além disso, esse comprometimento da mãe para com o filho pode contribuir diretamente para o bom rendimento acadêmico do mesmo, o qual também está relacionado ao autoconceito.

Com relação a esses fatores, autoconceito e desempenho acadêmico (objetivo 7), observou-se que não houve diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos de crianças. Isto dá indícios de que a alta frequência com a qual as mães disseram se envolver nos vários aspectos da vida do filho, independente da função que exerciam (donas de casa ou trabalhar fora), contribuiu para a obtenção desses resultados no autoconceito. Embora o desempenho acadêmico dos estudantes era mediano, o autoconceito não-acadêmico, acadêmico e do self foram bem positivos (médias acima de 30, numa escala de 40 pontos), sendo que a participação materna teve correlações significativas com o autoconceito acadêmico dos filhos, o qual, por sua vez, correlacionou-se com o desempenho acadêmico dos mesmos.

Cabe destacar, no entanto, que, embora as mães disseram realizar todas as atividades com alta frequência, seus filhos não têm um desempenho acadêmico acima da média. Assim, é preciso investigar mais a fundo como se dá a interação das mães com seus

filhos, talvez introduzindo uma intervenção para melhorar suas habilidades educativas, junto aos seus filhos.

Embora a amostra de participantes tenha contado com a contribuição de mães de alunos que não possuíam nenhuma necessidade educativa especial detectada, exceto em poucos casos em que as mães disseram que o filho tinha dificuldades escolares e que ele teve um rendimento acadêmico no TDE insatisfatório, acredita-se que os dados obtidos mostram que o fato de trabalhar fora não está associado com o desenvolvimento de maiores comprometimentos acadêmicos e socioemocionais entre seus filhos. O fato de não existirem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de participantes, em relação à frequência da qualidade de cuidados prestados aos filhos e ao estresse vivenciado pelas mães, é um indicativo de que se dedicar exclusivamente aos cuidados dos filhos e esquecer-se de suas vontades e capacidades não é necessário para manter relacionamentos familiares adequados e promover o desempenho acadêmico de seus filhos, no contexto sócio cultural estudado.

Limitações do estudo

Devemos lembrar, por outro lado, que os resultados da presente pesquisa devem ser olhados com cautela, pois eles dizem respeito à realidade de uma população em que a maioria possui alguma renda mensal garantida por pelo menos um dos membros do casal, e que os filhos estavam matriculados no ensino regular de uma rede de ensino notadamente preocupada com a formação dos alunos. Talvez para mães e crianças de realidades sócio-econômicos ou acadêmicas diferentes (como por exemplo, famílias muito pobres em que a renda é obtida por meio de “bicos” que os pais realizam, ou que os filhos não estejam matriculados na rede regular de ensino) os dados seriam sensivelmente diferentes, sendo esse um outro caminho importante a investigar em pesquisas futuras nessa área.

Outro ponto a ser destacado com relação às limitações desse presente estudo envolve o fato das mães terem respondido aos questionários individualmente, em casa, com apenas algumas considerações e explicações da pesquisadora. Talvez, se o questionário fosse aplicado como uma entrevista clínica (com interação entre o pesquisador e a participante), os dados obtidos poderiam ser mais ricos e fidedignos. Afinal, as respostas sem sentido mostram que algumas das mulheres não compreenderam algumas das perguntas, indicando, além disso, que seria necessário revisar o instrumento utilizado, de modo a melhorar a clareza das questões.

Contribuições para a Educação Especial

O presente trabalho pode demonstrar o quanto a participação das mães e o seu envolvimento na educação dos filhos pode trazer benefícios para o seu desenvolvimento global e, em especial, para o desempenho acadêmico dos mesmos. Mas, o seu compromisso deve ser conversar com o filho, conhece-lo, saber o que acontece com ele durante o período escolar, supervisionar suas tarefas, passear e ter atividades de lazer. Realizando essas atividades elas não só estarão contribuindo para que não apareçam problemas escolares, como poderão ameniza-los, caso esses já ocorram.

Além disso, ao comparar-se mães que trabalhavam fora e mães donas de casa e não se observar diferenças estatisticamente significativas, demonstrou-se que trabalhar fora não acarreta prejuízos ao desempenho dos filhos, como muitas vezes é propagado. O que importa é o envolvimento que essa mãe estabelece com seus filhos no período em que está em casa. Ela pode perfeitamente trabalhar fora e supervisionar o trabalho escolar dos filhos e se interessar por suas realizações, demonstrando a eles o quanto eles são importantes para ela.

Pesquisas Futuras

Além das sugestões anteriores, seria interessante, também, que pesquisas futuras avaliassem os estilos parentais dessas mães, pois existe um corpo de estudos que correlacionam o estilo educacional utilizado pelos pais e os efeitos gerados nos seus filhos (Gomide, 2003; Gottman & DeClaire, 2001), aspecto que não pode ser analisado com os dados da presente pesquisa. Pode ser que a probabilidade de assumir uma postura mais autoritária ou sem imposição de limites (*laissez-faire*) é maior entre as mães que trabalham fora, em função dos horários de trabalho que elas precisam cumprir. Sabe-se que ambos estilos parentais acarretam prejuízos para o desenvolvimento da criança, como baixa auto-estima e imaturidade (Moreno & Cubero, 1995).

Seria interessante, também, investigar uma variedade maior de demandas ou condições de trabalho que podem afetar a disponibilidade de tempo e o bem estar psicológico da mãe, para participar das rotinas familiares, em especial, das atividades de seus filhos. Por exemplo, mulheres com cargos mais elevados podem ter uma carga horária maior e responsabilidades que requerem mais envolvimento psicológico, os quais poderiam interferir na relação com os filhos e reduzir o tempo para seus filhos. Além disso, mesmo em funções semelhantes às exercidas pelas mulheres dessa amostra, o tempo de locomoção até o local de trabalho em grandes cidades pode aumentar significativamente a jornada de trabalho total, com o mesmo resultado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alvarenga, P. & Piccinini, C. (2001) Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 14(3), 449-460.
- Ambriz, M.G.J. (2001) Estilos de crianza de la madre mexicana y su relación con las interacciones que sus hijos pequeños establecen con sus pares. II Congresso Iberoamericano de Psicología Clínica e da Saúde, Guarujá-SP, 4 a 7 de abril de 2001. *Resumos* (p.89)
- Bee, H. (1997) *O ciclo vital*. Tradução de Regina Garcez. Porto alegre: Artmed.
- Bertolini, L. B. A. (2002) *Relações entre o trabalho da mulher e a dinâmica familiar*. 2ª ed. São Paulo: Vetor.
- Bruschini, C. & Lombardi, M.R. (1999) *A bi-polaridade do trabalho feminino no Brasil: o emprego doméstico e as 'novas' ocupações*. Trabalho apresentado no GT Trabalho e Sociedade, na XXIII Reunião Anual da Ampocs, Caxambu.
- Bruschini, C. (1994) O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. *Estudos feministas*, ano 2, 2º semestre, 179-199.
- Byrant, F.B. (2000) Assessing the validity of measurement. Em: Grimm, L.G. & Yarnold, P.R. *Reading And Understanding More Multivariate Statistics*. Apa: Wahington, DC, 94-146.
- Bystronski, B., Lassance, M. C. P. & Seibach, V. S. M.. (1989). Mulher e trabalho: a integração possível entre o público e o privado. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v. 4, n. 1/2, 32-42.
- Castro, N.I.M. (1999) Um estudo sobre as relações entre autoconceito, atribuição, metacognição e o desempenho acadêmico de alunos de segundo grau. Dissertação de Mestrado. São Paulo,SP: Universidade de São Paulo

- Ceballo, R. & McLoyd, V.C. (2002) Social support and parenting in poor, dangerous neighborhoods. *Child development*, 73 (4), 1310-1321.
- Censos Demográficos do Brasil, IBGE. Fonte: <http://www.ibge.gov.br>
- Cooper, G. & Lewis, S. (2000) *E agora, trabalho ou família?: Pais e mães que trabalham fora aprendem como enfrentar as sobrecargas profissionais e familiares do dia a dia.* Tradução de Nivaldo Montigelli Junior. 1ª ed. São Paulo: Tamisa Editora.
- Corradi, A. A., & Barham, E. J. (1999). *Trabalho e família: impactos de um sobre o outro.* Monografia de conclusão de Bacharelado em Psicologia não publicada. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.
- Cortegoso, A L. (1998) *Aula ministrada a pais e professores sobre como promover comportamentos de estudo adequados em crianças-* Atividades de greve da UFSCar.
- Czwieneczek, M.M. (2001) El lenguaje corporal recurso positivo para generar conductas agradables em el entorno familiar. II Congresso Iberoamericano de Psicología Clínica e da Saúde, Guarujá-SP, 4 a 7 de abril de 2001. *Resumos* (p.19)
- Dpartamento de comércio e Relações Exteriores do Canadá (2000) Em: <http://www.dfait-maeci.gc.ca>
- Dessen, M.A.S.C. (1985) Considerações sobre variáveis envolvidas na interação pais-criança. *Psicologia Teoria e Pesquisa*. Brasília, v.1, nº3, 215-226.
- Diniz, G. (2000) O papel da mulher na família brasileira: questões contemporâneas. XXX Reunião Anual de Psicologia-Sociedade Brasileira de Psicologia. Universidade de Brasília, Finatec, Brasília-DF. *Resumos*. 26 a 29 de outubro de 2000 (p.40)
- Diniz, G. (1999) Homens e mulheres frente a interação casamento trabalho: aspectos da realidade brasileira. Em Terezinha Feres Carneiro, *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Nau, R.J., 31-54.

- Ferree, M. M. (1991) The Gender division of labor in two-earner marriages. *Journal of Family Issues*, vol. 12, 158-180.
- Florsheim, P.; Tolan, P. & Gorman-Smith, D. (1998) Family Relationships, Parenting Practices, the Availability of Male Family Members, and the Behavior of Inner-City Boys in Single-Mother and Two-Parent Families. *Child Development*, October, vol.69, nº5, 1437-1447.
- Folha De São Paulo (25 de setembro de 2003) Mais estudo não garante emprego. Folha de São Paulo, *Dinheiro*, *Página: B2*
- Folha De São Paulo (13 de setembro de 2002). IBGE mostra nova queda da renda familiar. Folha de São Paulo, *Folha Ribeirão*.
- Freitas, M.G.; Zamberlan, M.A.T. & Fukahori, L. (2001) Relações pais e filhos adolescentes e estratégias de prevenção a riscos. X Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental. 20 a 23 de setembro de 2001, *Resumos* (p.7)
- Gagné, L. (2003) Parental work, child-care use and young children's cognitive outcomes. Research Data Centres Program, Ottawa. Disponível em: <http://www.statcan.ca>
- Galinsky, E. (2000) *Ask the Children: What America's Children Really Think about Working Parents*. Nova York: Morrow.
- Garcia, S.C. & De Rose, T.M.S. (2000) Auto-conceito e desempenho escolar. Monografia em Psicologia defendida na Universidade Federal de São Carlos.
- Garcia, S. C. (2003) Rendimento acadêmico, adaptação escolar e autoconceito: Perfil de alunos participantes de uma modalidade de ensino inclusiva. Dissertação de Mestrado. São Carlos: UFSCar.

- Gentile, P. (2000) Avaliar para crescer. *Revista Nova Escola*, dezembro 2000.
- Gomide, P.I.C. (2003) Estilos parentais e comportamento anti-social. Em: Del Prette, A. & Del Prette, Z.A.(orgs.) *Habilidades Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem*. Campinas, SP: Editora Alínea (pp.21-60)
- Gottman, J. & Declaire, J. (2001) *Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos: Como aplicar os conceitos revolucionários de inteligência emocional para uma compreensão da relação entre pais e filhos*. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva.
- Gottlieb, B. H.; Kelloway, E. K. E Barham, E. (1998). *Flexible Work Arrangements Managing the Work-Family Boundary*. Chichester: John Wiley
- Grollman, E. A. & Sweder, G.L. (1991) *Pais que trabalham fora – como conciliar com sucesso filhos com carreira*. Tradução de Maria Silvia Mourão Neto. 3º edição. São Paulo: Editora Saraiva
- Guilhardi, H.J. (sem data) Auto-estima, auto-confiança e responsabilidade. Em: <http://www.terapiaporcontingencias.com.br>. Acesso dia 13/05/2004.
- Guralnick, M. J. (1998) Effectiveness of early intervention for vulnerable children: A developmental perspective. *American Journal of Mental Retardation*, 102 (4), 319-345.
- Hallahan, D.P. & Kauffman, J.M. (2000) Current trends and issues. In: D.P. Hallahan & J.M. Kauffman (Orgs.) *Exceptional learners: Introduction to special education*. (8ª ed.). Boston: Allyn and Bacon (68-73)
- Hallahan, D.P. & Kauffman, J.M. (2000a) Learning disabilities. In: D.P. Hallahan & J.M. Kauffman (Orgs.) *Exceptional learners: Introduction to special education*. Boston: Allyn and Bacon (159-201).

- Hartmann, J.B.; Almeida, E.G.; Ribeiro, A.B.; Marcelino, D.B.; Martins, E.J.; Zanella, L.S.; Fachina, J.L. & Gava, T. (2001) A relação materna e familiar com o desenvolvimento de um quadro de megacólon congênito. II Congresso Iberoamericano de Psicologia Clínica e da Saúde, Guarujá-SP, 4 a 7 de abril de 2001. *Resumos* (p. 330)
- Hazin, I. & Falcão, J.T.R. (2000) Auto-estima e desempenho em matemática: uma contribuição ao debate teórico-metodológico acerca das relações entre cognição e afetividade. XXX Reunião Anual de Psicologia-Sociedade Brasileira de Psicologia. Universidade de Brasília, Finatec, Brasília-DF. *Resumos*. 26 a 29 de outubro de 2000 (p.37)
- Hidalgo, V. & Palacios, J. (1995) Relações sociais nos anos pré-escolares: família, escola, colegas. Em Col, C.; Palacios, J. & Marchesi, A. (orgs.) *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artmed.
- IBGE – Índice Brasileiro de Geografia e Estatística (2000). As Religiões no Brasil Segundo o IBGE. Censo Demográfico. Em:<http://www.ibge.gov.br> (Acesso dia 08/06/04)
- Itaboraí, N.R. (2002) Trabalho feminino e mudanças na família no Brasil (1984 – 1996): Comparações por classe social. Apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, MG de 4 a 8 de novembro de 2002.
- Jacob, A.V. (2001) O desempenho escolar e suas relações com o autoconceito e auto-eficácia. Tese de doutorado, Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo.
- Jacob, A.V. & Loureiro, S.R. (2000) As relações entre desempenho acadêmico, autoconceito e o comportamento de escolares avaliado pelas professoras. XXX

- Reunião Anual de Psicologia-Sociedade Brasileira de Psicologia. Universidade de Brasília, Finatec, Brasília-DF. *Resumos*. 26 a 29 de outubro de 2000 (p.174)
- Knobel, M. (1996) *Orientação familiar*. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus.
- Lassance, M. C. P.; Seibach, V. S. M. E Bystronski, B. (1989) Mulher e Trabalho: A integração possível entre o público e o privado. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 4 (1/2), 32-42.
- Lipp, M. (2004) O que eu tenho é stress? De onde ele vem? Em: _____ *O stress está dentro de você*. São Paulo: Contexto, pp. 9-18.
- Maldonado, M.T. (1985) *Comunicação entre pais e filhos – A linguagem do sentir*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Maluf, M. & Mott, M.L. (1998). Recônditos do mundo feminino. Em F.A. Novais & N Sevcenko (Org.). *História da vida privada no Brasil 3*. Companhia das Letras: São Paulo, SP.
- Marshall, K. (1994). Balancing work and family responsibilities. *Perspectives*, 6, 26-30. Ottawa, ON: Statistics Canada, Cat. No. 75-001E.
- Martins, S.R.S. (1997) O autoconceito em crianças repetentes e não repetentes: Dois procedimentos de avaliação. Dissertação de mestrado, Campinas: Pontifícia Universidade Católica.
- Martorano, M.M. (2001) Binomio autoridad afecto en familias monogamicas y materno filial. II Congresso Iberoamericano de Psicología Clínica e da Saúde, Guarujá-SP, 4 a 7 de abril de 2001. *Resumos* (p.18)
- Marturano, E. M. & Loureiro, S. R. (2003) O desenvolvimento socioemocional e as queixas escolares. Em: Del Prette, A. & Del Prette, Z.A.P. (orgs.) *Habilidades*

- Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem*. Campinas-Sp: Editora Alínea, pp. 259-291.
- Mawhinney, V.T. & Petersen, C.J. (1990) *Child development: parenting and teaching*. (2^a ed.). Cincinnati: South-Western Publishing CO.
- McGoldrick, M. (1995) As mulheres e o ciclo de vida familiar. In: Carter, B. & McGoldrick, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas (pp. 30-64)
- MEC-Ministério da Educação (2002) Demandas para a constituição de diretrizes específicas para as licenciaturas na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Em: <http://www.mec.gov.br/seesp/Ftp/Diretrizes.pdf>
- Mendes, E.G. (1995) Deficiência mental: a construção científica de um conceito e a realidade educacional. Tese de doutorado. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP.
- Mederer, H.J. (1993). Division of labor in two-earner homes: Task accomplishment versus household management as critical variables in perceptions of family work. *Journal of Marriage and the Family*, 55, 133–145.
- Moraes, C.G.A. (1997) O papel do terapeuta na separação conjugal. Em: Delitti, M. *Sobre Comportamento e Cognição*. São Paulo: ARBytes, pp. 237-244.
- Moreno, M.C. & Cubero, R. (1995) Relações sociais nos anos pré-escolares: Família, escola, colegas. Em Col, C; Palacios, J. & Marchesi, A. (orgs.) *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artmed.
- Moysés, L. (2001) *A auto-estima se constrói passo a passo*. Campinas, SP: Papirus.

- Murari, S.C.; Almeida, C.G.; Escaraboto, K.M. & Catarino, J.G. (2001) Uma análise sobre a percepção de filhos de famílias intactas e monoparentais a respeito das práticas educativas utilizadas por seus pais. II Congresso Iberoamericano de Psicologia Clínica e da Saúde, Guarujá-SP, 4 a 7 de abril de 2001. *Resumos* (p.88)
- Mussen, P.H.; Conger, J.J.; Kagan, J.T. & Huston, A.C. (1988) *Desenvolvimento e personalidade da criança*. Tradução de Auriphero B. Simões. São Paulo: Ed. Harbra.
- Nunes, L.R.O.P. (1995) Educação precoce para bebês de risco. Em: B. Range (org.) *Psicoterapia Comportamental e Cognitiva*. Campinas: Psy (pp. 121-132)
- Okagaki, L. & Sternberg, R.J. (1991) Cultural and parental influences on cognitive development. In: _____ *Directors of development: Influences on the development of children's thinking*. Hillsdale, N.J.: L. Erlbaum Associates (pp.101-119)
- Okano, C.B. (2001) O autoconceito de crianças atendidas em um programa de suporte psicopedagógico na escola. Dissertação de mestrado, Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo.
- Oliveira, L.D.B. & Mello, A.G. (2001) Relação entre Distúrbios de Aprendizagem e Fracasso Escolar e o Fracasso Escolar no Contexto das Pessoas Portadoras de Deficiências. Em:
http://www.geocities.com/floresdepessegueiro/html/surdez/fracasso_escolar.htm
- Parreira, V.L.C. & Marturano, E.M. (2002) *Como ajudar seu filho na escola*. São Paulo: Editora Ave Maria.

- Pichorim, S. (1994) *Prevenção de Deficiências: Proposta Metodológica em Pequenos Municípios*. Brasília: CORDE - Coordenadoria Nacional Para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência
- Pikunas, J. (1979) *Desenvolvimento Humano*. Tradução de Auriphebo B. Simões. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.
- Piotrowski, C.S.; Rapaport, R.N. & Rapaport, R. (1987) Families and work. In M.B. Sussman & S.K. Steinmetz (Eds.) *Handbook of marriage and the family*. (pp. 251-283) New York: Plenum Press.
- Pleck, J. (1985). *Working wives/Working husbands*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Romanelli, G. (1998) O relacionamento entre pais e filhos em famílias de camadas médias. *Paidéia*, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, Fev/Ago 98.
- Sánchez, A.V. & Escribano, E.A. (1999) *Mediação do Autoconceito*. Tradução de Cristina Murachco. Bauru, SP: EDUSC.
- Sanjuta, G. S.F., & Barham, E. J. (2002). *Práticas de emprego e o equilíbrio trabalho-família*. Monografia de conclusão de Bacharelado em Psicologia não publicada. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.
- Sayão, R. (2003) *Como educar meu filho? – Princípios e desafios da educação de crianças e de adolescentes hoje*. São Paulo: Publifolha.
- Senior Status Of Women Officials (1993) Women and men in the workplace: A discussion of workplace supports for workers with family responsibilities. *12th Annual Conference Of Ministers Responsible For The Status Of Women St. Andrews By The Sea*, N.B. June 6-8, 1993.

- Shavelson, R.J. & Bolus, R. (1982) Self-concept: The interplay of theory and methods. *Journal of educational psychology*, 74, 3-17.
- Shavelson, R. J.; Hubner, J.J. & Stanton, G. C. (1976) Self-concept: Validation of Construct interpretations. *Review of Educational Research*, 46, 407-441.
- Silveira, L.C., & Barham, E. J. (1999). *A escolha da mulher: Participação ou não do mercado de trabalho*. Monografia de conclusão de Bacharelado em Psicologia não publicada. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.
- Smith, T. W.; Davis, J. A. & Marsden, P. V. (1999) *The Emerging 21st Century American Family*. Chicago: Centro Nacional de Pesquisas de Opinião, Universidade de Chicago, 24 de novembro de 1999.
- Sorano, A. C., & Barham, E. J. (1999). *Diferenças entre os membros do casal devido ao gênero em relação ao trabalho doméstico*. Monografia de conclusão de Bacharelado em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.
- Stein, L.M. (1994) *TDE: Teste de Desempenho Escolar – manual para aplicação e interpretação*. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Sullerot, E. (1970) *História e sociologia da mulher no trabalho*. Rio de Janeiro: Expressão e cultura.
- Tiba, I. (2002) *Quem ama, educa!* São Paulo: Editora Gente
- Umberson, D. E Gove, W.R. (1989). Parenthood and psychological well-being: Theory, measurement, and stage in the family life course. *Journal of Family Issues*. 10 (4), 440-462.
- Vallejo-Nágera, J.A. e col. (2000) *Guía práctica de psicología*. Madrid: Ed. Temas de Hoy.

Vallejo-Nágera, A. (1997) *La edad del pavo: Consejos para lidiar con la rebeldía de los adolescentes*. Madrid: Ed. Temas de Hoy.

ANEXO 1:
Termo de consentimento livre e esclarecido - mães

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, autorizo minha participação no projeto de pesquisa sobre equilíbrio trabalho-família, intitulado "*Interação familiar e desempenho acadêmico de filhos de mães donas de casa e mães que trabalham fora*" e este projeto é coordenado pela Prof^a Dr^a Elisabeth Joan Barham, professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, da Universidade Federal de São Carlos. Esta pesquisa tem por objetivo verificar como é a interação materna de mulheres que não exercem atividades remuneradas fora do lar e a que exercem e a influência dessa interação no desempenho acadêmico e autoconceito dos filhos.

Minha participação constará de entrevistas individuais a serem concedidas à mestranda Sabrina Mazo D’Affonseca. As entrevistas serão de absoluta confidencialidade, não podendo ser divulgadas de forma a me identificar ou a identificar minha família de qualquer maneira. As entrevistas serão conduzidas nas dependências da Universidade Federal de São Carlos, ou em outro lugar de minha preferência. Passes gratuitos serão fornecidos para a ida e vinda até o local da entrevista. Poderei me desligar do projeto de pesquisa a qualquer momento se assim quiser.

Os dados coletados nesta pesquisa serão divulgados única e exclusivamente para fins acadêmicos e científicos. Não há riscos para os participantes desse projeto. No entanto, os participantes terão como benefícios receber uma devolutiva da pontuação no TDE dos filhos e do teste SDQI e receberão um pequeno manual de técnicas para auxiliar no melhor desempenho acadêmico dos filhos. Também será realizado como devolutiva dos resultados um treinamento com as mães, a fim de que as mesmas desenvolvam estratégias para maximizar a qualidade de interação com os filhos independente do período disponível para interagir com o mesmo.

Quaisquer outras informações sobre o projeto poderão ser obtidas com a mestranda Sabrina Mazo D’Affonseca, pelo telefone 272-5992/9115-3073.

São Carlos, ____ de _____ de 200__.

Assinatura

ANEXO 2:
Termo de consentimento livre e esclarecido - filhos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - FILHOS

Autorizo a participação do meu filho(a) _____ no projeto de pesquisa sobre equilíbrio trabalho-família, intitulado "*Interação familiar e desempenho acadêmico de filhos de mães donas de casa e mães que trabalham fora*" e este projeto é coordenado pela Prof^a Dr^a Elisabeth Joan Barham, professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, da Universidade Federal de São Carlos. Esta pesquisa tem por objetivo verificar como é a interação materna de mulheres que não exercem atividades remuneradas fora do lar e a que exercem e a influência dessa interação no desempenho acadêmico e autoconceito dos filhos.

A participação dele(a) constará de realização do Teste de Desempenho Escolar (TDE) e do Questionário para avaliação do autoconceito (SDQI) a serem concedidas à mestrandia Sabrina Mazo D’Affonseca. Os dados obtidos serão de absoluta confidencialidade, não podendo ser divulgados de forma a identificar meu filho(a) ou a identificar minha família de qualquer maneira. A aplicação dos instrumentos será conduzida nas dependências da Universidade Federal de São Carlos, ou em outro lugar de minha preferência, e não afetará as atividades acadêmicas dele(a). Passes gratuitos serão fornecidos para a ida e vinda até o local. Meu filho(a) poderá ser desligado do projeto de pesquisa a qualquer momento se assim quiser.

Os dados coletados nesta pesquisa serão divulgados única e exclusivamente para fins acadêmicos e científicos. Não há riscos para os participantes desse projeto. No entanto, os participantes terão como benefícios receber uma devolutiva da pontuação no TDE dos filhos e do teste SDQI e receberão um pequeno manual de técnicas para auxiliar no melhor desempenho acadêmico dos filhos. Também será realizado como devolutiva dos resultados um treinamento com as mães, a fim de que as mesmas desenvolvam estratégias para maximizar a qualidade de interação com os filhos independente do período disponível para interagir com o mesmo.

Quaisquer outras informações sobre o projeto poderão ser obtidas com a mestrandia Sabrina Mazo D’Affonseca, pelo telefone 272-5992/9115-3073.

São Carlos, ____ de _____ de 200__.

Assinatura da mãe

ANEXO 3:
**Questionário sobre a percepção materna a respeito do relacionamento
familiar e de seu bem-estar – Mães que trabalham fora**

Questionário sobre a percepção materna a respeito do relacionamento familiar e de seu bem-estar – Mães que trabalham fora

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre a qualidade da interação familiar e desempenho acadêmico dos filhos de mães donas de casa e de mães que trabalham fora. Sua participação consiste em responder as questões. Cabe lembrar que essa pesquisa é voluntária e todas as informações serão mantidas em sigilo.

IDENTIFICAÇÃO

1. _____ Nome: _____

2. Idade: _____ anos
 3. Estado civil:
 casada ou vivendo como casada solteira
 separada ou divorciada viúva

4. Com qual idade você se casou? _____ anos

5. Há quanto tempo você vive junto com seu parceiro? _____ anos

6. Você pertence a alguma religião? Não Sim. Qual? _____

7. Escolaridade: 1º grau incompleto 1º grau completo 2º grau incompleto 2º grau completo 3º grau incompleto 3º grau completo Pós-graduação

8. Qual sua ocupação? estudante dona de casa
 trabalha fora de casa. Qual é a sua função? _____

9. Antes de se casar, você já trabalhou fora de casa? não sim

10. Qual a renda total de sua casa atualmente?
 Menos de R\$ 240,00 Mais de R\$2400 e menos de R\$500,00
 Mais de R\$500,00 e menos de R\$1000,00 Mais de R\$1000,00 e menos de R\$1500,00
 Mais de R\$1500,00 e menos de R\$2000,00 Mais de R\$2000,00 e menos de R\$2500,00
 Mais de R\$2500,00 e menos de R\$3000,00 Mais de R\$3000,00

IMPACTO DOS FILHOS NO HISTÓRICO DO TRABALHO

11. Você tem filhos? Não Sim. Quantos? _____

Nome	Idade	Escolaridade

12. Especificamente, quando nasceram seus filhos?

	Você estava trabalhando antes do nascimento do seu filho?		Você voltou a trabalhar?		Depois de quanto tempo?
	Sim	Não	Sim	Não	
Primeiro filho					
Segundo filho					
Terceiro filho					
Quarto filho					
Quinto filho					

13. Quem cuida de seu filho enquanto você está trabalhando?

- () Deixa na escolinha () Ficam sozinhos () Avó () Outro parente. Qual? _____
 () Amiga/Vizinha () Outro: _____

14. Como você se sente em relação a essas pessoas no cuidado de seus filhos?

Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito

IMPORTÂNCIA DO PAPEL DO TRABALHO PARA A IDENTIDADE

15. Aponte quanto você concorda ou discorda de cada item sobre o seu emprego.

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
a. Meu trabalho é parte importante de quem eu sou					
b. Provavelmente eu continuaria trabalhando mesmo sem a necessidade de dinheiro					
c. Eu trabalho mais por precisar do que por querer					
d. Meu trabalho ocupa um lugar importante em minha vida					
e. Se eu trabalho ou não pouco importa sobre o que eu sinto sobre mim					

SATISFAÇÃO COM O TRABALHO

16. Aponte o número que melhor descreve o quanto você está satisfeito ou insatisfeito com cada item a seguir, em termos do seu trabalho.

	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
a. O salário que você recebe					
b. Os benefícios do trabalho que você recebe					
c. Quantidade de orientação que você recebe					
d. A qualidade da orientação que você recebe					
e. Como seu superior trata você					
f. Ajuda que você tem de seus colegas de trabalho					
g. Como você e seus colegas de trabalho se relacionam pessoalmente					
h. A quantidade de trabalho que você tem de fazer					
i. A oportunidade que você tem de usar as suas capacidades					
j. A carreira que você pode seguir					

k. O grau de justiça nas políticas de promoções					
l. As oportunidades de aprender coisas novas					
m. As oportunidades de realizar alguma coisa de valor					
n. Quanto você se sente bem com aquilo que faz					
o. De modo geral, qual o grau de satisfação ou insatisfação que você tem no seu emprego atual.					

CARGA DE TRABALHO

17. Aponte quanto você concorda ou discorda de cada item sobre o seu emprego.

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
a. Tenho tempo suficiente para completar meu trabalho					
b. No meu emprego tenho coisas demais para fazer					
c. Raramente eu consigo terminar o trabalho que tenho para fazer					
d. Frequentemente tenho tempo sobrando					

ESCALA DE ESTRESSE

18. No último mês, pensando em como você estava se sentindo...

	Nunca	Quase nunca	Às vezes	A maior parte do tempo	O tempo todo
a. Sentiu-se sufocado pelas coisas					
b. Sentiu-se de bem com a vida					
c. Sentiu-se ansioso e/ou preocupado					
d. Capaz de manejar o estresse					
e. Sentiu-se cansado e esgotado					
f. Sentiu-se calmo e relaxado					
g. Teve dificuldade para se concentrar					
h. Sentiu-se cheio de energia					
i. Sentiu-se incapaz de dar conta de tudo					
j. Sentiu tudo sobre controle					
k. Capaz de fazer alguma coisa para diminuir os problemas					

CUSTOS NO TRABALHO

19. Algumas dessas coisas aconteceram apesar da sua vontade?

	Não se aplica	Uma vez por mês ou menos	Duas ou três vezes por mês	Uma vez por semana	Várias vezes por semana	Todo dia
a. Não pude participar de algumas reuniões						
b. Não pude fazer algumas viagens de trabalho						

c. Não pude aceitar projetos extras						
d. Não pude aceitar promoções						
e. Não pude trabalhar no turno que eu gostaria						
f. Não pude participar de algum treinamento						
g. Não pude pedir/aceitar uma transferência						
h. Tive que reduzir o número de horas de trabalho por semana						
i. Eu tive um conflito com meu superior						
j. Eu tive um conflito com meus colegas de trabalho						
k. Não consegui me concentrar no trabalho						
l. Tive que interromper meu trabalho para resolver alguma outra coisa						
m. Cheguei atrasada						
n. Precisei de um tempo maior de almoço						
o. Tive que sair mais cedo do trabalho						

CUSTOS PESSOAIS

20. Assinale o quanto você se sente satisfeito em relação a quantidade de tempo que você tem disponível para realizar cada atividade.

	1 Muito insatisfeito	2 Insatisfeito	3 Nem satisfeito, nem insatisfeito	4 Satisfeito	5 Muito satisfeito
a. Encontros com outros familiares					
b. Encontros com os amigos					
c. Atividade física					
d. Trabalho voluntário					
e. Cursos de aperfeiçoamento					
f. Participação em associações religiosas e comunitárias					
g. Outras atividades de lazer					
h. Se alimentar do modo que gostaria					
i. Consultar médicos, dentistas e outros profissionais da saúde					
j. Cuidar da aparência pessoal					
k. Descansar/dormir					
l. Outros					

AMBIENTE INTERPESSOAL DE TRABALHO

21. No seu ambiente de trabalho...

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
<i>Em geral...</i>					
a- Esta empresa deixa claro que os empregados não deveriam deixar a vida pessoal/familiar interferir no trabalho					
b- Meu superior não entende que as vezes os compromissos pessoais/familiares dos empregados vêm antes do trabalho					
c- Meu superior faz coisas que ajudam no equilíbrio entre a vida pessoal/familiar e o trabalho dos empregados					
d- Para marcar reuniões ou horas extras meu superior mostra pouca consideração pelos compromissos pessoais/familiares dos empregados					
e- Meu superior faz o possível para tornar as coisas mais fáceis quando os empregados têm dificuldades em casa.					
<i>Quanto a mim...</i>					
f- Meu superior respeita pouco minhas responsabilidades pessoais/familiares					
g- Meu superior não entende o quanto a minha vida pessoal/familiar é importante para mim					
h- Meu superior se importa com o andamento das minhas coisas fora do trabalho					
i- Meu superior não quer saber dos meus compromissos fora do trabalho					
<i>Agora vou perguntar sobre as pessoas com quem você trabalha...</i>					
j- Eu não posso falar sobre assuntos pessoais com meus colegas de trabalho					
k- Se eu tiver que perder parte do dia de trabalho, tenho colegas que me substituiriam na medida do possível					
l- Eu tenho colegas do trabalho que fariam esforço extra para me ajudar					
m- Se eu estivesse com dificuldades pessoais haveria colegas de trabalho que se importariam comigo					
n- Meus colegas de trabalho não mostram boa vontade em me ajudar					
o- Eu tenho colegas de trabalho que me apoiariam se eu estivesse passando por problemas pessoais					
p- Eu não posso depender dos meus colegas de trabalho para ajuda prática					

SATISFAÇÃO COM O DESEMPENHO NO PAPEL FAMILIAR

22. Usando a escala abaixo aponte quanto você concorda ou discorda de cada item sobre a sua vida familiar.

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
a. Eu não estou colaborando tanto com a minha família como eu gostaria de estar					
b. Acho que eu não estou mantendo minha casa tão organizada como eu gostaria					
c. Acho que eu estou cumprindo com meus compromissos familiares					
d. Sinto que eu estou tão próximo a minha família como eu gostaria de estar					
e. Estou satisfeito com o suporte financeiro que eu proporciono a minha família					
f. Acho que deixo as pessoas da minha família insatisfeitas comigo					
g. Não dou conta de tudo que eu preciso fazer para o meu filho					
h. Eu estou satisfeito com a qualidade dos cuidados que dedico ao meu filho					

APOIO DOS FAMILIARES PARA REALIZAÇÃO DE TAREFAS DOMÉSTICAS

23. Assinale o quanto você se sente satisfeito em relação ao apoio dos outros familiares para a realização de tarefas domésticas.

	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
a. A quantidade de serviço doméstico que o meu marido realiza					
b. A quantidade de tempo que o meu marido se dedica cuidando do meu filho					
c. A quantidade de tempo que o meu marido dedica na organização geral da casa (por exemplo, pagar contas, fazer compras etc.)					
d. A ajuda que você recebe de seu marido quando surgem conflitos entre seus compromissos familiares e do trabalho					
e. O apoio emocional que você recebe do seu marido					
f. A atenção que você recebe do seu marido para conversar sobre assuntos que são importantes para você					
g. O que seu marido pensa sobre o seu trabalho					

CRENÇAS PESSOAIS

24. Comparando trabalhar fora e ser dona de casa, quais são as vantagens e desvantagens de trabalhar fora? Para você, qual a importância de cada fator?

Nenhuma importância	Pouca importância	Média importância	Bastante importância	Muita importância
---------------------	-------------------	-------------------	----------------------	-------------------

VANTAGENS: _____

DESVANTAGENS: _____

25. Nos itens abaixo, gostaria que você relatasse a importância de cada um para você.

	Nenhuma importância	Pouca importância	Média importância	Bastante importância	Muita importância
a. Do fato de realizar você mesma as tarefas domésticas?					
b. Da opinião de seus pais na sua opção de trabalhar fora?					
c. Da opinião de seu marido na sua opção de trabalhar fora?					
d. Da opinião de seus amigos na sua opção de trabalhar fora?					

26. De modo geral, analisando as opiniões das pessoas a sua volta, o que você acha que elas prefeririam que você fosse: () Trabalhar fora () Dona de casa

27. O que os seus filhos acham de você trabalhar fora? _____

28. De que maneira seus pais, seu marido e seus amigos, apoiaram ou não o fato de você trabalhar fora.

	Pais	Marido	Amigos
a. Incentivar os estudos			
b. Apoio financeiro para estudar			
c. Apoio prático (para achar um emprego e para olhar os seus filhos)			
d. Apoio moral (valorizando a sua capacidade profissional)			

29. No ideal, em quais momentos da sua vida você gostaria de se dedicar ou poder ter se dedicado mais ao trabalho ou mais à família, ou ter uma combinação do trabalho e família?

Solteira: _____

Casada, sem filhos: _____

Casada, com filhos: _____

Casada, com filhos em idade escolar: _____

Casada, com filhos adultos: _____

30. Quais conflitos que você enfrentou para escolher trabalhar fora e não ser apenas dona de casa?

31. Quais os conflitos que você enfrenta, atualmente, por ter feito essa opção?

32. Qual a sua satisfação com a divisão do seu tempo entre trabalho e a família?

33. No ideal, como você gostaria de estar dividindo seu tempo entre o trabalho e a família?

HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS DOS PAIS PARA COM OS FILHOS

34. Falando sobre a sua comunicação com seu filho, gostaria que você apontasse a frequência com que...

	Nunca	Uma vez por mês	Uma vez por semana	Duas ou três vezes por semana	Uma vez por dia
a- Você mantém diálogo com seu filho?					
b- Você pergunta para seu filho sobre aspectos da dia-a-dia?					
c- Você pergunta para seu filho sobre o que aconteceu na escola?					
d- Você pergunta para seu filho sobre seis amigos?					
e- Você dá carinho a seu filho?					
f- Você elogia seu filho?					
g- Você oferece ajuda ao seu filho, quando precisa?					
h- Você expressa sentimentos positivos a seu filho?					
i- Você expressa seus sentimentos negativos a seu filho?					
j- Você expressa suas opiniões a seu filho?					
k- Você impõe limite a seu filho?					
l- Quando você promete algo a seu filho, você cumpre a promessa?					

35. Em relação à educação de seu filho, mais especificamente aos itens apresentados abaixo, aponte qual é a sua participação e a de sua esposa junto ao filho, considerando uma escala de 1 a 5, sendo que 1 'nenhuma participação' e 5 'muita participação'. Em seguida, aponte se há discordância na maneira de agir entre você e sua esposa.

	Sua participação	Participação do seu marido	Tem discordância?	
			Sim	Não
<i>Questões do contexto interno a família...</i>				
a- Higiene de seu filho				

b- Ingerir alimentos com baixo valor nutricional (frituras e guloseimas)				
c- Educação escolar (auxílio na tarefa, exigências em relação aos estudos etc.)				
d- Horário de lazer/Assistir televisão				
e- Horário de deitar				
f- Atender as solicitações de seu filho para comprar coisas desnecessárias				
g- Comprar roupas e brinquedos para o filho				
h- Dar mesada				
i- Punir seu filho por comportamento inadequado				
<i>Questões do contexto externo a família...</i>				
j- Círculo de amizades de seu filho				
k- Ter contato com parentes				
l- Fazer atividades físicas				
m- Ir a encontros religiosos				
n- Passear				
o- Ler de livros e revistas				
p- Outros. Quais? _____				

36. Quais os comportamentos de seu filho que lhe agrada? _____

37. Já aconteceu de você perceber que agiu errado com seu filho? () Sim () Não

37a- Se sim, o que você faz?

() Não faz nada () Pedir desculpas () Conversa com o filho () Outros _____

38. Durante o dia, quantas horas mais ou menos você passa fazendo alguma atividade, conversando, brincando etc. com seu filho? _____

39. Seu filho...

	Uma vez por dia	Duas ou três vezes por semana	Uma vez por semana	Uma vez por mês	Nunca
<i>Em relação a você...</i>					
a- Solicita que você faça algo por ele?					
b- Pede para que você o ajude em alguma atividade (acadêmica ou não)?					
c- Procura conversar com você?					
d- Conta as coisas boas e ruins ocorridas com ele em relação aos amigos?					
e- Conta as coisas boas ou ruins ocorridas com ele em relação a escola?					
f- Faz perguntas referentes ao seu dia-a-dia?					
g- Faz elogios a você?					
h- Desafia suas regras (desobediência)?					
i- Expressa desejos e preferências, dando razão para suas ações e posições?					
j- Dá carinho (abraços, beijos)?					

PARTICIPAÇÃO DAS MÃES NAS ATIVIDADES ESCOLARES, CULTURAIS E DE LAZER DOS FILHOS.

40. Quantas vezes você realiza as atividades descritas abaixo?

	Todo dia	Duas ou três vezes por semana	Uma vez por semana	Uma vez por mês	Uma vez por ano	Nunca
<i>Em relação às atividades escolares...</i>						
a- Acompanha o progresso escolar do seu filho						
b- Auxilia seu filho nas lições de casa						
c- Valoriza as conquistas acadêmicas de seu filho						
d- Lê/Conta histórias para seu filho						
e- Incentiva seu filho a ler (livros, revistas, jornais)						
f- Incentiva seu filho a assumir responsabilidade por tarefas escolares						
<i>Em relação às atividades da vida diária...</i>						
g- Incentiva seu filho a realizar atividades domésticas (cuidar das próprias coisas, da casa etc.)						
h- Acompanha seu filho para se vestir						
i- Acompanha seu filho nas refeições						
k- Auxilia seu filho nas atividades de higiene (escovar os dentes, tomar banho)						
<i>Em relação às atividades de lazer e recreativas...</i>						
l- Pede para seu filho organizar objetos pessoais (roupas, brinquedos)						
m- Brinca com seu filho						
n- Incentiva seu filho a brincar com jogos educativos						
o- Valoriza as conquistas esportivas de seu filho						
p- Assiste filmes com seu filho da escolha dele						
q- Passeia com seu filho (shopping, zoológico, casa de familiares etc.)						
r- Assiste eventos culturais com seu filho (teatro, cinema, shows musicais)						
<i>Em relação aos contatos sociais...</i>						

s- Incentiva seu filho a ter contato com outras crianças (leva na casa dos amigos, recebe os amigos em casa)						
t- Incentiva seu filho a ter contato com outros adultos (tios, amigos da família etc.)						

41. Você participa das reuniões escolares de seu filho? () Sim () Não

41. Se sim, com qual frequência?

Em todas as reuniões	Na maioria das reuniões	Esporadicamente	Só quando o filho apresenta problemas

42. Você mantém contato com o professor a respeito de seu filho? () Sim () Não

42a. Se sim, qual a frequência de contato?

Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Bimestralmente	Semestralmente

42b. O que você acha dessa frequência? () Suficiente () Insuficiente

43. Seu filho tem um ambiente específico só para estudar? Neste ambiente há ruídos ou barulho de televisão, por exemplo? Há atividades paralelas que ocorrem quando seu filho está estudando?

44. Qual é a rotina diária de seu filho em relação aos estudos? Como é o rendimento acadêmico de seu filho?

OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO!!

Maiores informações podem ser obtidas com **Sabrina** pelos telefones (16) 2725992 / 91153073

ANEXO 4:
**Questionário sobre a percepção materna a respeito do relacionamento
familiar e de seu bem-estar – Mães donas de casa**

Questionário sobre a percepção materna a respeito do relacionamento familiar e de seu bem-estar – Mães donas de casa

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa sobre a qualidade da interação familiar e desempenho acadêmico dos filhos de mães donas de casa e de mães que trabalham fora. Sua participação nessa pesquisa é voluntária e todas as informações serão mantidas em sigilo.

IDENTIFICAÇÃO

1. Nome: _____
2. Idade: _____ anos
3. Estado civil:
 casada ou vivendo como casada solteira
 separada ou divorciada viúva
4. Com qual idade você se casou? _____ anos
5. Há quanto tempo você vive junto com seu parceiro? _____ anos
6. Você pertence a alguma religião? Não Sim. Qual? _____
7. Escolaridade: 1º grau incompleto 1º grau completo 2º grau incompleto 2º grau completo 3º grau incompleto 3º grau completo
 Pós-graduação
8. Qual sua ocupação? estudante dona de casa
 trabalha fora de casa. Qual é a sua função? _____
9. Antes de se casar, você já trabalhou fora de casa? não sim
10. Qual a renda total de sua casa atualmente?
 Menos de R\$ 240,00 Mais de R\$2400 e menos de R\$500,00
 Mais de R\$500,00 e menos de R\$1000,00 Mais de R\$1000,00 e menos de R\$1500,00
 Mais de R\$1500,00 e menos de R\$2000,00 Mais de R\$2000,00 e menos de R\$2500,00
 Mais de R\$2500,00 e menos de R\$3000,00 Mais de R\$3000,00

IMPACTO DOS FILHOS NO HISTÓRICO DO TRABALHO

11. Você tem filhos? Não Sim. Quantos? _____

Nome	Idade	Escolaridade

12. Especificamente, quando nasceram seus filhos?

	Você estava trabalhando antes do nascimento do seu filho?		Você voltou a trabalhar?		Depois de quanto tempo?
	Sim	Não	Sim	Não	
Primeiro filho					
Segundo filho					
Terceiro filho					
Quarto filho					

ESCALA DE ESTRESSE

13. No último mês, pensando em como você estava se sentindo...

	Nunca	Quase nunca	Às vezes	A maior parte do tempo	O tempo todo
a. Sentiu-se sufocado pelas coisas					
b. Sentiu-se de bem com a vida					
c. Sentiu-se ansioso e/ou preocupado					
d. Capaz de manejar o estresse					
e. Sentiu-se cansado e esgotado					
f. Sentiu-se calmo e relaxado					
g. Teve dificuldade para se concentrar					
h. Sentiu-se cheio de energia					
i. Sentiu-se incapaz de dar conta de tudo					
j. Sentiu tudo sobre controle					
k. Capaz de fazer alguma coisa para diminuir os problemas					

CUSTOS PESSOAIS

14. Assinale o quanto você se sente satisfeito em relação a quantidade de tempo que você tem disponível para realizar cada atividade.

	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
a. Encontros com outros familiares					
b. Encontros com os amigos					
c. Atividade física					
d. Trabalho voluntário					
e. Cursos de aperfeiçoamento					
f. Participação em associações religiosas e comunitárias					
g. Outras atividades de lazer					
h. Se alimentar do modo que gostaria					
i. Consultar médicos, dentistas e outros profissionais da saúde					
j. Cuidar da aparência pessoal					
k. Descansar/dormir					
l. Outros					

SATISFAÇÃO COM O DESEMPENHO NO PAPEL FAMILIAR

15. Usando a escala abaixo aponte quanto você concorda ou discorda de cada item sobre a sua vida familiar.

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
a. Eu não estou colaborando tanto com a minha família como eu gostaria de estar					
b. Acho que eu não estou mantendo minha casa tão organizada como eu gostaria					
c. Acho que eu estou cumprindo com meus compromissos familiares					
d. Sinto que eu estou tão próximo a minha família como eu gostaria de estar					
e. Estou satisfeito com o suporte financeiro que eu proporciono a minha família					

f. Acho que deixo as pessoas da minha família insatisfeitas comigo					
g. Não dou conta de tudo que eu preciso fazer para o meu filho					
h. Eu estou satisfeito com a qualidade dos cuidados que dedico ao meu filho					

APOIO DOS FAMILIARES PARA REALIZAÇÃO DE TAREFAS DOMÉSTICAS

16. Assinale o quanto você se sente satisfeito em relação ao apoio dos outros familiares para a realização de tarefas domésticas.

	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
a. A quantidade de serviço doméstico que o meu marido realiza					
b. A quantidade de tempo que o meu marido se dedica cuidando do meu filho					
c. A quantidade de tempo que o meu marido dedica na organização geral da casa (por exemplo, pagar contas, fazer compras etc.)					
d. A ajuda que você recebe de seu marido quando surgem conflitos entre seus compromissos familiares e do trabalho					
e. O apoio emocional que você recebe do seu marido					
f. A atenção que você recebe do seu marido para conversar sobre assuntos que são importantes para você					
g. O que seu marido pensa sobre o seu trabalho					

CRENÇAS PESSOAIS

17. Comparando trabalhar fora e ser dona de casa, quais são as vantagens e desvantagens de trabalhar fora?

Nenhuma importância	Pouca importância	Média importância	Bastante importância	Muita importância
---------------------	-------------------	-------------------	----------------------	-------------------

VANTAGENS: _____

DESvantagens: _____

18. Nos itens abaixo, gostaria que você relatasse a importância de cada um para você.

	Nenhuma importância	Pouca importância	Média importância	Bastante importância	Muita importância
a. Do fato de realizar você mesma as tarefas domésticas?					
b. Da opinião de seus pais na sua opção de ser dona de casa?					

e- Você dá carinho a seu filho?					
f- Você elogia seu filho?					
g- Você oferece ajuda ao seu filho, quando precisa?					
h- Você expressa sentimentos positivos a seu filho?					
i- Você expressa seus sentimentos negativos a seu filho?					
j- Você expressa suas opiniões a seu filho?					
k- Você impõe limite a seu filho?					
l- Quando você promete algo a seu filho, você cumpre a promessa?					

27. Em relação à educação de seu filho, mais especificamente aos itens apresentados abaixo, aponte qual é a sua participação e a de sua esposa junto ao filho, considerando uma escala de 1 a 5, sendo que 1 'nenhuma participação' e 5 'muita participação'. Em seguida, aponte se há discordância na maneira de agir entre você e seu esposo.

	Sua participação	Participação do seu marido	Tem discordância?	
			Sim	Não
<i>Questões do contexto interno a família...</i>				
a- Higiene de seu filho				
b- Ingerir alimentos com baixo valor nutricional (frituras e guloseimas)				
c- Educação escolar (auxílio na tarefa, exigências em relação aos estudos etc.)				
d- Horário de lazer/Assistir televisão				
e- Horário de deitar				
f- Atender as solicitações de seu filho para comprar coisas desnecessárias				
g- Comprar roupas e brinquedos para o filho				
h- Dar mesada				
i- Punir seu filho por comportamento inadequado				
<i>Questões do contexto externo a família...</i>				
j- Círculo de amizades de seu filho				
k- Ter contato com parentes				
l- Fazer atividades físicas				
m- Ir a encontros religiosos				
n- Passear				
o- Ler de livros e revistas				
p- Outros.				

28. Quais os comportamentos de seu filho que lhe agrada? _____

29. Já aconteceu de você perceber que agiu errado com seu filho? () Sim () Não

30- Se sim, o que você faz?
 () Não faz nada () Pedir desculpas () Conversa com o filho () Outros _____

31. Durante o dia, quantas horas mais ou menos você passa fazendo alguma atividade, conversando, brincando etc. com seu filho?

32. Seu filho...

	Uma vez por dia	Duas ou três vezes por semana	Uma vez por semana	Uma vez por mês	Nunca
<i>Em relação a você...</i>					
a- Solicita que você faça algo por ele?					
b- Pede para que você o ajude em alguma atividade (acadêmica ou não)?					
c- Procura conversar com você?					
d- Conta as coisas boas e ruins ocorridas com ele em relação aos amigos?					
e- Conta as coisas boas ou ruins ocorridas com ele em relação a escola?					
f- Faz perguntas referentes ao seu dia-a-dia?					
g- Faz elogios a você?					
h- Desafia suas regras (desobediência)?					
i- Expressa desejos e preferências, dando razão para suas ações e posições?					
j- Dá carinho (abraços, beijos)?					

PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NAS ATIVIDADES ESCOLARES, CULTURAIS E DE LAZER DOS FILHOS.

33. Quantas vezes você realiza as atividades descritas abaixo?

	Todo dia	Duas ou três vezes por semana	Uma vez por semana	Uma vez por mês	Uma vez por ano	Nunca
<i>Em relação às atividades escolares...</i>						
a- Acompanha o progresso escolar do seu filho						
b- Auxilia seu filho nas lições de casa						
c- Valoriza as conquistas acadêmicas de seu filho						
d- Lê/Conta histórias para seu filho						
e- Incentiva seu filho a ler (livros, revistas, jornais)						
f- Incentiva seu filho a assumir responsabilidade por tarefas escolares						
<i>Em relação às atividades da vida diária...</i>						
g- Incentiva seu filho a realizar atividades domésticas (cuidar das próprias coisas, da casa etc.)						
h- Acompanha seu filho para se vestir						
i- Acompanha seu filho nas refeições						
k- Auxilia seu filho nas atividades de higiene (escovar os dentes, tomar banho)						
<i>Em relação às atividades de lazer e recreativas...</i>						
l- Pede para seu filho organizar objetos pessoais (roupas, brinquedos)						

m- Brinca com seu filho						
n- Incentiva seu filho a brincar com jogos educativos						
o- Valoriza as conquistas esportivas de seu filho						
p- Assiste filmes com seu filho da escolha dele						
q- Passeia com seu filho (shopping, zoológico, casa de familiares etc.)						
r- Assiste eventos culturais com seu filho (teatro, cinema, shows musicais)						
<i>Em relação aos contatos sociais...</i>						
s- Incentiva seu filho a ter contato com outras crianças (leva na casa dos amigos, recebe os amigos em casa)						
t- Incentiva seu filho a ter contato com outros adultos (tios, amigos da família etc.)						

34. Você participa das reuniões escolares de seu filho? () Sim () Não

35. Se sim, com qual frequência?

Em todas as reuniões	Na maioria das reuniões	Esporadicamente	Só quando o filho apresenta problemas

36. Você mantém contato com o professor a respeito de seu filho? () Sim () Não

36a. Se sim, qual a frequência de contato?

Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Bimestralmente	Semestralmente

36b. O que você acha dessa frequência? () Suficiente () Insuficiente

37. Seu filho tem um ambiente específico só para estudar? Neste ambiente há ruídos ou barulho de televisão, por exemplo? Há atividades paralelas que ocorrem quando seu filho está estudando?

38. Qual é a rotina diária de seu filho em relação aos estudos? Como é o rendimento acadêmico de seu filho?

Obrigada pela sua participação!!!

ANEXO 5:
Questionário de Interação Familiar - Filhos

INTERAÇÃO FAMILIAR NA VISÃO DOS FILHOS

Esta é uma atividade elaborada para que você possa falar um pouquinho sobre o seu relacionamento com o seu pai e com a sua mãe. Não existe resposta certa ou errada. Pense um pouquinho antes de responder e responda o mais sinceramente possível.

Nome: _____ Idade: _____ Série: _____

	Uma vez por dia	Duas ou três vezes por semana	Uma vez por semana	Uma vez por mês	Nunca
Sua mãe solicita que você faça algo por ela?					
Sua mãe pede para que você a ajude em alguma atividade?					
Sua mãe procura conversar com você?					
Sua mãe conta as coisas boas e ruins ocorridas com ela em relação aos amigos?					
Sua mãe conta as coisas boas ou ruins ocorridas com ele em relação ao trabalho (se sua mãe não trabalhar fora, faça um risco na questão)?					
Sua mãe faz perguntas referentes ao seu dia-a-dia?					
Sua mãe faz elogios a você?					
Sua mãe lhe dá carinho (abraços, beijos)?					
Sua mãe expressa desejos e preferências, dando razão para suas ações e posições?					

ANEXO 6:
Resumo do desempenho dos alunos no TDE entregue aos professores

Objetivos do trabalho a ser desenvolvido pelas Psicólogas:

1. Realizar um estudo descritivo com o pai e a mãe das crianças de 5º e 6º séries, com o intuito de verificar aspectos do trabalho e do relacionamento entre pais e filhos;
2. Com as crianças que os pais autorizaram a participação no projeto, foi realizada a aplicação do TDE-Teste de Desempenho Escolar, com o objetivo de verificar o rendimento acadêmico das crianças em aritmética, leitura e escrita;
3. Dar devolutiva dos dados para os professores de 5º e 6º séries;
4. Dar devolutiva para os pais, com folders explicativos de como manejar estresse, resolver conflitos familiares e no trabalho e auxiliar os filhos nas atividades acadêmicas;
5. Realizar um treinamento com pais e estudantes (SESI), para auxiliar na aquisição de repertórios adequados de estudos.

Teste de Desempenho Escolar-TDE

Com o intuito de avaliar o desempenho acadêmico dos alunos foi utilizado o Teste de Desempenho Escolar-TDE (Stein, 1994), que é um instrumento com propriedades psicométricas que avalia as capacidades fundamentais para o desempenho escolar. Esse teste foi concebido para a avaliação de escolares de 1ª a 6ª séries do Ensino Fundamental e é composto de três subtestes: (1) escrita: envolve a escrita do nome próprio e de 34 palavras isoladas apresentadas sob a forma de ditado (pontuação máxima de 35); (2) aritmética: requer a solução oral de três problemas e cálculos de 35 operações aritméticas, por escrito (pontuação máxima de 38) e (3) leitura: requer o conhecimento de 70 palavras, isoladas do contexto (pontuação máxima de 70). A pontuação máxima do teste inteiro é de 143 pontos.

Resultados

Foi aplicado os teste em:

- ❖ 19 alunos da 5ºA;
- ❖ 12 alunos da 5ºB;
- ❖ 12 alunos da 6ºA;
- ❖ 17 alunos da 6ºB;
- ❖ 3 alunos da 6ºC.

Resultados da 5ª Séries

5ª série A

Disciplinas	Pontuação média da 5ªA	Pontuação média das 5ªséries	Pontuação média das 5ªséries do Brasil	Pontuação mínima da sala	Pontuação máxima da sala
Aritmética	23.6	23.2	21-24	19	27
Escrita	26.8	22.7	29-31	3	35
Leitura	68.6	68.8	66-68	65	70
Pontuação total do teste	122.8	120.4	117-124	129	96

5ªsérie B

Disciplinas	Pontuação média da 5ªB	Pontuação média das 5ªséries	Pontuação média das 5ªséries do Brasil	Pontuação mínima da sala	Pontuação máxima
Aritmética	22.8	23.2	21-24	18	26
Escrita	31.2	22.7	29-31	27	34
Leitura	68.8	68.8	66-68	67	70
Pontuação total do teste	122.8	120.4	117-124	117	129

Na pontuação média da sala de aula, ambas 5ª séries apresentaram desempenho semelhante. No entanto, a 5ªB apresentou um desempenho maior no teste de escrita. Quando comparadas com as médias esperadas no Brasil, essas salas de aula estiveram dentro do padrão esperado.

Resultados da 6ª Séries

6ª série A

Disciplinas	Pontuação média da 6ªA	Pontuação média das 6ªséries	Pontuação média das 6ªséries do Brasil	Pontuação mínima da sala	Pontuação máxima da sala
Aritmética	23,8	25,7	24-27	12	34
Escrita	27,5	29,5	31-33	14	34
Leitura	68,5	68,9	66-68	66	70
Pontuação total do teste	119,8	124,2	123-130	98	136

6ª série B

Disciplinas	Pontuação média da 6ªB	Pontuação média das 6ªséries	Pontuação média das 6ªséries do Brasil	Pontuação mínima da sala	Pontuação máxima
Aritmética	26,8	25,7	24-27	17	35
Escrita	31,2	29,5	31-33	24	35
Leitura	69,1	68,9	66-68	40	70
Pontuação total do teste	127,1	124,2	123-130	111	139

6ª série C

Disciplinas	Pontuação média da 6ªC	Pontuação média das 6ªséries	Pontuação média das 6ªséries do Brasil	Pontuação mínima da sala	Pontuação máxima
Aritmética	27,6	25,7	24-27	21	33
Escrita	28,3	29,5	31-33	26	32
Leitura	69,3	68,9	66-68	68	70
Pontuação total do teste	125,3	124,2	123-130	123	130

Quando comparado as três 6ª séries, nota-se que a 6ªA apresentou uma pontuação média um pouco abaixo das demais 6ªséries. Quando comparada as 6ª séries com a pontuação média do Brasil, nota-se que a 6ªA estava um pouco abaixo da média em aritmética e escrita e a 6ªB estava um pouco abaixo da média em escrita.

Observações gerais:

Este teste é interessante para se atentar como de modo geral, todos os alunos obtiveram pontuação média e que isto é um bom índice da qualidade de ensino da presente escola, assim como da qualidade dos professores nela inseridos.

De qualquer forma, vale ressaltar que esse teste avalia a criança em apenas um momento, não podendo ser tirado quaisquer conclusões sobre o desempenho acadêmico da criança ou mesmo sobre a classe. Sempre pensando que os testes avaliam habilidades específicas e não o contexto geral em que a criança está inserida.

ANEXO 7:
**Modelo do resumo entregue às mães a respeito do desempenho do filho
no TDE**

RESULTADO DO TESTE DE DESEMPENHO ESCOLAR
ALUNA: XXXX

Disciplinas	Pontuação da aluna	Pontuação média da 6ªA	Pontuação média das 6ªséries	Pontuação média das 6ªséries do Brasil	Pontuação máxima
Aritmética	25	23,8	25,7	24-27	38
Escrita	34	27,5	29,5	31-33	35
Leitura	69	68,5	68,9	66-68	70
Pontuação total do teste	128	119,8	124,2	123-130	143

XXXX teve um desempenho dentro dos parâmetros esperados para sua escolaridade, sendo que a aluna se destacou no subteste de escrita e leitura, nos quais atingiu uma pontuação acima da média das sextas séries do Brasil. Comparando o seu desempenho com o dos alunos de sua sala de aula, o desempenho de XXXX foi superior a média em todos os subtestes. Já em comparação com os alunos da sexta série da escola SESI, XXXX se destacou em leitura e escrita, sendo que sua pontuação total superou a média dos alunos.

RESULTADO DO TESTE DE DESEMPENHO ESCOLAR
ALUNA: VVVV

Disciplinas	Pontuação da aluna	Pontuação média da 6ªB	Pontuação média das 6ªséries	Pontuação média das 6ªséries do Brasil	Pontuação máxima
Aritmética	35	26,8	25,7	24-27	38
Escrita	34	31,2	29,5	31-33	35
Leitura	70	69,1	68,9	66-68	70
Pontuação total do teste	139	127,1	124,2	123-130	143

VVVV teve um desempenho acima dos parâmetros esperados para sua escolaridade em todos os subtestes com pontuações acima da média das sextas séries do Brasil. Comparando o seu desempenho com o dos alunos de sua sala de aula e das sextas séries da escola SESI, observa-se que o desempenho de VVVV foi muito superior a média em todos os subtestes.

RESULTADO DO TESTE DE DESEMPENHO ESCOLAR
ALUNO: WWWW

Disciplinas	Pontuação do aluno	Pontuação média da 6ºB	Pontuação média das 6ºséries	Pontuação média das 6ºséries do Brasil	Pontuação máxima
Aritmética	22	26,8	25,7	24-27	38
Escrita	25	31,2	29,5	31-33	35
Leitura	64	69,1	68,9	66-68	70
Pontuação total do teste	111	127,1	124,2	123-130	143

WWW teve um desempenho abaixo dos parâmetros esperados para sua escolaridade em todos os subtestes, de acordo com a pontuação média das sextas séries do Brasil. Comparando o seu desempenho com o dos alunos de sua sala de aula e com os alunos da sexta série da escola SESI, observa-se que o desempenho de WWW foi inferior em todos os subtestes.

ANEXO 8:
Folder – Como lidar com o estresse

Exercício para levantamento de Sintomas de Stress (Fonte: Marilda Lippi)

Pensando na última semana, com qual frequência você experimentou as seguintes sintomas?

1. Tensão muscular (aperto do mandíbula, dor na nuca, etc.).
2. Hiperacidez estomacal (azia sem causa aparente).
3. Esquecimento de coisas do dia a dia (número de telefone que você usa com frequência, chave).
4. Irritabilidade excessiva.
5. Vontade de sumir de tudo.
6. Sensação de incompetência, que não vai conseguir lidar com o que está ocorrendo.
7. Pensar em um assunto apenas ou repetir o mesmo.
8. Ansiedade.
9. Distúrbio de sono (dormir de mais ou de menos).
10. Cansaço.
11. Trabalhar com nível de competência abaixo do seu normal.
12. Sentir que nada mais vale a pena.

Considere apenas o número de itens assinalados que apresentam mais de quatro reincidências.

Nenhum item assinalado: Parabéns, seu corpo está em pleno funcionamento no que se refere ao estresse.

De 1 a 3 itens assinalados: A vida pode estar um pouco estressante para você. Avalie o que está exigindo demais de sua resistência. Pode ser o mundo lá fora, pode ser você mesmo. Fortaleça o seu organismo.

De 4 a 8 itens assinalados: Seu nível de estresse está alto, algo está exigindo demais do seu organismo. Você pode estar chegando no seu limite. Considere uma mudança de estilo de vida e de hábitos. Analise em que o seu próprio modo de ser pode estar contribuindo para a tensão que está sentindo.

Mais de 8 itens assinalados: Seu nível de estresse está altíssimo. Cuidado. Procure ajuda de um psicólogo especializado em estresse. Sem dúvida você tem fontes de estresse representadas pelo mundo ao seu redor (pode ser família, ocupação, sociedade etc.) e fontes internas (seu modo de pensar, de sentir, de ser) com as quais precisa aprender a lidar.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Elaborado por:

Fabiana Cia
Sabrina Mazo D’Affonseca

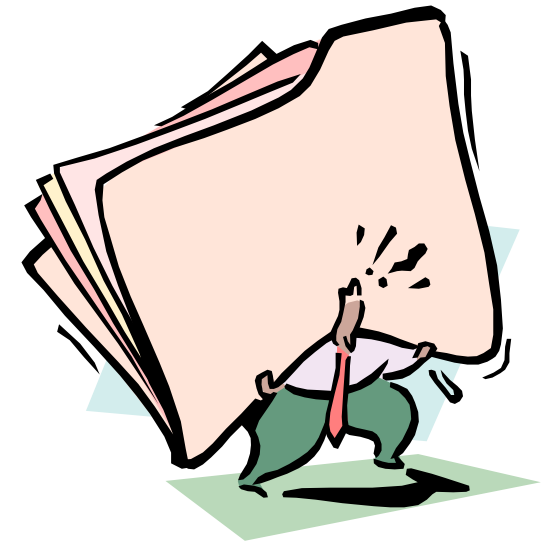
E-mail:

fabianacia@hotmail.com
samazo@hotmail.com

Apoio:



Stress



- O que é ?
- Razões que podem causá-lo
- Fases do stress.
- O que fazer para evitá-lo.
- Como lidar com o stress.
- Tipos de apoio para o enfrentamento de stress.

ANEXO 9: Folder – Conflitos interpessoais

Comparação de tipos de comportamentos nas interações com outras pessoas (Del Prette & Del Prette, 1998)

Passivo	Agressivo	Assertivo
Não persevera, recriminando a si e aos outros, “Que chata!”	Persevera, mas sem avaliar as conseqüências	Persevera, sempre avaliando se deve ou não continuar
Sempre concorda com o grupo	Consegue discordar do grupo, desvalorizando-o	Consegue discordar do grupo sem desvalorizá-lo
Gera, em relação a si, sentimentos de pena, irritação, desprezo.	Gera, em relação a si, sentimentos de raiva e vingança “Espera só...”	Gera, em relação a si, sentimentos de respeito e consideração
Sente-se mal consigo mesmo	Pode sentir-se bem ou mal consigo mesmo	Sente-se satisfeito consigo mesmo
Produz uma imagem negativa de si mesmo	Produz uma imagem negativa de si mesmo	Produz uma imagem positiva de si mesmo
Nunca quer tomar uma posição “Talvez”, “Sei lá”	Manda nos outros “Eu quero”, “Faz favor!”	Toma uma posição sem mandar nos outros “Acho que sim”
Evita contato visual	Contato visual intimidador	Mantém contato visual, sem intimidar
Tom de queixa, hesitando na sua fala	Fala lato demais, com confiança	Fala em tom audível, com confiança
Gestos nervosos, postura submissa	Gestos ameaçadores e postura desafiadora	Gestos firmes e postura segura

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL**

Elaborado por:

Fabiana Cia
Sabrina Mazo D’Affonseca

E-mail:

fabianacia@hotmail.com
samazo@hotmail.com

Apoio:



Lidando com conflitos



Usando suas habilidades interpessoais



ANEXO 10:
Folder – Como auxiliar o filho nos estudos

O NÓ

Em uma reunião de pais numa escola de periferia, a diretora incentivava o apoio que os pais deveriam dar aos filhos. Colocava essa diretora também que os mesmos deveriam se fazer presentes para os filhos; entendia que, embora soubesse que a maioria dos pais e mães daquela comunidade trabalhasse fora, deveriam achar um tempinho para se dedicar e atender as crianças. Ela ficou surpresa quando um pai se levantou e explicou, na sua maneira humilde, que ele não tinha tempo de falar com o filho, nem de vê-lo durante a semana, pois quando ele saía para trabalhar era muito cedo e o filho ainda estava dormindo, e quando voltava do trabalho, o garoto já estava deitado, porque era muito tarde. Explicou, ainda que tinha de trabalhar assim para prover o sustento da sua família. Porém, ele contou também que isso o deixava angustiado por não ter tempo para o filho, mas que tentava redimir, indo beijá-lo todas as noites quando chegava em casa, para que o filho soubesse de sua presença, ele dava um nó na ponta do lençol que o cobria. Isso acontecia, religiosamente, todas as noites quando ia beijá-lo. Quando este acordava e via o nó, sabia que o pai havia estado ali e o havia beijado. O nó era o elo de comunicação entre eles. Mais surpresa ainda a diretora ficou, quando constatou que o filho desse pai era um dos melhores alunos da sala.

Essa história nos faz refletir sobre as muitas e muitas maneiras de um pai/mãe se fazer presente, de se comunicar com seu filho, e esse pai encontrou a maneira dele. E o mais importante: "a criança percebe isso".

Nós nos preocupamos com nossos filhos, mas é importante que eles sintam, que eles saibam disso. Devemos nos exercitar nessa comunicação e encontrar cada um a sua própria maneira de mostrar ao seu filho a sua presença. **Então, você já deu um nó no lençol de seu filho hoje?**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO
CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS
HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Elaborado por:

Fabiana Cia
Sabrina Mazo D’Affonseca

E-mail:

fabianacia@hotmail.com
samazo@hotmail.com

Apoio:



AJUDANDO OS PAIS NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS

